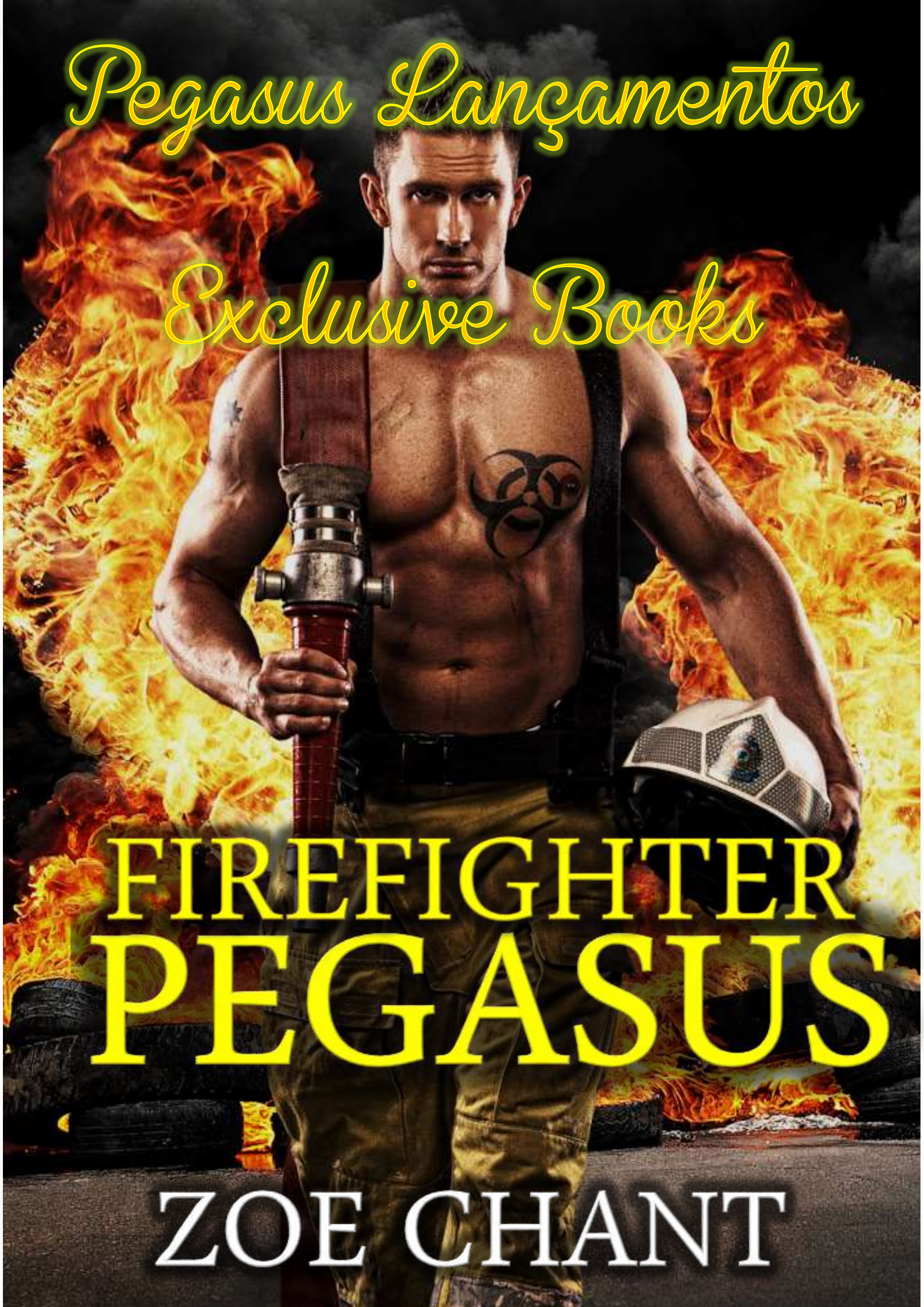




FIREFIGHTER PEGASUS

ZOE CHANT





Pegasus Lançamentos

Exclusive Books

FIREFIGHTER PEGASUS

ZOE CHANT



Exclusive Book's

Pegasus Lançamentos e Exclusive Book's



Tradução: Exclusive Books, Gigica,

Denise Silva, Cah, Ana Lucia S.

Revisão Inicial: Ise K, Manu, A.

Domingos, Bia Regina

Revisão Final: Silvia Helena

Leitura Final: Yaya

Formatação: Indyy Oliveira

Verificação: Ray



Sinopse

Uma piloto curvilínea, desconfiada de homens volúveis, + um shifter pegasus bombeiro, determinado a conquistar seu coração, + uma corrida aérea de alta velocidade, com apostas ainda mais altas – um romance explosivo!

A piloto curvilínea Connie West odeia correr riscos. Mas quando seu pai imprudente coloca seu amado avião, em uma aposta com um agiota impiedoso, Connie é forçada a entrar na Rydon Cup, uma perigosa corrida aérea de alta velocidade. Para ganhar a aposta, ela precisa de um co-piloto em quem possa confiar completamente. Alguém cauteloso e sensato. Alguém, completamente, diferente do lindo e selvagem Chase...

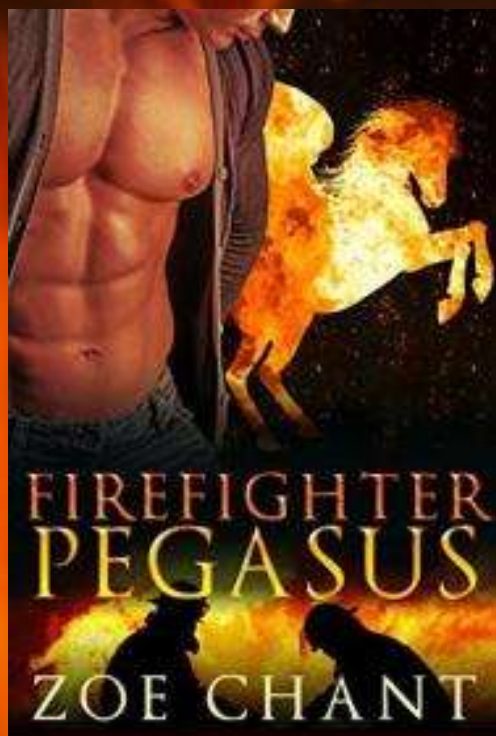
O pegasus shifter e bombeiro Chase Tiernach vive a vida em alta velocidade, mas, nem mesmo seus amigos íntimos, a equipe de bombeiros shifter, pode adivinhar que, em seu sorriso fácil, esconde um coração partido. Três anos atrás, ele conheceu sua estimada companheira Connie... E a perdeu, graças à sua reputação de imprudente.

Quando Chase, inesperadamente, resgata Connie de um incêndio, determina que desta vez ganhará sua confiança. Tudo o que precisa fazer é lutar contra uma gangue de shifters tubarões criminosos, defender Connie de um misterioso assassino, convencê-la a se casar com ele, para que seu clã lhe permita dizer que se transforma em um cavalo voador e ganhe uma perigosa corrida aérea, em um avião de guerra vintage! O que poderia dar errado?

Com inimigos que farão de tudo, para impedi-la de ganhar a aposta, Connie corre o risco de perder seu avião, sua vida e mais assustadoramente, seu coração. Pode Chase persuadi-la a dar uma chance a ele, ou será que o amor deles falhará e queimará... novamente?

Firefighter Pegasus é um romance pegasus shifter crepitante e autônomo, com mulher cheinha e gostosa. Sem continuação!

Fire & Rescue Shifters



LANÇAMENTO



DISTRIBUÍDO



EM BREVE



Avisos P.L

A tradução em tela foi efetivada pelo Grupo Pegasus Lançamentos de forma a propiciar ao leitor o acesso à obra, incentivando-o à aquisição integral da obra literária física ou em formato ebook. O grupo tem como meta a seleção, tradução e disponibilização apenas de livros sem previsão de publicação no Brasil, ausentes qualquer forma de obtenção de lucro, direto ou indireto.

No intuito de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo, sem prévio aviso e quando julgar necessário, poderá cancelar o acesso e retirar o link de download dos livros cuja publicação for veiculada por editoras brasileiras. O leitor e usuário fica ciente de que o download da presente obra destina-se tão somente ao uso pessoal e privado, e que deverá abster-se da postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social, blog, sites e, bem como abster-se de tornar público ou noticiar o trabalho de tradução do grupo, sem a prévia e expressa autorização do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar a obra disponibilizada, também responderá individualmente pela correta e lícita utilização da mesma, eximindo-se os grupo citado de qualquer parceria, co-autoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar da presente obra.



Avisos PL

**Por favor, não publique
nossos arquivos no Facebook**

**Se você viu algum arquivo do PL no
Facebook, sem a nossa autorização,
converse com a moderação.**

Se você gosta dos livros do PL ajude!!

Quem gosta, respeita nosso grupo!

**Não publique diretamente no Face, não
expondo o grupo de forma desnecessária**

**Não aceitamos reclamações sobre
as traduções do grupo!**

**Se não gostou, leia o livro
no idioma original**



Capítulo Um

Connie West era uma excelente piloto. Conseguia pilotar, através de um banco de neblina a trinta mil pés, com nada mais do que um altímetro e uma bússola. Poderia traçar um curso em três estados, com apenas um mapa de papel e vencer pilotos, pilotando aviões com os últimos computadores GPS. Podia aterrissar em um campo desconhecido, durante a noite, com nada mais do que seus olhos.

Também podia, infelizmente, voltar sempre para o mundo áspero e sujo dos jogos de azar. Conni tinha muita prática *nisso*.

Ela nunca esteve na cidade inglesa de Brighton, mas apenas demorou uma hora, caminhando pelas estreitas ruas, antes de encontrar o tipo de bar que procurava. Sabia que chegou ao lugar certo, pelo modo como o salão ficou, absolutamente, em silêncio, no momento em que abriu a porta.

Os únicos clientes, no lugar, eram um pequeno grupo de homens de olhos duros, os copos tensos, que iam em direção às suas bocas. Connie se encolheu, enquanto os olhares suspeitos avaliavam cada centímetro de seu corpo amplo.

Como um deles, os clientes do bar pareciam concluir, em silêncio, que uma jovem solitária, gorda e com aparência nervosa, em calça caqui e uma jaqueta de vôo, provavelmente, não seria um policial disfarçado. O zumbido de conversas murmuradas retomou, quando os homens voltaram para suas bebidas e cartas.

Soltando um suspiro de alívio, Connie seguiu para o bar. — Com licença? Senhor?

— Bem, você, certamente, não é daqui. — O barman de cabeça raspada não olhou para cima dos copos de shots, que estava limpando, se essa fosse a palavra certa, para o que estava fazendo com seu pano de cozinha cinza e gorduroso. — Acho que você entrou no lugar errado, garota Yankee.

— Estou procurando alguém. — Connie mostrou-lhe a foto desgastada, que sempre carregava com ela. — Muito alto, barulhento e irlandês?

Os olhos do barman moveram-se, momentaneamente, da foto para o rosto dela. — Nenhuma ideia.

Connie percorreu as notas desconhecidas em sua carteira, tirando uma de vinte. — Você tem certeza disso?

O barman deu-lhe um olhar longo e pensativo. Connie colocou uma nota de vinte no bar, mantendo o dedo sobre ela.

Com um encolher de ombros, o barman empurrou a cabeça na direção de uma porta, na parte de trás do bar. — Você poderia tentar lá. Embora, se fosse você, voltaria para casa.

Connie suspirou. — Cara, gostaria de poder.

Deixando o dinheiro no bar, caminhou para a porta indicada. Abria para uma escada estreita e suja, que se inclinava, abruptamente, na escuridão. Quando Connie desceu, cautelosamente, uma voz irlandesa familiar subiu pela escada.

— ...O avião mais belo que terá o prazer de colocar os olhos e Deus colocou em minha mão. Se não acredita, então pode vê-lo em ação na corrida, na próxima semana. Na verdade, algum de vocês, senhores, gostariam de fazer uma pequena aposta...?

— De novo não. — Connie gemeu. Acelerou os últimos passos, correndo, diretamente, para porta no fundo.

— O que foi isso? — Disse um homem, bruscamente.

A porta se abriu e uma enorme mão agarrou o ombro de Connie. Ela tropeçou, enquanto era empurrada para frente, em uma pequena sala cheia de fumaça.

Um pequeno grupo de homens estava sentado ao redor de uma mesa, cartas e cigarros verdes nas mãos. Com a intrusão de Connie, aproximaram as cartas de seus peitos.

Todos, exceto um homem. *Ele* saudou sua chegada com um sorriso deslumbrante e sem a menor sugestão de arrependimento.

— Querida! — O pai de Connie exclamou, com evidente prazer.

O enorme homem, que segurava seu ombro, acenou na direção de seu pai. — Isso é seu, West?

— Não deve falar assim da minha filha, obrigado. — Seu pai disse com indignação. — Senão terei que lhe pedir para sair.

Connie afastou o ombro do aperto do gigante. — Papai, você *prometeu*!

— Ah, agora não seja assim. — O pai de Connie abriu os braços, independentemente dos escárnios dos outros homens. — É apenas um pequeno jogo amigável.

Connie olhou para a pilha de dinheiro, no centro da mesa. Mesmo com sua falta de familiaridade com a moeda britânica, podia reconhecer que eram notas de valor alto. — Um jogo amigável? Papai, você sabe que não nos podemos permitir isso agora!

Um dos outros homens da mesa virou suas cartas, lançando para o pai de Connie. — É isso mesmo?

— Eu disse que está tudo bem e estava falando sério. — Seu pai gesticulou para ela. — Com minha amada filha copilotando meu avião comigo, seremos uma aposta certa, para ganhar a corrida aérea, na semana que vem. O dinheiro do prêmio é tão bom, quanto no meu bolso.

— *Não é.* — Murmurou Connie. Ela lançou um sorriso de desculpa para os homens sentados. — Nós, realmente, precisamos ir agora. Desculpe por qualquer mal-entendido.

— Mas estou ganhando! — Seu pai protestou, enquanto tentava puxá-lo da cadeira.

— Sim, você ainda não pode ir, West. — Disse um homem, cujos dedos magros e flexíveis pareciam, estranhamente, desproporcionais com o restante de suas mãos. Connie mentalmente o apelidou de *Longfingers*. — Precisa dar-nos uma chance de recuperar nosso dinheiro.

— Isso é o justo. — Disse outro homem.

Um murmúrio geral de acordo percorreu a mesa. Era um som sinistro, que fez Connie pensar em uma matilha de lobos, grunhindo baixo, a medida que se aproximavam com suas presas.

Não importava quão, irritantemente, impulsivo fosse seu pai, pelo menos não era estúpido. — Ah, bem. — Disse ele, começando a coletar as notas na sua frente. — É melhor terminar a noite. Desculpe, rapazes.

Longfingers segurou sua manga. — Não. Você disse que jogaria, então jogará até o fim.

A mão de Connie se fechou no spray de pimenta, que sempre carregava no bolso. Não seria a primeira vez que precisou usá-lo, para comprar uma fuga rápida.

O pai de Connie mostrou seu sorriso comercial e encantador, enquanto tirava os dedos do homem de sua manga. — Queria poder, meu amigo, mas não me atrevo a contrariar minha filha aqui. Ninguém pode mudar sua cabeça, quando ela tem um bocado entre os dentes. Mulheres, hein?

Pelo canto do olho, notou que o homem gigante lançou um rápido e interrogativo olhar para *Longfingers*. O homem menor moveu o queixo, com um aceno quase imperceptível.

— Ele está trapaceando. — Anunciou o gigante. — Eu vi. Tem cartas na manga.

— Agora, ninguém gosta de um pobre perdedor... — O pai de Connie começou.

Um homem grande, à sua direita, agarrou o pulso de seu pai, torcendo-o, violentamente. Seus protestos foram ignorados, quando ele rasgou sua jaqueta.

Uma carta se moveu, pousando, suavemente, na mesa. O ás preto o encarou, como um olho acusador.

A boca de seu pai ficou aberta, por um momento. — Honestamente, não sei como isso chegou aí. — Disse, vagarosamente.

— Trapaceiro! — Gritou o homem.

— *Papai!* — Gritou Connie.

— Corra, Connie! — Seu pai lançou o primeiro soco, saindo da cadeira. — *Corra!*

A mesa virou, quando os homens levantaram-se, gritando e empurrando. As cartas voaram no ar. Seu pai desapareceu, no meio de uma multidão de músculos irritados.

Connie apontou e disparou no homem mais próximo. Ele gritou, deixando cair o cigarro, para agarrar os olhos. Mas isso ainda deixou cinco e sua ação não passou despercebida.

— Não fique no caminho. — Grunhiu o gigante. — Não é assunto seu.

Connie tentou acertá-lo com o spray de pimenta, mas era muito rápido para ela. O gigante empurrou-a para o lado, chutando seus pés, com um movimento casual. Ao deixá-la esparramada no chão, entrou na luta.

Ficando em suas mãos e joelhos, Connie viu seu pai por um momento, entre os corpos atropelando-se. A maioria dos homens era apenas um vilumbre indignado e impreciso, mas não o gigante. *Ele* se movia com controle total, cortando a multidão, como um tubarão através da água.

O sangue de Connie ficou frio. Em um instante, soube que seu pai seria atingido. E tinha uma profunda certeza, que estava em um perigo terrível.

Connie procurou, desesperadamente, por algum meio de distrair a multidão. Seu olhar foi para o spray de pimenta caído... E o cigarro ainda aceso ao lado.

Não posso acreditar que estou fazendo isso, mas...

Connie pegou o cigarro e algumas das notas caídas. Nunca se perguntou se o dinheiro queimaria bem, mas a resposta acabou aparecendo, surpreendentemente rápido. Connie gritou, deixando cair, involuntariamente, as notas, quando as chamas lambeiram seus dedos. Caíram em uma poça de álcool derramado e cartas.

O resultado foi, consideravelmente mais impressionante, do que ela pretendia.

— Fogo. — Gritou Connie, tão alto quanto podia. — *Fogo!*

— O que?

— Onde?

— Hey, *há* um incêndio!

Longfingers olhou sobre o ombro. Seu rosto congelou, quando notou as chamas. Mesmo que o fogo não fosse *tão* grande ainda, de repente, ele parecia totalmente apavorado.

— Oh não. — Ele gemeu. — *Hammer!*

— O que? — A cabeça do gigante apareceu, acima da multidão. Sua expressão também mudou para horror, ao ver o fogo. — Oh, *merda*.

Os outros homens perderam o interesse em seu pai no momento, mais preocupados em resgatar seu dinheiro, antes de serem pegos pelas chamas, que se espalhavam rapidamente. O gigante hesitou, com uma mão grande ainda na garganta de seu pai. — O que?

— Terminaremos o trabalho lá fora! — *Longfingers* já caminhava para porta. — Vamos, precisamos sair daqui! Antes que *eles* venham!

— Não! — Connie se jogou contra eles. Agarrou as pernas penduradas de seu pai, tentando levar seu corpo flácido para longe do gigante. — *Não!*

—Saia, garota. — O gigante rosnou.

Connie nem viu seu punho chegando. A última coisa que ouviu, quando a escuridão se fechou sobre ela, foi o rugido ganancioso e triunfante do fogo.

Capítulo dois

Chase Tiernach acelerou, alegremente, cem quilômetros por hora na contra mão, por uma rua de trinta. Vivia por isso, a emoção da velocidade, a urgência da missão, os olhares horrorizados, nos rostos dos outros motoristas, quando se encontravam, inesperadamente, confrontados com uma parede de aço vermelho brilhante, que se precipitava em direção a eles.

Seu Pegasus interior compartilhava sua exaltação. Dirigir não era tão bom como voar, mas ainda fazia seu garanhão bater as pernas, com alegria feroz. Como todos os Pegasus, seu garanhão era intensamente competitivo. Não havia nada que lhe desse tanta satisfação, como combinar velocidade e força contra um rival e *ganhar*.

Para o prazer de Chase, um conversível Lexus tentou ficar na frente de um caminhão de vinte toneladas, que se aproximava. Gritando, Chase pisou no acelerador. O caminhão rugiu como um animal. Riu alto, quando o carro esportivo foi forçado a sair da rua, arruinando suas calotas brilhantes de cromo.

— Bastardo! — Gritou o motorista do Lexus.

Chase acenou alegre, pela janela lateral, enquanto avançava. — Apenas trabalhando!

— A unidade Alpha se registrou. — Disse o Comandante Ash, calmamente, no rádio. Ele se equilibrava, facilmente, no assento de passageiro, mal balançando, apesar do movimento selvagem e

saltitante do caminhão de bombeiros. — Alguma atualização sobre a situação?

— Os observadores dizem que há muita fumaça. — A voz de Griff veio do alto-falante. Os prédios, ao redor, estão cheios e não em boas condições. Alto perigo de propagação do fogo.

— Unidade Alpha, chegaremos em três minutos. — Disse Ash. — Atualmente, no leste da rua Montgomery.

— Correção! — Chase girou o volante. — Atualmente, ao norte da Stewart Street!

— Por favor, anote a correção. — Disse o Comandante Ash no rádio, lançando a Chase um olhar. — Chase, *por que* seguimos para o norte, pela Stewart Street?

— Posso nos levar mais rápido por aqui. — Chase gritou, sobre o som da sirene do caminhão de bombeiros. — Confie em mim!

— Apenas, quando pensei que não poderia ficar pior. — Murmurou Hugh. O paramédico estava sentado atrás de Ash e tinha um olhar de morte, em suas restrições de segurança. — Chase, você tem *certeza* que pode chegar a Green Street por aqui?

— Positivo. — Chase moveu o caminhão de bombeiros, cuidadosamente, através de uma rua com carros estacionados. — Aqui, desceremos pelo pequeno beco e sairemos no lugar certo.

— Que pequeno beco? — O rosto de Hugh ficou quase tão branco quanto seu cabelo. — Chase, isso é um atalho de pedestre!

— Está tudo bem. Não há ninguém nele. — Chase sabia disso, de fato, seu Pegasus tinha um senso inato de onde as pessoas estavam. Era o que o fazia dirigir tão rápido, com perfeita confiança.

Ash observou o beco, que se aproximava, rapidamente. Suas sobrancelhas juntaram-se um pouco, deixando sua expressão apenas um pouco tensa, que era de outra forma, imperturbável. — Nós não caberemos.

— Sim, iremos! — Chase pisou no acelerador.

Ouviu-se um som horrível.

— Mais ou menos! — Chase acrescentou.

—Unidade Alpha indo para o leste da Green Street. — Disse o comandante Ash no rádio. — Sem espelhos laterais.

— Posso perguntar se já chegamos? — Disse John Doe, com indignação, de seu assento, ao lado de Hugh.

Pelo espelho retrovisor, Chase podia ver que John tinha os olhos bem fechados. Ele estava um pouco verde, o que não era uma boa combinação com seu longo cabelo azul.

Chase pisou no freio, girando o volante ao mesmo tempo. O caminhão de incêndio empinou em duas rodas, deslizando, lateralmente, ao virar a esquina, enquanto desacelerava. O cheiro de borracha queimada dos pneus do caminhão misturou-se com a fumaça mais espessa.

— E aqui estamos. — Chase anunciou, brilhantemente.

Ash tinha a porta lateral aberta, mesmo antes do caminhão parar completamente. Pulou, com um salto suave e praticado. O restante da

equipe de combate ao fogo desembarcou mais devagar, enquanto os olhos intensos e escuros de Ash percorriam a cena.

Para Chase, tudo parecia uma bagunça. Uma grossa fumaça negra saía da porta de um bar velho, enquanto uma pequena multidão olhava incerta, do lado oposto da rua. Das janelas nubladas, parecia que todo o edifício estava cheio de fumaça. Um homem estava desmaiado na frente da calçada, mas ninguém parecia querer ajudar.

Chase nem sequer podia adivinhar onde o fogo começou, ou a melhor maneira de resolver isso. Seus talentos eram adequados para tomar decisões instintivas e divididas em segundos, ao dirigir, não para esse tipo de coisa tática.

Felizmente, não era seu trabalho.

O comandante Ash deu ao edifício um olhar mais rápido, antes de voltar para a equipe de combate. — Porão. Ali deve ter uma grande quantidade de restos de papel.

Essa era a vantagem de serem liderados por um Fênix. Sempre sabia, *exatamente*, onde estava o fogo.

— Impedirei o fogo de se espalhar mais, mas devemos trabalhar rapidamente. — Continuou Ash. Ele tinha o olhar, levemente, concentrado, o que significava que estava concentrado em usar sua habilidade especial, para controlar as chamas. — Hugh, atenda as vítimas. Chase, tem alguém no prédio?

Chase se concentrou. Seu garanhão ergueu a cabeça, cheirando o vento. Suas orelhas moveram-se, bruscamente. *Sentia um* cheiro, sob a fumaça. Algo atraente e familiar...

Chase estremeceu, de repente, sentindo-se, estranhamente, no limite. — Sim. Uma pessoa. Uma mulher, eu acho.

— Nesse caso, John e eu iremos. — Ash olhou para o enorme shifter. Ninguém, da equipe de bombeiros, era pequeno, mas John ainda era maior que todos eles. — Precisaremos de equipamento respiratório.

John assentiu, voltando para o caminhão, para pegar as máscaras de ar. Normalmente, não precisavam de tais equipamentos, Dai, o shifter dragão e o último membro da equipe, passaria diretamente pela fumaça, sem nenhum equipamento de proteção. Mas não estava de serviço hoje e a quilômetros de distância, em Londres, com sua companheira. A equipe de fogo teria que realizar o resgate da maneira antiga... E apenas esperar que pudessem alcançar a tempo a mulher presa.

Chase olhou para fumaça, girando e escurecendo as janelas do bar.

Por que, realmente, queria que Dai estivesse aqui agora?

— Chase. Chase. — Ele se virou, a voz do Comandante Ash, finalmente o alcançando. — Eu disse, prepare a mangueira.

— O que? Oh. — Chase se sacudiu, forçando a se concentrar no trabalho, em vez de sua sensação de urgência, estranha e crescente. — Certo.

Ele tentou virar-se para o caminhão, mas seu garanhão levantou-se e *gritou*. Seu Pegasus estava frenético, os cascos batiam no chão e as asas agitavam-se.

Corre! Vá! Agora!

E, abruptamente, Chase soube, exatamente, quem estava preso no edifício em chamas.

— *Chase!* — O grito de Ash o seguiu, enquanto ele mergulhava na fumaça.

Imediatamente, os olhos de Chase começaram a queimar. Ele os fechou, confiando em seu garanhão para guiá-lo, enquanto caminhava, cegamente, pelo bar. Podia sentir o calor do chão, mesmo através das solas grossas de suas botas.

A voz telepática do comandante Ash entrou, abruptamente, em sua cabeça. — *O que você está fazendo?*

— *Confie em mim!* — Chase enviou de volta.

Ele não tinha tempo para explicar mais. Toda sua concentração estava focada no som e no toque, pequenos indícios que lhe diziam como se mover com segurança, através do edifício em chamas.

Seus pulmões queimavam, mas não se atreveu a respirar. Podia sentir a densidade da fumaça, amarga e acre na língua. Apenas uma inalação, para colocá-lo indefeso no chão, tossindo as tripas.

Segurando a respiração, encontrou um lance de escada, pulando os degraus caídos. Cinzas giravam ao redor dele. Sua jaqueta e calça do uniforme protegiam-no da maioria delas, mas algumas ainda queimaram a pele nua do pescoço e do rosto. Chase mal sentiu a dor. Seu Pegasus movia-se em agitação, estimulando-o.

Ali. Ali!

Chase ergueu-a, embalando-a, protetoramente, contra o peito. Não havia tempo para verificar se estava respirando. Seus próprios

pulmões queimavam, cada instinto, em seu corpo, estava desesperado para conseguir um pouco de ar. Manchas brancas dançavam atrás de seus olhos fechados, enquanto corria de forma cega pela escada.

Seu peito parecia ser espremido por barras de ferro. Chase tropeçou, perdendo a força das pernas, enquanto o corpo gritava para respirar. Apenas o peso em seus braços mantinha-o avançando. Seu mundo inteiro resumia-se à única necessidade desesperada de colocar seu precioso fardo em segurança.

Apenas mais um passo. Apenas mais um. Mais um...

Ele tropeçou, em um ar leve e frio. Chase caiu de joelhos, ainda a abraçando, firmemente. O ar limpo nunca foi tão bom. Por um momento, tudo o que pôde fazer foi piscar e respirar.

Ash o agarrou sob os braços. O shifter Fênix arrastou Chase e a mulher que resgatou, para mais longe do edifício em chamas. — Hugh! — Ele gritou.

Um segundo depois, Chase sentiu a mão nua de Hugh em seu pescoço. Um calor familiar e reconfortante espalhou-se, com o toque do paramédico. A dor de suas queimaduras diminuiu, quando o dom curativo de Hugh o atingiu.

— Estou bem. — Disse Chase, afastando-se. — Concentre-se *nela*. Agora, por favor!

Hugh lançou-lhe um olhar curioso, mas transferiu seu foco para a mulher resgatada. Chase observou, ansioso, enquanto o paramédico passava as mãos nuas sobre a garganta e o rosto. Estava pálida e imóvel, mole, nos braços de Chase. Terror encheu-o, tão grosso e mortal, como a fumaça nos pulmões.

Quando, finalmente, respirou fundo, todo o ar saiu de seu corpo. Ele caiu de alívio.

— É isso. — Ele disse para ela, acariciando seu cabelo vermelho e o afastando de seu belo rosto. — Aí está você. Aí está você, finalmente.

— Chase. Explique-se. — Chase nunca ouviu a voz de Ash tão fria e furiosa. Um leve nevoeiro de calor brilhava no ar, ao redor de seus ombros, na forma de asas ardentes. — O que está acontecendo aqui?

— Comandante Ash, permita-me apresentar Constance West. — Chase não afastou os olhos do rosto de Connie. Um amplo sorriso espalhou-se em seu rosto, quando ela começou a se mexer. — É isso. Você está bem, Connie. Tudo ficará bem.

As pálpebras de Connie se abriram. Ela olhou, diretamente, para Chase. Seus olhos arregalaram-se, em reconhecimento.

— Oh, *não*. — Ela grunhiu e logo desmaiou novamente.

Chase olhou para o restante da equipe de bombeiros. — Ela é minha companheira.

Capítulo Três

Connie recobrou a consciência, para o som reconfortante do equipamento sonoro. Um leve aroma de rosas misturava-se, estranhamente, com um cheiro mais forte de desinfetante.

Hospital. Estou no hospital. Eu acho.

Como cheguei aqui?

Ela tinha uma lembrança confusa e sonhadora de ser puxada para fora de um edifício em chamas. Mas deveria estar alucinando pela inalação de fumaça, porque poderia jurar que foi resgatada por...

— Olá, Connie. — Disse uma voz com sotaque irlandês.

Connie abriu os olhos secos, piscando. O borrão vago de cor, ao lado de sua cama, transformou-se em uma figura, instantaneamente, familiar e irritantemente bonita. O fantasma de seu passado sorriu para ela, tão arrogante e carismático como sempre.

Connie gemeu em voz alta, fechando os olhos novamente. — Chase Tiernach, *vá embora*.

— Tudo bem. — Chase disse, inesperadamente.

Connie reabriu um olho, desconfiada. Não podia mais vê-lo.

— Assim está melhor? — Chase perguntou, solícito, ao pé da cama.

— Eu quis dizer sair totalmente. Fora do meu quarto. Fora da minha vida. — Mais uma vez, Connie afundou na cama, puxando os

lençóis sobre a cabeça, como se escondesse do passado, sob as cobertas. — O que está fazendo aqui?

— O restante da minha equipe tinha o fogo sob controle e, realmente, não precisavam mais de mim, então, meu comandante concordou que deveria acompanhá-la na ambulância. — O colchão afundou, enquanto Chase se sentava na beirada da cama.

Estava, profundamente, consciente do calor de seu quadril, através do lençol. — O que? — Ela disse, sem entender.

Ela o sentiu encolher os ombros. — Bem, na verdade, não me incomodei em perguntar, até que chegamos ao hospital e sua resposta foi mais do que *Chase, é bom que já esteja a quilômetros de distância de mim*. Mas acho que isso conta como acordo, não é?

— Nada disso. — Connie murmurou em seu lençol. — Faz sentido.

— E sobre isso, bem... — Chase se moveu na cama. Mesmo sem olhar, Connie sabia que ele estava inclinando-se, seus olhos negros, brilhantes e cheios de sinceridade sobre ela. — Senti sua falta, desesperadamente. Estou muito feliz por encontrá-la novamente. Quer se casar comigo?

Connie se levantou nos cotovelos, para encará-lo com incredulidade. — Você está louco...?

Ela parou no meio da frase, quando mais do quarto entrou em foco. Toda superfície plana, na pequena sala privada, estava coberta de rosas. Por um momento, teve o pensamento louco de que talvez Chase tivesse subornado os paramédicos, para levá-la a uma floricultura e não a um hospital. Era, exatamente, o tipo de coisa que ele faria.

O próprio Chase se destacava no fundo de gloriosas rosas brancas, que faziam um contraste perfeito, com sua aparência sombria. Seus ombros estavam mais amplos do que se lembrava, seus braços longos e musculosos, tinham cicatrizes desconhecidas, traços quase visíveis de queimaduras antigas. Em vez de um terno de designer, feito sob medida, usava um uniforme resistente ao fogo, manchado de fumaça. Seu cabelo preto e grosso, antes, tão cuidadosamente, cortado e estilizado, agora estava bagunçado e chamuscado.

Mas seu rosto era exatamente o mesmo, inalterado, mesmo após três anos. Deveria saber. Apesar de seus melhores esforços, esse rosto assombrou seus sonhos todas as noites.

Connie se afastou daqueles olhos brilhantes e atraentes. *Lembre-se do que fez, lembre-se. Ele é um traidor, mentiroso e mulherengo. Não se apaixone por ele, novamente.*

— Tudo bem. — Ela disse com firmeza. — Primeiro de tudo: não. Claro que não me casarei com você.

A expressão esperançosa de Chase caiu. — Então, você ainda está com raiva de mim.

— Eu o peguei nu, na cama, com outras duas mulheres, Chase!

Na noite em que, finalmente, decidi dormir com você, Connie não acrescentou em voz alta. Chase não precisava saber esse pequeno detalhe.

Ela olhou para ele. — Claro que ainda estou com raiva de você.

— Mas você nunca me deu uma chance de explicar. — Chase disse tão rapidamente, que seu forte sotaque irlandês fez as palavras se

juntarem. — Olha, eu fui ao clube para uma bebida e a próxima coisa que soube...

— Eu não estava interessada em desculpas antes e, definitivamente, não estou interessada agora. — Connie interrompeu. Ela empurrou a antiga dor para o fundo de seu coração. — Foi há muito tempo, de qualquer forma. Não importa mais.

— Sim, *sim*. — Chase insistiu. — Por favor, Connie. Precisa acreditar em mim, nunca quis machucá-la. Nem sei o que aconteceu!

— Eu disse que não estou interessada. — Connie esfregou a ponte do nariz, sentindo o início da dor de cabeça familiar, que a exposição prolongada a Chase, tendia a inspirar. — Por que você está usando um uniforme de bombeiro? Por que esse quarto está cheio de rosas?

Chase moveu as mãos, rapidamente e de forma ágil. — O quarto está cheia de rosas, porque você gosta de rosas. Estou usando um uniforme de bombeiro, porque *sou bombeiro*.

Nada *disso* fazia qualquer sentido, mas Connie ignorou, uma vez que tinha uma pergunta muito mais urgente.

Ela se sentou na cama, entrando em pânico. — *Onde está meu pai?*

— Ele está bem. — Disse Chase e o coração de Connie voltou a bater. — Nós o encontramos fora do bar. Está muito ferido, mas ficará bem. Também está no hospital.

— Preciso vê-lo. — Connie jogou o lençol de lado, lutando para se levantar. — Leve-me até ele agora!

Chase a pegou, enquanto ela balançava. Seu olhar desceu por seu corpo. Connie percebeu, tardiamente, que não estava usando nada, exceto uma camisola de hospital sem costas. *Literalmente* nada.

— Aqui. — Chase tirou sua jaqueta de bombeiro, oferecendo a ela. Seus lábios curvaram-se, provocantes. — Não que eu não goste do que está usando...

Com a dignidade que conseguiu reunir, Connie colocou a jaqueta sobre a camisola do hospital. Estava coberto de fuligem e cheirando a fumaça, mas era melhor que vagar pelos corredores nua. Puxou-a ao redor dos amplos quadris, da melhor maneira possível. — Obrigada. Agora, leve-me ao meu pai.

— Papai! — Esquecendo suas próprias dores e contusões, Connie correu para sua cama.

Seu pai deu-lhe um fraco sorriso, no lugar de seu amplo e habitual. — Olá, abóbora. Nós dois já tivemos melhores dias, hein?

Ela teria apertado sua mão, mas ambos os braços estavam envolvidos em gesso e suspensos. — Você está bem? Como se afastou daqueles valentões?

— Ah, uma vez que quebraram meus braços, perderam o interesse. — Apesar de seu tom alegre, Connie podia dizer que estava, profundamente, irritado. — Connie, tentei voltar para você, eu juro. Mas me chutaram na cabeça, quando fugiram, não consegui me levantar e...

— Shh. Eu sei, papai. Está tudo bem. — Ela se sentou na cadeira, ao lado de sua cama. — Você nunca teria me deixado.

— É culpa minha. — Seu pai piscou, rapidamente, seus olhos ficaram suspeitosamente úmidos. Connie fingiu não notar. — As enfermeiras disseram que está bem?

— Estou bem. — Era, surpreendentemente, verdade. Para alguém que ficou inconsciente, em um edifício em chamas, Connie se sentia bem. — Tive sorte. Acho que os bombeiros conseguiram tirar-me, antes de respirar muita fumaça.

Chase, que estava parado na entrada, fez um som pequeno e abafado, como uma risada rapidamente sufocada.

O olhar de seu pai moveu-se para ele. Por um momento, olhou-o fixamente... E então abriu a boca. — Bom Deus. Este é o jovem Tiernach, não é?

— É bom vê-lo novamente, Sr. West. — Disse Chase, avançando. Seus olhos negros brilhavam. — Apenas para informá-lo, ainda não bati. Bem, pelo menos não um avião.

— Você ainda é o estudante mais horrível, que já tive o infortúnio de ensinar a voar. — Seu pai o informou. Sua testa franziu. — Por meu Deus, está usando um uniforme de bombeiro?

— Por que as pessoas continuam perguntando-me isso? — Chase disse ao teto.

— Aparentemente, ele está brincando de ser bombeiro. — Connie disse a seu pai. — Não me pergunte por quê.

— Eu não estou *brincando*. — Chase disse com indignação. — Sou um membro muito respeitado e valioso da minha equipe. Apenas pergunte... — Ele parou, aparentemente procurando por um nome. — Hmm. Na verdade, talvez seja melhor que não o faça.

— Chase Tiernach, um membro produtivo da sociedade. Agora, realmente, vi tudo. — O pai de Connie balançou a cabeça. — Bem, se salvou minha filha, estou eternamente em dívida, senhor.

— Excelente! — Chase disse, brilhantemente. — Nesse caso, posso pedir sua benção?

O pai de Connie olhou para ela, em um pedido sem sentido de interpretação.

— Ignore-o. — Connie disse com firmeza. — Ele está saindo agora mesmo.

— Oh, não preciso estar em outro lugar. — Assegurou Chase. — Eu já disse ao Comandante Ash que estarei fora, por tempo indefinido. Ele achou uma excelente ideia. — Fez uma pausa, uma leve expressão de preocupação passou, rapidamente, por seu rosto. — *Acho* que ainda tenho um emprego. Embora possa ter que persuadi-lo nesse ponto, mais tarde.

Connie olhou para Chase. — Meu pai precisa de paz e tranquilidade, para se recuperar. Não precisa de você. *Eu* não preciso de você. Vá *embora* Chase.

Seu pai ficou inquieto, apesar de seus braços quebrados. — Ah. Bem. Odeio dizer isso, mas pode haver algo com o qual ele possa nos ajudar.

Connie levantou as mãos. — Papai! Não o encoraje!

— Eu posso ser *extremamente* útil. — Chase assegurou com sinceridade. — O que você precisa?

Seu pai limpou a garganta. — Você sabe sobre aquela grande corrida aérea, na próxima semana, no Shoreham Airfield?

— A Copa Rydon? Claro! — Os olhos de Chase se iluminaram. — Estou ansioso, desde que anunciaram que seria aqui neste ano.

— Nós entraríamos com nosso avião. Comigo pilotando e Connie navegando, certamente ganharíamos. Mas agora... — Seu pai fez um pequeno movimento indefeso com a cabeça, indicando seus braços quebrados. — Eu ah, estava contando com a vitória desta corrida.

— Nós não pediremos a Tiernach dinheiro, papai. — Disse Connie, bruscamente. — Não se preocupe com a corrida. Teremos que sair. As coisas ficarão um pouco apertadas, mas conseguirei.

Já estava fazendo listas mentais de shows aéreos, onde poderia exibir seu avião, lugares, onde poderia anunciar para os passageiros os trabalhos noturnos que poderia fazer... Não seria a primeira vez que Connie se apressava em cobrir as dívidas de seu pai. Sem dúvida, não seria a última.

Não é um desastre. Podemos passar por isso. Sempre o fiz.

Seu pai abaixou a cabeça. — É mais do que o dinheiro do prêmio. — Ele murmurou.

Com uma sensação de pavor profundo, Connie reconheceu essa expressão de cachorrinho culpado. — Papai, o que você fez?

Os olhos de seu pai moveram-se de um lado para o outro, como se estivessem buscando uma rota de fuga. — Você sabe o dinheiro que usamos para transportar o avião, aqui da América? — Ele disse, relutantemente.

— Então, *era* lá que você estava. — Disse Chase. Ele franziu o cenho. — Preciso demitir meus detetives particulares. Aparentemente, estavam perseguindo gansos selvagens, em toda a Europa.

Ele contratou detetives particulares, para me encontrar?

Connie afastou o pensamento. Havia coisas mais importantes para lidar agora.

— Você não quis me dizer de onde veio o dinheiro, então assumi que ganhou no jogo. — Disse Connie ao pai.

— Eu ganhei! De... certa forma. — Ele se endireitou. — Simplesmente, não tinha o dinheiro, para cobrir a aposta.

Connie gemeu, enterrando o rosto em suas mãos. — Deixe-me adivinhar. Você apostou que poderia ganhar a Copa Rydon.

— Era uma coisa certa! — Protestou seu pai. — Apenas uma aposta! Mais como um empréstimo. E precisamos do dinheiro, para sair do país, imediatamente.

— Oh? — Chase disse, inclinando a cabeça para um lado, com interesse.

— Ele foi deportado. — Connie disse com tristeza. — Minha mãe era americana, então sou cidadã americana, mas ele não é. Digamos que, no futuro, *lidarei* com toda a documentação de imigração. Sem mencionar os nossos impostos. — Ela suspirou. — Tudo bem pai. Quanto você deve, *dessa vez?*

Seu pai evitou seus olhos. — Bem... realmente, não apostei dinheiro. Sammy não estava interessado nisso.

— Sammy? — Connie respirou fundo. — Não Sammy Smiles. Papai, diga-me que você não fez outro acordo com ele. Não, depois da última vez.

— Sammy Smiles? — Chase disse, erguendo as sobrancelhas. — O tubarão?

— Como você conhece Sammy Smiles? — Connie perguntou, momentaneamente, distraída. Ela não podia imaginar que Chase, filho de um bilionário, já precisou de um empréstimo do tubarão.

— Nós nos encontramos em alguns dos mesmos círculos sociais, devo dizer. — Todo o bom humor desapareceu da expressão de Chase, deixando-o com aparência desagradável e sombria. — Ele é muito notório. Bem, isso explica por que está deitado, com dois braços quebrados, Sr. West.

— Conhecia sua reputação, mas pensei... — O pai de Connie disse, movendo, novamente, a cabeça.

Ele pensou que poderia se safar. Ele sempre acha que pode se safar.

Connie balançou a cabeça com desespero. — Papai. Qual negócio fez com Sammy Smiles?

— Ele ofereceu dinheiro. Muito dinheiro. O suficiente, para pagar nossa mudança. Passagens, envio do avião, um apartamento, tudo. E tudo o que precisava fazer era ganhar a Copa Rydon e ele cancelaria toda a dívida. — Seu pai olhou para ela. — *Era* um bom negócio, Connie.

Medo envolveu o coração de Connie, como um punho. — E se perdesse?

Seu pai engoliu em seco. — Então ele fica com nosso avião.

Connie ficou, literalmente, sem palavras. Olhou para seu pai, superada pela grande extensão da traição.

— Espere. — Chase disse, olhando de um para o outro. — O avião? O avião de Connie? Você apostou o *avião de Connie*?

— Tecnicamente, o avião é metade meu. — Disse o pai de Connie, defensivamente. — E *era* uma coisa certa.

Chase parecia querer quebrar os braços de seu pai. Deu três passos rápidos e agitados, de um lado para o outro, passando as mãos pelos cabelos, como se fosse, fisicamente, incapaz de ficar quieto. Connie ainda não podia se mover, congelada, com descrença.

O avião. Ele apostou o avião da minha mãe. A única coisa que tínhamos dela e ele o apostou.

— Certo. — Disse Chase, balançando. Havia uma determinação em seu rosto, que Connie nunca viu antes. — Consertarei isso Sr. West, mas preciso conversar com Sammy. Presumo que você o encontrou?

— Sim, eu o encontrei na marina, alguns dias atrás. — Disse o pai de Connie. Ele olhava para Chase com o tipo de expressão esperançosa e gratificante que usava com Connie, quando queria que *ela* limpasse suas bagunças. — Ele está na cidade, para a corrida. Acho que em seu iate. Pode encontrá-lo?

— Se ele estiver dentro do meu alcance. — Chase disse, misteriosamente. Olhou para seu pai de uma maneira, estranhamente, intencional. — Pode descrevê-lo para mim? E os homens que também o atacaram.

— Bem, eles tinham... — O pai de Connie começou.

— Isso serve. — Chase interrompeu, seu sorriso reaparecendo. — Sim, posso encontrá-los. Connie, não se preocupe. Tudo ficará bem.

— Não, não irá. — Connie disse. Ela gesticulou para seu pai. — Sammy Smiles quer meu avião tanto, que fez isso. Não há como o ouvir.

— Oh, acho que irá. — Disse Chase, mostrando um sorriso, que era muito mais selvagem do que o normal. — Posso ser *muito* persuasivo.

Capítulo Quatro

— Por que deixei você me convencer a isso? — Griff gritou no ouvido de Chase.

Chase bufou. — *Você esteve sentado atrás de uma mesa, por muito tempo. Disse que queria sair para o ar fresco.*

— Eu não disse que queria cair no ar fresco! — Griff se agarrou à crina de Chase. — Precisa ir tão alto?

— *Alto? Isso não é alto!* — Ele bateu as asas com mais força. — *Olhe, você ainda pode ver os barcos na água, lá embaixo.*

Chase sentiu o peso de Griff mudar sobre suas costas, enquanto o homem olhava para baixo.

— *São aquelas minúsculas manchas pequenas.* — Chase apontou, prestativamente.

Griff soltou um gemido baixo, enterrando novamente o rosto no pescoço de Chase. — Oh, essa foi uma má ideia.

— *Você tem medo de altura? Sério?* — Chase riu. — *Não pode ter medo de altura! Você é meio shifter águia!*

— Sem dúvida, não teria medo de altura. — Grunhiu Griff, apertando os lados de Chase com seus joelhos, com força suficiente para machucar. — ... Se eu pudesse, realmente, mudar!

— *Sempre me perguntei sobre isso.* — Chase curvou seu pescoço, para olhar um Griff pensativo. — *Talvez, apenas precise de uma motivação adequada?*

— Chase, seu bastardo, você não se atrevaaaaaaa!

A última palavra de Griff se transformou em um grito prolongado, quando Chase dobrou as asas, descendo do céu. Chase estava tentado fazer uma pirueta, apenas para ver quais outros ruídos interessantes o homem poderia fazer, mas não havia tempo para passear. Um longo e elegante iate branco atravessou as ondas e os sentidos do Pegasus de Chase disseram, que sua presa estava a bordo.

Alguns membros da tripulação ergueram os olhos, enquanto voava acima, apontando as asas negras um para o outro. Eles deveriam ser shifters, nenhum humano comum poderia ver um Shifter mítico, que não queria ser notado. Mas, infelizmente, o truque mental *não me veja* de Chase não funcionava em outros shifters, nem mesmo aqueles que se transformavam em animais comuns, em vez de animais lendários.

Bem, Chase não contava com o elemento surpresa. Bateu as asas, pousando, cuidadosamente, no convés, na parte de trás do iate.

Griff desceu de suas costas. Afastou os cabelos ruivos e bagunçados pelo vento de seu rosto, observando os membros da equipe, que estavam rapidamente se aproximando.

— Espero que saiba o que está fazendo, Chase. — Ele murmurou.

Chase voltou à forma humana. — Confie em mim.

— Esta é uma propriedade privada. — Um membro da equipe, uniformizado, gritou para eles. Pelo pescoço grosso do homem e os braços musculosos, Chase estava bastante seguro de que seu papel a bordo não era apenas servir bebidas. — Vocês precisam sair!

Chase lançou ao homem seu sorriso mais deslumbrante, junto com seu distintivo de bombeiro. Como um shifter mítico, suas roupas e

pequenos itens, em seus bolsos, ficavam, quando se transformava, o que era útil, para situações como esta. — Estamos aqui para ver Sammy Smiles. Negócios.

O homem fez uma pausa, ao ver o distintivo metálico. — Uh...

Chase fechou a carteira de couro, antes que o homem percebesse que não era, realmente, um distintivo da polícia. — Sugiro que o chame imediatamente.

Ele hesitou por um momento, depois estalou os dedos para um homem menor. — Vá buscar o chefe.

— *Então?* — Chase enviou silenciosamente para Griff, enquanto o membro da tripulação saía rapidamente.

Os olhos dourados penetrantes de Griff percorreram os homens que os rodeavam. Mesmo que não pudesse mudar, ainda tinha a capacidade de um shifter águia de ver pequenos detalhes, que outros perderiam.

— Tubarões Mako, principalmente. — Murmurou Griff. — O grande é um tubarão-tigre.

O sorriso de Chase ampliou-se. — *Ninguém do nosso lado, então.*

Griff lhe lançou um olhar exasperado. — Você, pelo menos, *tentará* não brincar com o destino?

— Agora, estou bastante certo de que ouviria falar sobre um shifter Pegasus se juntando à polícia. — Disse uma nova voz, parecendo divertida. A multidão de shifters tubarões separaram-se, para deixar o locutor passar. — Imagino que Chase Tiernach apareceu para uma visita.

— *O que foi aquilo sobre tentar o destino?* — Chase enviou para Griff.

Sammy Smiles era mais alto que os dois. Sua cabeça calva parecia inclinar-se, diretamente, em seus ombros largos, que eram tão musculosos, quanto um fisiculturista. Usava um terno branco brilhante. Seu amplo sorriso mostrava muitos dentes.

— Bem. — Disse o grande shifter tubarão branco, em um forte sotaque texano. — Não há incêndios aqui, rapazes. Não estão fora de sua jurisdição?

Chase sorriu como um idiota. — Estou aqui em nome de um amigo. Shane West.

— Ah, bom velho West. Ótimo piloto. Ótimo jogador também. — O sorriso brilhante de Sammy não alcançou seus olhos planos e frios. — Estou ansioso para vê-lo voar na Copa Rydon, em alguns dias. Deve ser uma corrida maravilhosa.

— Infelizmente não. — Chase disse levemente. — Ele está com os dois braços quebrados.

— Realmente? — A expressão de Sammy não mudou. — Que pena.

Chase encarou o shifter tubarão. — Naturalmente, isso significa que todas as apostas estão canceladas.

Sammy suspirou com pesar, seus dentes afiados e brilhantes. — Ah, não pode ser rapazes. Tenho minha reputação a considerar. West apostou seu avião e bem, um acordo é um acordo.

— Você trapaceia, em um acordo? — Chase perguntou. — Porque eu sei que, de fato, você foi responsável por deixar West no hospital.

O sorriso de Sammy não hesitou. — Essa é uma acusação poderosa e rude, filho. As pessoas poderiam ofender-se.

Chase levantou uma sobrancelha. — Você está alegando que não sabia nada sobre isso?

Sammy abriu as mãos com dedos curtos. — Absolutamente nada.

— Mentira. — Griff disse muito suavemente.

Sammy olhou para seu amigo, o sorriso ficando um pouco menos amigável. — Como?

— Sinto muito, deveria tê-lo apresentado. — Disse Chase. — Este é Griff MacCormick. Você já ouviu falar sobre os MacCormicks? São um clã de águias das terras altas. Notavelmente bons em detectar coisas. Presas. Linguagem corporal. Mentiras... Esse tipo de coisas.

— Nós sabemos que dois dos seus homens começaram aquela briga no bar. — Disse Griff. E aquela briga transformou-se em um incêndio. Isso o coloca sob a jurisdição do Comandante Ash.

— Você pode ter ouvido falar dele. — Acrescentou Chase.

— O Fênix. — Disse Sammy, o sorriso ainda no rosto, embora parecendo cada vez mais como um predador, que mostrava seus dentes, em vez de qualquer tipo de gesto humano. — Bem, agora tudo bem, mas preciso dizer que não sei por que acha que meus rapazes estavam envolvidos em qualquer briga de bar. Muito menos um incêndio.

Chase olhou, contemplativamente, para o céu azul claro. — Há uma lenda interessante sobre os Shifters Pegasus. Diz que fomos criados

por Hermes, o Deus dos Mensageiros. Sabe o que um mensageiro precisa fazer, acima de tudo?

— Voar muito rápido de situações ruins? — Sugeriu Sammy.

Chase olhou o Shifter tubarão diretamente em seus olhos negros e mortos. — Encontrar pessoas.

— West viu seus atacantes. — Disse Griff. — Chase pegou seus rostos, diretamente da mente de West. E então ele sabe que estão aqui, neste barco, agora.

— Ainda afirma que não sabe nada sobre o ataque, Sammy? — Perguntou Chase.

Sammy encarou Chase durante um longo momento.

Então, o Shifter tubarão inclinou a cabeça. — Rusty. — Disse ele a um de seus capangas. — Peça a Hammer e Eights para vir aqui, sim?

— *Eu disse que isso funcionaria.* — Chase enviou psíquicamente a Griff, quando o homem desapareceu abaixo do convés.

— Não conte suas galinhas cedo demais. — Murmurou Griff com seriedade. — Ou seus tubarões. Ele está tramando algo.

Passaram-se alguns minutos desconfortáveis, durante os quais Sammy e Chase continuaram sorrindo um para o outro. A mandíbula de Chase estava começando a doer, quando o homem reapareceu, escoltando dois outros homens.

— Tubarão-martelo e... Polvo, eu acho. — Griff informou Chase, em voz baixa.

Ele não teve que apontar qual era qual. O Shifter tubarão martelo era quase tão grande quanto Sammy, enquanto o Shifter polvo tinha

dedos, estranhamente, longos e flexíveis. Ambos pareciam incrivelmente nervosos.

— Preste atenção, Sr. Águia. — Disse Sammy a Griff. Ele moveu sua atenção para os dois homens inquietos. — Rapazes, vocês lembram que mencionei um certo Sr. West, no outro dia?

— Sim chefe. — Respondeu o Shifter tubarão martelo.

— O que, exatamente, eu disse? — Sammy perguntou, olhando para Griff.

O shifter Polvo torceu as mãos com nervosismo. — Que ele era um bom piloto, a única maneira de perder a Copa Rydon seria se quebrasse ambos os braços.

— Eu lhe disse para quebrar os dois braços? — Sammy pressionou.

Ambos os shifters balançaram a cabeça.

— Eu estava, de fato, rindo e sorrindo, de tal maneira que poderia indicar que estava apenas brincando?

Hammer e o Shifter polvo acenaram com a cabeça, silenciosamente.

Sammy voltou para Griff. — Parece-me que meus rapazes tiveram o que você poderia chamar de um excesso de iniciativa. Um pouco de adrenalina, que acabou ficando fora de controle. Você não concorda, Sr. Águia?

A boca de Griff ficou em uma linha fina. — Ele está falando a verdade. Até onde consigo ver.

Merda! Chase pensou. Ele manteve o sorriso, embora levasse toda a sua força de vontade. Não daria ao Shifter tubarão a satisfação de vê-lo errado.

Sammy colocou as mãos nos bolsos do terno, balançando um pouco sobre os calcanhares, enquanto contemplava seus capangas. — Agora rapazes, pelo o que essas pessoas agradáveis dizem, o Fênix está muito irritado pelo fogo.

— Não fomos nós! — O Shifter Polvo explodiu.

— Foi a garota. — Disse Hammer. — Ela começou.

— Sim. — O shifter polvo acenou vigorosamente. — Se o Fênix quer queimar alguém, deveria ser ela.

— Obrigado Hammer, Eights. — Sammy os dispensou, com um movimento de sua mão e eles saíram com gratidão.

— Não se preocupem rapazes. — Disse Sammy, voltando-se para Chase e Griff. — Eu me certificarei de que meus homens aprendam uma boa lição deste pequeno incidente. Não acontecerá, novamente, no futuro, você tem minha palavra. Obrigado por trazer o assunto à minha atenção e por favor, dê os meus mais calorosos cumprimentos ao Fênix.

— Mas e quanto ao avião? — A mente de Chase estava frenética. — E a aposta?

Sammy encolheu os ombros. — West já pegou meu dinheiro. Pretendo cobrar o pagamento.

— Eu pagarei o dinheiro que ele deve. — Chase disse, seus punhos apertados. — Dobro. Triplo. O que você quiser, basta dizer seu preço.

— Agora, essa é uma ótima oferta. Eu sei que sua família tem bolsos fundos. Mas veja, aqui está a questão. — Sammy fez um gesto para seu luxuoso iate. — Eu também tenho. Mantenha seu dinheiro, rapaz. Não o quero. Mas quero aquele avião para minha coleção. E pretendo tê-lo.

— Espere! — Chase chamou, enquanto o Shifter tubarão começava a se afastar. — Você não pode tomar o avião de Connie!

— Se o avião de West não ganhar a Copa Rydon, então será meu. — Sammy disse sobre o ombro. — Essa foi a aposta.

Chase fez uma pausa.

Se o avião não ganhar...?

Ele jogou a cabeça para trás e riu, longo e alto. Griff olhou para ele, como se tivesse começado a latir. Sammy parou no meio do caminho.

— Oh, Sammy. — Chase riu. — Você não tem ideia de quão feliz estou, por você dizer isso.

Sammy se virou novamente, cruzando os braços sobre o peito largo. — E porque seria isso, filho?

— Você acabou de dizer que a aposta está no avião, não no piloto. — Chase sorriu para ele. — O avião de West participará. Eu vou voar.

Os olhos de Sammy se estreitaram. Ele não se moveu de outra forma, mas o grupo de shifters tubarões, que cercavam Chase e Griff começaram a se aproximar.

— E se você acha que West é bom. — Acrescentou Chase. — Deveria ver-me voar.

— Agora, porque... — Disse Sammy, suavemente, enquanto o círculo de shifters de tubarões fechava-se, como uma armadilha — ...você acha que voará para algum lugar? Aqui é mar aberto, rapazes. Vocês estão muito longe do Fênix ou do Parlamento dos Shifters, de qualquer uma de suas leis de terra seca. Nós temos nossas próprias regras aqui. E vocês dois estão muito fora do seu alcance.

O sorriso de Chase se ampliou. — Engraçado você dizer isso.

O iate inclinou-se para um lado, quando uma cabeça maciça e escamosa saiu da água. Os Shifteres tubarões de Sammy se espalharam em pânico, enquanto um pescoço longo e sinuoso arqueou-se no ar, entrando no barco. A água escorria pelas escamas azuis, caindo como chuva, no convés do iate.

— Acho que precisa concordar que ele não está muito fora do seu alcance. — Griff murmurou.

Sammy, finalmente, perdeu os traços de seu sorriso. — Ah. — Ele disse, olhando para cima.

— Este — Chase disse em tom de conversa. — É o que Caminha-Sobre-Ondas, o Emissário da Terra do Trono da Pérola, O Buscador de Juramentos do Imperador, em sua Ausência, o Cavaleiro Ungido da Primeira Água e... você sabe, é tão complicado lembrar todos esses títulos. Qual foi o último, Griff?

— Bombeiro, no Batalhão de Bombeiros e Resgate de East Sussex. — Griff forneceu, sorrindo.

— Oh sim, isso. — Chase se voltou para Sammy, que ficou tão pálido quanto seu terno. — Seu nome verdadeiro é um pouco

complicado de pronunciar, acima da água, então nós apenas o chamamos de John Doe. Diga olá, John.

O dragão do mar retumbou, com um som como continentes colidindo. A sombra de sua grande cabeça dentada caiu sobre o shifter tubarão.

— Então, veja Sammy, voarei no avião de West na corrida. — Disse Chase. — E vencerei.

Capítulo Cinco

Connie olhou atordoada, pela janela do quarto de seu barato apartamento alugado. Lá de cima, quase conseguia distinguir as luzes coloridas do aeródromo de Shoreham. Mesmo no escuro, sabia exatamente, qual partícula de luz marcava a localização do pequeno hangar, que abrigava seu avião.

O avião de sua *mãe*.

Connie tinha apenas doze anos, quando sua mãe morreu. Mas lembrava-se de suas mãos fortes sobre as dela, mostrando-lhe como desmontar um conjunto de rodas. Lembrava do cheiro reconfortante de óleo de motor, misturado ao perfume floral. Lembrava-se da risada encantada dela, quando um reparo ocorria bem e seu xingamento inventivo, quando isso não acontecia.

E Connie tinha uma lembrança distante e sonhadora de ser muito pequena, o suficiente para ficar no colo de sua mãe, enquanto ela trabalhava na restauração dos controles do avião. Pequena o bastante para ser perfeitamente feliz, na cabine do piloto com ela, totalmente segura e protegida. Porque sua mãe podia consertar *qualquer coisa*.

— Eu queria que você estivesse aqui, mamãe. — Connie disse, suavemente, ao avião distante e escondido.

Ela respirou fundo, passando a parte de trás da mão em seu rosto. Não havia tempo para lágrimas. Já há muito tempo que Connie precisava ser aquela que consertava as coisas. Consertaria isso.

Connie não deixaria ninguém tocar seu avião.

A cabeça de Chase apareceu de cabeça para baixo, no topo da janela aberta. — Boas notícias! — Ele anunciou alegremente. — Irei pilotar seu avião!

Connie saltou para trás com um grito estrangulado. — Chase, o que está *fazendo*?

— Pendurado pelos joelhos na calha. — Ele lhe lançou um sorriso invertido. — Era o caminho mais rápido para baixo do telhado.

Connie esfregou a testa. — Quero saber o que estava fazendo no telhado?

Seu sorriso diabólico desapareceu. — Provavelmente, essa é uma das coisas sobre as quais não tenho permissão para falar. Sinto muito.

Oh. Uma das coisas.

Ela, frequentemente, deparava-se com *essas coisas* com Chase, durante o breve verão que passaram juntos, há três anos. Havia certos tópicos que o deixava quieto, se aparecessem na conversa. Alguns deles eram coisas tolas e inocentes, como seu tipo favorito de animal, ou porque toda a família parecia ter desejo de pilotar aviões, como algo perverso.

Mas havia coisas mais importantes, que ele não discutia. Coisas como por que um playboy rico, notório por seus incontáveis encontros com supermodelos, ficou, repentinamente, obcecado com a filha simples e gorda de seu instrutor de vôo. Coisas como, por que a perseguia tão implacavelmente, apesar de suas recusas iniciais. Porque alguém como Chase gostaria de alguém como ela.

Comparado a isso, seu hábito de subir em telhados parecia, positivamente, normal.

Connie sabia por experiência, que questioná-lo, apenas resultaria nele fazendo algo surpreendentemente aleatório e, geralmente, bastante perigoso, a fim de forçar uma mudança de assunto. — Se não o deixar entrar, ficará aí toda a noite, não é?

O sorriso marca registrada de Chase reapareceu. — Quão bem você me conhece, meu amor.

— Eu não sou seu amor. — No entanto, afastou-se da janela, apontando para ele.

Chase entrou, cuidadosamente, pela janela, ficando de pé. O coração de Connie, que ainda estava acelerado, após o choque de sua aparição abrupta, bateu de forma estranha. Ele trocou o uniforme de bombeiro por calça jeans preta e uma camisa com botões, as mangas estavam enroladas, para mostrar seus antebraços bronzeados. A gola da camisa abriu-se um pouco, exibindo as fortes linhas de sua garganta e uma parte do peito musculoso.

Lembre-se de todas as coisas que ele é. Mulherengo, desonesto, volúvel, inconstante, não confiável...

Infelizmente, havia outra coisa que, inegavelmente, era: *lindo*.

Connie cruzou os braços, tentando esconder a ascensão traidora de seus hormônios, dando a Chase um olhar fulminante. — Por que você está aqui, Chase?

— Eu lhe disse. — Chase deitou-se em sua cama, recostando-se na cabeceira e parecendo irritantemente em casa. — Vou pilotar seu avião.

Connie olhou para ele. — Não, você, definitivamente não irá.

Chase estendeu as mãos, as palmas para cima. — Bem, se você quiser, posso ser o co-piloto, enquanto você voa, mas para ser sincero, acho que temos melhores chances ao contrário. Você é uma navegadora muito melhor do que eu, afinal. Eu não tive muita experiência, fazendo esse tipo de coisa. E aposto que você estuda o curso da corrida há pelo menos um mês...

— *Chase.* — Connie cortou. — Comece do início. Que porra você está falando?

— Conversei com Sammy. Ele não desistiu da aposta, mas o fiz manter as palavras literais do acordo que fez com seu pai. — Os dentes brancos de Chase brilharam, em seu sorriso primitivo. — A aposta está no avião, não especificamente, no seu pai voando. Então, agora tudo ficará bem. Nós apenas precisamos ganhar a Copa Rydon juntos, pilotando seu avião.

Empurrando os pés de Chase para longe, Connie sentou-se com força, no final da cama. — Nós apenas precisamos ganhar a Copa Rydon. Certo. Uma pergunta. Você está completamente louco?

— O que? — Chase pareceu ferido. — Você sabe como eu vôo.

— Como se Deus lhe desse asas de águia. — Connie disse com os dentes apertados. — E o cérebro de um beija-flor.

— Essa é a coisa mais legal que você já disse para mim. — Falou Chase, sorrindo. — Bem? Vamos, Connie. Você e eu. Nós podemos fazer isso. Juntos.

Connie beliscou a ponta do nariz, pensando no assunto. Cada fibra dela gritava *NÃO!!!!* Ao pensar que Chase se sentaria no avião de sua mãe e muito menos se o lançasse pelo céu, mas precisava admitir,

ele *era* um piloto ridiculamente rápido. Não *era bom*, era muito arrogante sobre pequenas coisas, como controle de tráfego aéreo e o chão. Mas estaria sentada logo atrás dele, na cabine do co-piloto. Poderia assumir o controle, se ele fosse tão imprudente.

Talvez, realmente, pudessem fazer isso juntos.

— Tudo bem. — Ela disse, relutantemente. — É uma ideia terrível, louca e ridícula. Mas não tenho uma melhor. Você está atualizado com sua licença? Com que frequência voa?

A boca de Chase se curvou. — Você ficaria surpresa. Mas o tipo de pilotagem que você quer dizer... bastante frequente. Vão no helicóptero de serviço, quando precisamos de suporte aéreo para apagar incêndios. E tenho um avião, que uso regularmente. Toda semana, geralmente.

Connie olhou-o com desconfiança, mas não sabia se ele estava mentindo. — Estou surpresa que encontre tempo, junto com os bombeiros também.

Os olhos de Chase escureceram, sua expressão ficando inusitadamente séria. — Sempre que voava, isso me fazia sentir mais perto de você. Sabendo que estava no mesmo céu, mesmo que não soubesse onde.

Eu não vou me apaixonar por ele.

— Bem, fico feliz em saber que esteve praticando. — Disse Connie, ignorando, decididamente, seu olhar intenso. — Vamos nos encontrar no avião, amanhã. Mostrarei as peculiaridades dos controles. Estou avisando, não será como qualquer coisa que já tenha voado antes.

Um olhar rápido e privado de diversão passou pelo rosto de Chase. — Acho que verá que sou um aprendiz rápido.

— Eu sei que você é. Quando, realmente, decide ouvir. — Connie tocou sua perna musculosa com o dedo. — Estou falando sério, Chase. Se ficará atrás dos controles do avião da minha mãe, então é melhor que seja sério.

— Quando se trata de você... — Disse Chase, todos os traços de diversão desaparecendo —... eu sou *completamente* sério.

O calor, em seus olhos escuros e atentos, fez um calor de resposta espalhar-se por ela. Era como se ele fosse um ímã, puxando a bússola de sua alma fora do alinhamento. Sabia, *sabia* que ele era um playboy traiçoeiro e ainda assim, não podia deixar de querer jogar a cautela para longe e voar diretamente, para seus braços.

Connie levantou-se, abruptamente. — Bom. Nesse caso, vejo-o amanhã. Boa noite, Chase.

Ele permaneceu deitado na cama.

— Eu disse *boa noite*, Chase. — Ela olhou para ele. — Isso significa que é hora de sair. Agora.

— Ah, bem. — Chase cruzou os braços, confortavelmente, atrás de sua cabeça. — Acho que não poderei fazer isso.

Connie revirou os olhos. — Chase, você mora nesta cidade. Não há como me convencer de que não tem lugar para ir.

— Eu tenho. Um lugar muito agradável. Muito melhor do que esse, se não se importa que diga. — Ele sentou, movendo os pés fora da cama. — Na verdade, por que não vamos para lá agora? Gostaria de

mostrar o meu jardim no terraço. Pode usar a banheira de hidromassagem, olhar para o mar e...

— Eu *não* vou a lugar algum com você. E é hora de ir embora. Agora.

— Eu realmente, não posso. — Chase disse com firmeza. — Considerando que Sammy Smiles já colocou seu pai no hospital, não posso correr o risco de deixá-la sozinha.

Connie cruzou os braços sobre o peito. — Posso cuidar de mim mesma.

Chase tensionou a mandíbula. — Quero dizer isso Connie. Não sairei do seu lado.

— E não o terei ao meu lado todo momento, até a corrida. — respondeu Connie.

O sorriso malicioso de Chase apareceu novamente. — Bom. Porque na verdade, planejei ficar contigo por muito mais tempo do que isso. Algo como para sempre.

Connie levantou as mãos com desespero. — Olha, se eu fizer sexo com você finalmente, concordará em me deixar em paz?

As palavras saíram dela espontaneamente, alimentadas por uma combinação de exasperação e atração. Não quis realmente dizer isso.

Mas isso significou o prazer de, finalmente, ver Chase completamente e absolutamente sem palavras.

— Bem? — Encorajada por seu silêncio atordoado, Connie deu três passos em direção a ele, posicionando-se entre seus joelhos. — Vamos,

Chase. Você e eu, bem aqui, agora mesmo. Tire isso do seu sistema, para que possa, finalmente me superar.

Então eu posso finalmente superar você.

Chase engoliu em seco. — Connie, nós... Por favor, não me provoque. Você não entende o que significa para mim.

— Eu não estou provocando. — Jogando o senso comum ao vento, Connie passou a ponta dos dedos no antebraço nu de Chase, traçando os músculos duros como pedras. — Não me diga que um playboy como você nem sempre carrega um preservativo ou dois.

— Na verdade, não. — Chase disse com voz rouca. — Assim...

— Bem, estou no controle de natalidade de qualquer maneira, então, enquanto aceitar minha palavra, não é realmente um problema. Na sua linha de trabalho, suponho que seja testado regularmente, certo?

Chase não poderia parecer mais supreso, se ela o tivesse encurralado contra um canto. — Sim, claro, mas.... você não pode realmente falar sério.

— Por que não? Ambos estamos de acordo e somos adultos. Há coisas inacabadas entre nós, então, vamos terminar com isso de uma vez por todas. — Connie começou a abrir os botões de sua camisa. — Assim podermos seguir em frente com nossas vidas.

A mão de Chase fechou ao redor de seu pulso, parando o movimento. Connie podia sentir a força contida no aperto. Ele estava tremendo, ainda que, levemente, como se estivesse tomando uma imensa força de vontade para se conter.

Sentia-se *maravilhosamente bem* fazer alguém ser o sensato, por uma vez.

— Não faça isso. — Disse ele, algo escuro e primitivo aparecendo em sua voz. — Não, a menos que, realmente queira.

Connie encontrou seus olhos negros, cheios de calor e descobriu que, realmente o *queria*.

— Esta é uma oferta única, Chase. — Disse ela. — É pegar ou largar.

Com um gemido baixo, Chase a puxou para ele. Os últimos vestígios do julgamento de Connie queimaram, ao primeiro toque de seus lábios sobre os dela. Chase a beijou desesperadamente, como se fosse o ar que precisava para respirar. Connie beijou-o de volta com igual fervor, três anos de desejo reprimido, finalmente estourando.

As mãos de Chase passaram por suas coxas e quadris, explorando suas curvas. Connie precisava, abruptamente, sentir aquelas mãos ágeis e sensíveis, em sua pele nua. Interrompendo o beijo, ela puxou a camisa pela cabeça em um movimento rápido e impaciente.

A respiração de Chase sibilou entre os dentes. Seus braços ficaram tensos, afastando-a dele, para que seu olhar faminto pudesse devorá-la, saboreando cada curva de seu corpo exposto.

Então ele fechou os olhos.

— Connie. — Disse com voz rouca. — Caso queira que isso vá devagar, preciso de um segundo.

— Nunca, em toda sua vida, fez *qualquer coisa devagar*. — Connie tentou aproximar-se dele, mas seus braços rígidos eram como barras de ferro. — E pelo amor de Deus, Chase, não comece agora!

Chase soltou um som que era meio risada, meio rosnado. Então, antes de Connie perceber o movimento, ele tirou seu sutiã. Ela ofegou, quando sua boca fechou-se, ferozmente, sobre um seio, enquanto as mãos moviam-se para abrir o botão do jeans e fechou os olhos, entregando-se à gloriosa sensação da língua dele circulando seu mamilo.

Chase puxou seu jeans e a calcinha. Ele fez um som baixo e selvagem, profundo, em sua garganta, enquanto os dedos fortes agarravam sua bunda. Então, de alguma forma, ela estava de costas na cama, a última peça de suas roupas caindo. As mãos ágeis dele e a boca experiente pareciam estar em todos os lugares de uma só vez, provocando seus mamilos, chupando seu pescoço, explorando suas dobras molhadas e ansiosas.

— Oh. — Connie ofegou, enquanto seus longos dedos entravam nela. — *Oh*.

Connie inclinou a cabeça para trás, um prazer ardente percorreu-a. A boca estava quente em seus seios, os dentes beliscando a pele, com uma paixão mal contida. Ela envolveu as pernas ao redor dele, as mãos apertaram sua camisa e sentia o jeans áspero contra suas pernas nuas, enquanto o clímax a alcançava.

— Mais. — Exigiu, quando pôde falar novamente. Connie puxou a camisa dele, desesperada por seu corpo nu sobre ela, nela. — Agora, Chase!

Connie sentiu os lábios curvarem contra o peito. Então, Chase se foi, o ar, de repente, frio em sua pele corada e suada. Ela se apoiou nos cotovelos, para olhar com avidez, enquanto ele desabotoava a camisa.

Embora tivessem namorado brevemente, anos atrás, Connie nunca o deixou chegar tão longe. Agora estava descobrindo o que perdeu.

Ofegou com a visão do peito largo e do abdômem. Cada músculo, em seu corpo, era bem definido, moldado e aperfeiçoado pela natureza física e dura de seu trabalho.

Chase se inclinou para tirar o jeans, revelando os quadris magros e o traseiro duro. Então endireitou-se, virando.

—Porra. — Connie não pôde deixar de dizer.

Chase era enorme, quase como um *cavalo*.

Pelo sorriso rápido e aflito que lhe deu, ela imaginou que não era a primeira mulher a ter segundos pensamentos, quando confrontada com sua ereção francamente intimidadora.

— Você quer parar? — Ele perguntou, sua voz tremendo com desejo cru. A cabeça inchada de seu enorme pênis, já brilhava com ansiedade.

Connie quase disse *sim*. Mas seu corpo tinha suas próprias ideias. Não importava o quanto seu cérebro gritasse que ele era muito grande, sua boceta exigia aquele eixo longo e largo.

Sem o poder para resistir, ela abriu as pernas.

Chase não precisou de mais um convite. Antes que ela tivesse tempo para outros pensamentos, seu corpo duro estava sobre ela, a

boca tomando a dela. A língua deslizou entre seus lábios, reivindicando-a e a possuindo, mesmo quando a cabeça grossa de seu pau pressionou a entrada.

Connie ofegou, com a incrível sensação de seu pau esticando-a. Ele a penetrou lentamente, mas firmemente. Nunca imaginou que poderia aguentar tanto.

Sua circunferência dura como pedra acariciava cada parte de suas áreas internas mais sensíveis. Seu mundo inteiro limitou-se apenas a ele, enquanto empurrava, implacavelmente, para dentro dela.

Chase fez uma pausa. Connie podia senti-lo tremendo, lutando para se controlar. Ele a encheu mais do que poderia sonhar ser possível. Ela estava muito perto do orgasmo, apenas precisava de um último impulso para gozar.

Seus olhos escuros estavam cheios de necessidade crua e animal, mas Chase ainda se mantinha imóvel. — Connie. — Ele disse com a voz rouca.

A maneira como disse seu nome, era uma pergunta não dita. Em resposta, ela apertou seu eixo.

Com um gemido sincero, Chase empurrou mais um pouco, finalmente, enchendo-a completamente. Connie foi empurrada ao limite, caindo em ondas de prazer.

Mãos fortes agarravam seus quadris, enquanto se contorcia. Ele saiu e empurrou, mais, mais e mais. Sua respiração vinha em grandes suspiros irregulares, quando Chase, finalmente, perdeu todo o controle. Ele se esforçou, enterrando-se mais fundo nela do que nunca, como se estivesse tentando fazer deles um corpo, uma alma.

Connie cravou os dedos em suas costas duras e musculosas... Mas, mesmo enquanto se pressionava contra ele, uma pequena parte dela mantinha uma distância cautelosa. No meio da tempestade de êxtase, um único pensamento permaneceu em sua mente, como o olho calmo de um furacão.

Eu não vou me apaixonar por ele.

Capítulo Seis

Chase voltou a si lentamente, como se estivesse descendo do céu para pousar. Podia sentir o batimento cardíaco de Connie contra seu peito, o pulso em perfeita sintonia com o seu.

Nossa companheira! Em contraste com sua própria letargia, seu Pegasus estava em triunfo, incapaz de ficar quieto. *Nossa companheira! Nós a satisfizemos, conquistamos, ela nos escolheu! Nossa companheira!*

Chase deixou escapar uma risada suave e divertida, com o orgulho desavergonhado do garanhão e suas próprias proezas. Pressionou o rosto na junção do pescoço e ombro de Connie, inalando profundamente. Sua pele ruborizada continha agora um traço inebriante de seu próprio cheiro. Ela cheirava como o céu, como sexo, como tudo de bom. Poderia ficar ali para sempre, cheirando-a.

O seu garanhão resmungou, impaciente, abanando a cauda. *Para cima, para cima, rapidamente! De volta para o ninho! Termine, marque-a, faça-a nossa para sempre, apenas nossa. Nossa companheira!*

— Então. — Connie se moveu embaixo dele, empurrando o ombro. — Isso aconteceu.

— Mmm. — Chase concordou. Ele, relutantemente, rolou de costas para deixá-la levantar. — Certamente aconteceu...

Ela saiu debaixo dele. Chase colocou os braços atrás da cabeça, admirando seu corpo exuberante e glorioso com prazer preguiçoso, quando ela começou a pegar suas roupas.

— E agora que tiramos isso do nosso sistema. — A voz de Connie estava abafada, quando puxou a blusa pela cabeça. — Então podemos esquecer e seguir em frente.

Chase riu. Então, abruptamente, parou. — Espere. Você está falando sério?

Connie se virou para encará-lo, com as mãos nos quadris. — Eu disse. Apenas sexo, para resolver as coisas. E agora que você conseguiu o que queria, precisa ir.

Todo seu contentamento lânguido desapareceu, quando ele se sentou. — Connie, não!

— Saia, Chase! — Ela jogou suas roupas para ele. — Esse foi o acordo, lembra-se?

Ele passou a mão pelos cabelos úmidos, olhando-a com desânimo absoluto. — Sim, mas... pensei...

— Você pensou que um gosto seu, faria com que implorasse por mais. — Connie cruzou os braços sobre o peito, olhando-o. — Bem, desculpe desinflar seu ego maciço, mas dormir consigo não me deixou apaixonada. Agora, deixe-me em paz, a menos que, mais uma vez, romperá sua promessa.

Chase tinha a boca aberta para protestar, mas com as últimas palavras, voltou a fechá-la. Procurou por uma explicação, desculpas... Mas ela estava certa.

Três anos atrás, prometeu ser fiel a ela. Pensou que seria fácil. Claro, antes de conhecer Connie, ele gostava do estilo de vida de playboy bilionário, mas assim que a viu, soube que nunca mais voltaria a olhar para outra mulher. Ele lhe *prometeu* isso.

Então, de alguma forma, em uma noite que Chase nem sequer conseguia se lembrar, rompeu essa promessa.

Romper outra agora, faria com que saísse de sua vida. Novamente.

Não, não, não! O seu garanhão rugiu, batendo os cascos, tentando forçá-lo a ficar de pé.

Pela primeira vez, Chase freou o animal, forçando-o para baixo. Ainda podia senti-lo batendo suas asas, furiosamente, no fundo de sua mente, enquanto lentamente, com relutância, vestia suas roupas.

Connie levantou a mão, enquanto ele caminhava em direção à porta. — Oh e Chase?

Ele girou tão rápido, que quase perdeu o equilíbrio. — Sim?

Não havia a menor sugestão de arrependimento ou indecisão em sua expressão, quando ela encontrou seus olhos. — Vejo você no aeródromo amanhã. O que nós... o que aconteceu, não muda nada. Ainda temos uma corrida para vencer.

Ela fechou a porta do apartamento na cara dele. Chase olhou, cegamente, para ela. Não queria nada, além de derrubá-la, para exigir que ela o amasse tão fervorosamente e apaixonadamente, como ele a amava.

Porque isso funcionou tão bem para você na última vez, não foi?

Ele sabia que era esmagador, impetuoso e geralmente, uma dor na bunda. Muitas pessoas diziam-lhe isso, diariamente, praticamente toda sua vida.

Mas sempre assumiu que sua companheira predestinada gostaria disso nele. Ao crescer, sempre pensou que no dia em que a encontraria, pega-la-ia no colo e a levaria, triunfante, para o pôr-do-sol.

Três anos atrás, conheceu Connie. Ela o viu e fugiu o mais rápido que pode.

É verdade que, em retrospectiva, *pode* ter sido a tática errada propor a ela, antes mesmo de perguntar seu nome.

Chase passou um mês inteiro no aeroporto de Kilkenny, todos os dias, sob a desculpa de ter lições de voo com seu pai, apenas pela chance de ficar perto dela. Quando Connie, finalmente, conversou com ele novamente, suas palavras: *passa aquela chave de torque*, foram as mais belas poesias que já ouviu.

Um mês para que conversasse com ele. Mais um mês, lentamente, ganhando sua confiança, persuadindo-a de que não era apenas um playboy volúvel, tentando entrar em sua calça.

Connie finalmente, deixou-o levá-la para um encontro. Um encontro que se transformou em dois, três, mais...

Eles passaram um mês único e glorioso juntos, como um casal. Mesmo que ela nunca o deixasse ir além de alguns beijos roubados, foi o melhor mês de toda sua vida.

Então, quando ela parecia pronta para deixá-lo entrar, finalmente, em seu coração, jogou tudo fora.

Chase ainda não sabia o que aconteceu. Connie ligou para convidá-lo para ir ao apartamento dela para jantar, com uma timidez, que deixou claro o que queria. Ficou tão exultante e nervoso, que as horas

até a noite, pareceram infinitas. Foi ao seu clube para tomar uma bebida, apenas uma, para passar o tempo.

A próxima coisa que soube, era acordou na cama com duas mulheres que nunca conheceu antes e Connie olhava para ele, da porta, com olhos chocados e feridos.

Então ela se virou e saiu de sua vida.

Novamente não. Não desta vez.

Chase respirou fundo, endireitando os ombros. Tanto quanto desejava retornar, imediatamente, tentar explicar as coisas, agora seria como correr com algemas. Preocupava-se com o fato de não ter permissão para contar a ela. Se ao menos entendesse que era um shifter e que ela era sua companheira... Mas isso era impossível.

Mas logo, tudo mudaria.

O telhado de Connie tinha uma excelente rede celular. Chase sentou-se, com as pernas cruzadas, impaciente, ligando repetidas vezes. Felizmente, levou apenas dezoito tentativas para que alguém atendesse.

— Chase. — Grunhiu a voz irlandesa irritada de seu primo. — *É uma hora da manhã, porra.*

— Killian? — Chase piscou. — É você? O que está fazendo com o telefone do meu pai?

—Cuidando de seu negócio, enquanto ele está de férias. Eu e sua mãe levamos oito meses inteiros de discussão com ele, para persuadi-

lo a dar uma pausa. Então não, não vou passar para ele. Qualquer crise que esteja tendo, neste momento, pode esperar.

— Não, realmente não pode. — Incapaz de ficar quieto, Chase levantou-se, andando de um lado para o outro, ao longo do telhado. — Killian, você nunca acreditará. Connie está aqui!

Houve um momento de silêncio atordoado, do outro lado da linha. — Sua companheira?

— Sim! — As palavras saíram incontroleveis, por poder conversar com alguém que entendia. — E ela está conversando comigo novamente, propus e seu pai está no hospital, salvei-a de um incêndio e seus detetives estavam errados, ela estava na América, a propósito, de qualquer forma, Connie está de volta, agora com o avião para a corrida aérea da copa Rydon e há esse Shifter tubarão, chamado Sammy Smiles, que quer matá-la, porque não quer que ganhe, mas garantirei que sim, então, provavelmente, virá atrás de mim, também.

— O que? — Disse Killian, como se nada disso tivesse sentido algum.

— Não importa, essa não é a parte importante. — Chase disse com impaciência. — Nós fizemos sexo!

— Você fez o *que*? — Killian pareceu totalmente chocado.

— E então ferrei tudo. — Admitiu Chase.

Killian soltou um profundo e sincero suspiro. — Claro que sim.

— Por isso que preciso falar com meu pai. A única maneira de corrigir tudo é contando à Connie que sou um shifter. Uma vez que entender sobre os companheiros, ela...

— Chase, passamos por isso antes, há três anos. — Interrompeu Killian. — Você pode dizer a ela, quando estiver casado. É assim que tem sido há centenas de anos.

— Mas não consigo persuadi-la a se casar comigo, *a menos que conte*. — Chase apertou o punho. — Papai é o Pegasus Alfa. Preciso convencê-lo a relaxar as regras, apenas desta vez.

— Você pode ser a menina dos olhos de seu pai, Deus sabe o porquê, mas ele não colocará todos da nossa espécie em risco. Nem mesmo por você. As regras de sigilo existem por algum motivo Chase. Não podemos nos arriscar a que pessoas comuns descubram sobre nós. A menos que esteja disposto a lançar um desafio formal, não pode alterar nossas leis.

Seu garanhão mostrou os dentes, as orelhas achatando-se. *Lute contra o Alfa. Pegue o rebanho. Conquiste nossa companheira!*

Chase, mentalmente, recuou diante do pensamento. Ele amava seu pai e não sonharia em desafiá-lo. Para os Shifters Pegasus, as lutas de dominação sempre aconteciam até a morte. Assassinar o próprio pai *não* seria um bom começo para um relacionamento duradouro com Connie.

Além disso, claro, Chase herdaria, imediatamente, todo o negócio da família. Passou quase toda sua vida fugindo *dessa* responsabilidade.

— Olhe. — Killian disse com mais delicadeza, interpretando o silêncio melancólico de Chase. — Eu sei o quanto isso significa para você. Vamos fazer assim, tenho alguns negócios para resolver aqui,

mas o encontrarei, assim que puder e conversarei com ela, ok? Acho que gosta de mim.

Chase se animou um pouco. Connie se *relacionou* bem com Killian, nas poucas ocasiões em que se encontraram. Seu primo mais velho era o tipo de pessoa que Connie admirava, era firme, confiável e sério. Como CFO das empresas Tiernach, conquistou o respeito nas comunidades empresariais e Shifters, o que aumentou seu ar natural de autoridade. Connie o ouviria.

— Obrigado, Killian. — Ele disse com gratidão, sentando-se novamente. — Devo-lhe uma. Novamente.

Outro suspiro profundo. — Este sou eu resgatando-o da responsabilidade, todo o tempo. — Killian fez uma pausa por um momento. — Caso *consiga* conquistá-la, voltará? Da última vez que a namorou, estava cheio de planos para se estabelecer. Tomará seu lugar no negócio da família, como seu pai sempre quis?

Chase estremeceu, esquivando-se da ideia como um cavalo com sela. Mas ainda... — Talvez. Gosto de ser bombeiro, realmente gosto. Mas é um trabalho perigoso. Não gostaria que Connie ficasse preocupada, toda vez que fosse trabalhar.

— Venha para o lado negro. — Killian aprofundou a voz. — Nós temos *planilhas*.

— Somente você poderia fazer finanças parecer ainda mais chato, do que realmente é. — Chase moveu os pés, olhando as estrelas. — Acho que sim. É como funciona, verdade? Encontrar sua companheira, casar-se, tornar-se responsável...

— Alguns de nós pulam diretamente para o último. — Murmurou Killian.

— Sou grato a você por isso. — Disse Chase significamente. — Você diz que sou o garoto de ouro, mas é o braço direito do meu pai. Eu deveria ser mais como você.

— Não recomendo. — Disse Killian, soando bastante melancólico. — Afinal, não encontrei *minha companheira*.

— Quando o fizer, aposto que não terá metade dos problemas que eu tive. — Sob ele, podia sentir a localização exata de Connie. Era fisicamente doloroso resistir à forma como o puxava, uma dor latejante em seus ossos. — Sempre conseguiu controlar seu garanhão. Não como eu. Não posso sequer permanecer quieto agora.

— Ajudarei, assim que puder. Simplesmente, não piore as coisas, ok? Ouça. Por que não sai, encontra um clube? Beba, dance e distraia-se de tudo isso.

— Sem clubes. — Disse Chase, bruscamente. — Sem beber. Não depois da última vez.

— Sinto muito, não estava pensando. Completamente sem tato. — Killian fez uma pausa. — Mas Chase, deveria encontrar algo para se manter ocupado. Caso contrário, ficará sob sua janela, incendiará o local ou tentará algum outro esquema imprudente, cinco minutos depois que eu desligar. Conheço você.

Killian o conhecia. Chase tocou com a ponta dos dedos o telhado. Não podia deixar Connie desprotegida, mas, realmente, ficaria louco de inquietação, se não tivesse nada para fazer, a não ser olhar melancolicamente para o teto entre eles. Talvez, se pedisse a um dos

outros membros de sua equipe que a protegesse por um curto período de tempo...

Um sorriso lento espalhou por seu rosto. — Há algo que preciso fazer. Mas preciso de dinheiro.

— O que eu fiz? — Murmurou Killian. — Chase, você pediu um extra de dois milhões, apenas seis meses atrás. O que aconteceu?

— Gastei. — Disse Chase. — Obviamente. Enviará mais?

Killian suspirou novamente. — Quanto precisa?

— Façamos assim. — O sorriso de Chase ampliou-se. — Apenas enviarei o cheque.

Capítulo Sete

Connie se espreguiçou, enquanto acordava, rolando, sonolenta, pela cama. Seus dedos não encontraram nada, além de ar. O colchão ao lado dela estava vazio.

Uma onda de pânico percorreu-a. Rapidamente se sentou e passou alguns segundos confusos, olhando fixamente para o espaço vazio na cama, antes que seu cérebro acordasse completamente e anulasse seu coração irracional.

Claro que Chase não estava ali. Eu o chutei para fora.

Não posso acreditar que ele, realmente, foi embora.

Connie percebeu que parte dela estava, completamente, convencida de que ele encontraria algum jeito de se esgueirar para dentro. Em algum nível profundo, esperava acordar com seu sorriso arrogante e impertinente, com uma onda de bobagens explicando porque, simplesmente *precisava* passar a noite com ela.

Connie verificou sob a cama. Ainda nada de Chase.

Ele, realmente, honrou nosso acordo. Dormi com ele, então agora me deixará em paz.

Assim como eu queria.

Deveria me sentir feliz com isso.

Então ouviu alguém se movendo, silenciosamente, na sala do apartamento, do outro lado da porta do quarto.

Seu coração disparou, mesmo quando enterrou o rosto nas mãos e gemeu. Claro que ele, na verdade, não saiu. Sem dúvida, Chase estava enchendo sua pequena cozinha/sala de estar com rosas, iguanas ou só Deus sabia o que ele considerava um gesto romântico.

Sem se preocupar em vestir o roupão, Connie foi até a porta do quarto e a abriu. — Chase, eu disse...

Não era Chase.

Connie recuou tão forte, que bateu a bunda contra o trinco da porta. — Quem, porra, é você?

O homem virou-se, rapidamente, com seu grito. Ele era alto e musculoso, com cabelos castanhos curtos, em um corte vagamente militar. Havia algo, em seus olhos escuros, que faziam uma parte profunda e primitiva da psique de Connie sentir medo, instintivamente. Seja lá quem fosse, era *perigoso*.

— Chase! — Connie agarrou a primeira coisa que veio à mão, um travesseiro e jogou no intruso. — Socorro!

O homem desviou do travesseiro, mas Connie já estava com um abajur, balaçando como um bastão de beisebol, levantou-o e moveu-o para jogar em sua cabeça com toda a força.

Reflexivamente, o homem levantou a mão, segurando-o. Fogo branco brilhou. Connie gritou, deixando cair o abajur, enquanto o metal, subitamente quente, queimava sua pele.

— Por favor. — O homem disse rapidamente, levantando ambas as mãos. — Não fique alarmada. Não vou machucá-la.

Com os olhos arregalados, Connie olhou para a lâmpada queimada, agora no tapete, depois de volta para o homem. — Quem é você?

— Um amigo de Chase. — O homem suspirou, esfregando o rosto. — Sinto muito, mas temo não ter escolha, senão iniciar esta conversa novamente. Por favor, perdoe-me.

Connie teria se afastado dele, mas estava, abruptamente, congelada por seus olhos ardentes. Aterrorizada, não podia fazer nada para resistir, quando ele estendeu a mão para tocar sua testa.

Fogo acendeu.

Connie piscou. Havia um homem estranho na sala.

No entanto, estava ajoelhado no chão, com os olhos fechados e as mãos no ar. Parecia mais um refém, do que um intruso.

— Chase me pediu para protegê-la, enquanto fazia algo. — Disse o homem, rapidamente, enquanto ela inspirava para gritar. — Temia que Sammy Smiles pudesse atacá-la ao dormir. Sou o Comandante dos bombeiros Ash, do Serviço de Incêndio e Resgate East Sussex. Posso mostrar-lhe minha identificação?

Connie olhou-o, cautelosamente, procurando por uma arma. Por algum motivo, sua lâmpada de cabeceira estava no meio do chão. Ela a pegou. O metal estava, estranhamente, quente em sua mão, quando segurou a lâmpada no alto, pronta para jogá-lo na cabeça do homem, se estivesse mentindo. — OK. Mas devagar.

Connie ficou tensa quando o homem alcançou sua jaqueta, mas fiel à sua palavra, tirou uma carteira de couro. Ele a abriu, mostrando silenciosamente o escudo metálico dentro.

Sentindo-se um pouco boba, abaixou a arma improvisada. — Oh. Um. Prazer em conhecê-lo, Comandante Ash. Desculpe-me se o assustei. Chase não me disse que você viria.

— Então, percebi isso. — Disse ele num tom severo. — Acredito que terei uma conversa com ele sobre isso.

Ainda estava de joelhos, embora com as mãos abaixadas. — Uh, pode se levantar agora, se quiser. — Connie ofereceu. — Prometo que não tentarei bater em você. Quer tomar um café?

Ash limpou a garganta, os olhos ainda fechados. — Ah. Talvez você devesse se vestir primeiro.

Connie olhou para si mesma.

— Sim. — Ela disse, sua voz aumentando. — Sim, seria uma boa idéia.

Mesmo com as roupas, a conversa com Ash provou ser uma luta árdua. O Comandante era perfeitamente educado, mas tão insolente, que Connie desistiu de questioná-lo. Parecia satisfeito em se sentar em absoluto silêncio, contemplando, pensativamente, as profundezas do café que ela lhe ofereceu. Exalava uma aura de reserva tão intimidante, que Connie se encontrou, involuntariamente, afundando na cadeira.

Ash, abruptamente, olhou para cima de seu café intocado, a cabeça girando em direção à porta. Um momento depois, bateu contra as dobradiças e Chase entrou.

— Oh bom, você está aqui! — Ele disse alegremente para Connie. — Vejo que conheceu meu Comandante.

— Duas vezes. — Ash disse em voz baixa. Ele olhou duro para Chase.

O sorriso de Chase sumiu de seu rosto. Connie percebeu uma estranha comunicação entre os dois homens, por um momento.

— Oh. — Chase disse. Ele se virou para Connie. — Desculpe-me por isso. Na próxima vez, lembrar-me-ei de avisá-la.

— Próxima vez? — Connie revirou os olhos. — Na próxima vez que eu o expulsar do meu apartamento, não tome isso como se significasse preciso que envie alguém para substituí-lo.

O sorriso de Chase reapareceu. — Ah, então *haverá* uma próxima vez?

— A próxima vez está prestes a ser agora, se você não parar de sorrir para mim. — Connie o informou.

O Comandante Ash ficou de pé. — Acho que minha presença não é mais necessária.

— Foi, uh... um prazer conhecê-lo. — Connie disse, com tanta sinceridade quanto conseguiu reunir. — Obrigada por cuidar de mim, mesmo assim. Desculpe por ameaçá-lo com um abajur.

— Por favor, aceite minhas sinceras desculpas também. — Disse o Comandante Ash, o que era bastante estranho, dado que foi *ela quem o ameaçou*. Com um último olhar para Chase, ele saiu.

— Você tentou atacar o Comandante Ash com um abajur? — Chase parecia segurar uma risada.

Connie olhou para ele, enquanto recolhia as xícaras de café. — Você tem sorte que não o acertei com um taco. Honestamente Chase, o que estava *pensando*?

— Não queria surpreendê-la. Pensei que não descobriria que ele estava aqui.

Connie colocou as xícaras de café na pia com um barulho alto. — Realmente, não está ajudando seu caso, sabe.

— Isso saiu um pouco diferente de como pretendia. — Admitiu Chase. — Apenas queria dizer que planejava voltar, antes de você acordar. Mas atrasei.

— Atrasou fazendo o que? — Connie perguntou com desconfiança, de costas para ele, enquanto lavava as xícaras.

— Compras. — Disse Chase, como se fosse uma coisa perfeitamente razoável de ser feita, antes do amanhecer.

— Compras? — Connie se virou para olhá-lo. — O que você...

Ela parou no meio da frase. Chase estava de joelhos, segurando um anel de noivado, com um enorme diamante solitário.

— Constance West, quer se casar comigo? — Ele disse, totalmente sério.

Connie levantou as mãos. — Chase, eu já disse não duas vezes. O que o faz pensar que mudei de ideia?

Bem, além do sexo absolutamente incrível...

Connie ignorou o pensamento traidor. O sexo fantástico não conseguiu compensar o comportamento imprudente e não confiável de Chase. Eles não podiam passar *todo* o tempo na cama.

— Realmente, não perguntei corretamente antes. Agora estou fazendo. — Ele ergueu uma mão, prevenindo sua interrupção. — Por favor, apenas ouça. Eu te amo, Connie. Sempre amei, desde o momento em que nos conhecemos e sempre irei. Eu sei que você acha que isso é louco, mas é verdade. E há uma razão muito boa, pela qual sei que é verdade... mas, infelizmente, não posso dizer antes de nos casarmos. Então: você se casará comigo?

Connie olhou para ele.

— Também tenho um jato para Las Vegas. — Acrescentou Chase. — Então podemos nos casar hoje, poderei contar tudo e ainda podemos voltar a tempo para a corrida.

— Você... — Connie disse lentamente. — *Com certeza é insano.*

Ele não se moveu. — Caso não goste do que eu contar, então podemos conseguir uma anulação, imediatamente. Por favor, Connie. Case-se comigo e juro que isso tudo fará sentido. Confie em mim.

Connie beliscou a ponta do nariz, respirando profundamente, até que pudesse confiar em si mesma para falar sem gritar. — Não. Não me casarei com você. Pelo amor de Deus Chase, nós quase não passamos nenhum tempo juntos!

— Conhecemo-nos há três anos. — Argumentou ele. — Muitas pessoas casam em menos tempo do que isso.

— Três meses em mais de três anos! O tempo que não ficamos em contato não conta!

— Conta para mim. — Chase disse, suavemente. — Pensei em você todos os dias.

E pensei em você todas as noites...

— Fantasias de algumas versões idealizadas um do outro, não significam nada. — Disse ela implacavelmente. — Você não me conhece, Chase. Não importa o quanto pense que sim, não me conhece. Quer dizer, sequer sabia que não gosto de diamantes.

A expressão de Chase, inexplicavelmente, iluminou-se. Despreocupadamente. jogando o anel de diamante de lado, procurou algo em seu bolso.

— Constance West. — Disse ele, tirando um anel de ouro vintage, com três fabulosas opalas de fogo. — ... Quer se casar comigo?

A boca de Connie ficou aberta.

— Eu *me* lembro que mencionou uma vez, que não se importava muito com diamantes. — Chase explicou, oferecendo-lhe o anel. — Mas sei que também gosta de tradições, então pensei que seria melhor tentar primeiro um anel muito tradicional. Enfim, este me lembrou aquele pingente que costumava usar, então achei que pudesse gostar.

— Você comprou *dois* anéis de noivado. — Disse Connie lentamente. — No meio da noite.

— Bem, encontrei uma joalheira que mora sobre sua loja, então foi apenas o caso de gritar alto, o suficiente, para despertá-la. E depois, convencê-la de que valeria a pena abrir. — Ele parecia um pouco envergonhado. — Na verdade, comprei cinco anéis. Também tenho um

com sua pedra de nascimento, um com esmeraldas, para combinar com seus olhos e um anel irlandês Claddagh¹...

Connie olhou para ele novamente.

— Tenho dificuldade em dizer não às coisas bonitas. — Admitiu Chase.

Connie cruzou os braços. — Bem, nós dois sabemos *que* isso é verdade.

Chase estremeceu, mas não recuou. — Connie, tenho muita pressa. Preciso me casar com você. Por favor?

Por um momento louco, Connie se entreteve com a ideia de realmente passar por isso, apenas para, finalmente, ter uma visão de sua cabeça peculiar. Talvez existisse um grande segredo que explicaria tudo...

Seu senso comum, impiedosamente, esmagou o pensamento bobo. Claro que não havia o chamado segredo, nenhuma razão racional, para seu comportamento errático. Se ele não estivesse mentalmente doente, então estava apenas brincando com ela, era uma piada de mau gosto.

— Não. — ela repetiu, esperando que ele não tivesse percebido sua hesitação. — Agora, levante-se. Temos que colocar um avião para voar.

¹ O anel Claddagh é uma peça de joalheira tradicional irlandesa composta por um par de mãos, que simboliza a amizade; um coração, para o amor; e uma coroa, para lealdade. aliança, ou simplesmente uma peça que chama a atenção. Fonte : <https://pt.wikihow.com/Usar-um-Anel-Claddagh>.

Capítulo Qito

Chase lutou para conter o sorriso que queria se espalhar por seu rosto, enquanto seguia Connie para o hangar do avião.

Ela hesitou! Definitivamente hesitou, antes de dizer não. Estou fazendo progresso!

Seu Pegasus movia a cauda solenemente. *Avanço lento. Muito lento.*

Não era da natureza do Pegasus ser paciente. Caso fosse honesto e percebesse Connie suavizando, não podia deixar de querer acelerar o processo.

Felizmente, tinha a oportunidade perfeita.

Não se preocupe, falou para seu garanhão, quando Connie destrancou as portas do hangar. Voaremos para ela. Isso, certamente a impressionará.

Seu Pegasus se animou, erguendo-se. *Sim! Ninguém é mais rápido, mais ágil, mais forte do que nós! Mostre à nossa companheira! Mude, mude, agora!*

Os lábios de Chase se apertaram, com o entusiasmo desenfreado do garanhão. *Não é esse tipo de vôo.*

— Aqui está ela. — Disse Connie, empurrando a grande porta deslizante.

Chase soltou um longo e baixo assobio de apreciação.

O *Spitfire* vintage brilhava como uma obra de arte. Mesmo estacionado no hangar, o venerável avião da Segunda Guerra Mundial parecia pronto para saltar no ar a qualquer momento. Parado em suas rodas, como uma fera agachada, sua única hélice apontava para o céu, vigiando eternamente os aviões nazistas.

— Olá, querido. — Connie disse para o avião, com voz suave.

Chase daria qualquer coisa para que ela falasse com *ele* dessa maneira. — Ele é ainda mais bonito do que me lembro. Nova pintura?

Connie assentiu, acariciando a reluzente camuflagem verde-oliva do avião. — As cores de batalha do esquadrão britânico. Não é historicamente preciso, já que é um Marck IX,² mas levei-o para um grande evento em memória da Segunda Guerra Mundial, alguns meses atrás e colocaram as cores clássicas de camuflagem sobre ela. Acho que se adapta.

— É deslumbrante. — Chase notou a maneira como Connie se endireitou, levemente, quando ele se aproximou do avião. Cuidadosamente, manteve as mãos atrás de suas costas, quando circulou a aeronava de guerra. — Você o manteve absolutamente perfeito.

— E quero que permaneça assim. — Connie se virou para encará-lo, colocando as mãos nos quadris. — Chase, estou assumindo um grande risco aqui. Preciso ouvi-lo dizer que entende o que está em jogo. Até mesmo sabe quanto vale um avião como esse?

²Supermarine Spitfire Mk IX (1943). O Spitfire é um dos mais famosos aviões de combate da Segunda Guerra Mundial. A versão Mk IX foi fabricada com um novo motor Rolls—Royce Merlin V12, que ganhou um novo supercharger de dois estágios capaz de produzir 1710 cavalos, para combater o caça alemão Fokker—Wulf.

— Cerca de dois milhões e meio de dólares. — Disse Chase distraidamente, ainda admirando o avião. — Não incluindo taxas de corretores.

Connie ergueu as sobrancelhas. — Como sabe disso?

— Ouvi muitas coisas sobre Spitfires, procurando por pistas sobre onde você estava. — Chase encolheu os ombros. — Um foi vendido num leilão, há algum tempo. Embora esse fosse um Mark-IX padrão. Suspeito que o seu valeria mais.

— Muito mais, na verdade. — Connie apontou para as duas bolhas de vidro das cabines, uma atrás da outra, sobre o avião. — Há menos de dez desses Mark IX ainda no céu e é a única maneira de um copiloto experimentar a emoção de voar em um Spitfire. As pessoas pagam *muito* dinheiro para um passeio. Papai pode ganhar, ocasionalmente, as corridas aéreas, mas a maior parte da nossa renda vem de vôos de passageiros. É o meu meio de vida que estou confiando a você, Chase.

E é o avião de sua mãe. Aquele que resgatou de um naufrágio e restaurou à mão, ao longo de décadas. Não é apenas o seu meio de vida, Connie. É o seu coração.

Mas Chase sabia que Connie nunca diria isso em voz alta. Ela era tão decididamente pragmática, que odiava admitir ser influenciada pela emoção.

— Eu sei o que está me confiando. — Chase disse suavemente. — E você pode confiar em mim. Juro.

Ele se arrependeu de dizer isso, no instante em que as palavras saíram de sua boca. Os lábios de Connie se apertaram, quando ela,

sem dúvida, se lembrou de da última promessa que fez a ela e não cumpriu, há três anos.

— Estarei na cabine do instrutor de vôo. — Disse Connie, apontando para a cabine traseira. — Ambas as cabines têm controles totais, então, qualquer um de nós pode pilotar o avião, mas somente eu tenho o interruptor que alterna entre as duas cabines. Se achar que está sendo imprudente, *farei a mudança e tirarei seu controle.*

— Entendido. — Chase se moveu em direção à cabine dianteira, pronto para entrar.

Connie o impediu, com uma mão plana no peito. — Deixarei isso claro. Caso valorize suas bolas, não me faça usar essa opção.

— Não irei. Espero usá-las muito no futuro. — Ele deu um sorriso, que ela não devolveu. — Posso entrar no avião agora?

Connie hesitou, procurando, claramente, qualquer outra desculpa para mantê-lo fora da cabine.

Ela não quer que eu faça isso. Talvez deva deixá-la pilotar e fique como navegador...

Seu Pegasus bateu no chão, resmungando a negação irritada. *Não! Ela deve ver nossa força, nossa velocidade! Devemos voar, ou não conquistaremos nossa companheira!*

Seu garanhão tinha um ponto. Chase estava bastante certo de que nenhum herói ganhou uma bela donzela com uma impressionante façanha de leitura de mapas.

Ele afastou levemente a mão de Connie. — Será muito difícil ganhar a corrida por você, se sequer me deixar entrar no avião.

Connie, com raiva, foi para o lado. — Tudo bem. Irei pilotando e então, uma vez que estivermos em um voo nivelado, entregarei os controles. Não me faça arrepender disso.

Era um lindo dia para voar. O velho pássaro de guerra subiu como uma águia sobre o mar cintilante, suas asas cortando o ar. A terra era apenas uma mancha distante por trás deles. Céu azul claro espalhou sobre eles, aberto, convidativo.

O avião era uma coisa viva, todo a volta, cada pequeno tremor e inclinação. Podia senti-lo flexível sob ele, pulsando ansiosamente, em resposta a cada pequeno movimento de suas mãos. Era como se o corpo do Spitfire se tornasse o seu.

Era, *exatamente*, como mudar.

O avião tinha uma mente própria, assim como seu próprio garanhão. Esta era uma arma de guerra perfeitamente aprimorada, com uma história orgulhosa de defender os céus britânicos do mal. Não queria manter o voo tranquilo. Queria mergulhar e se virar. Poderia ter a forma de uma máquina, mas tinha a alma de um Pegasus.

Seu próprio Pegasus abriu as asas, compartilhando a alegria do avião. Voar com Connie em um avião, não *era* o mesmo que levá-la no ritual de acasalamento de Pegasus, mas próximo o suficiente para que o garanhão achasse intensamente excitante. Chase apertou os dentes, tentando ignorar sua ereção furiosa e se concentrando nos controles.

— Você está indo bem. — Mesmo através do fone de ouvido, a surpresa na voz de Connie era óbvia. — Firme e constante. Como se sente?

— Não posso descrever. — Disse Chase nos fones de ouvido, desejando ter vestido uma calça mais solta. — Está sob controle agora... Fale do circuito de corrida, enquanto continuo entendendo como funciona. Então tentaremos uma corrida prática.

— Tudo bem. — Disse Connie. — Quanto você sabe sobre a Copa Rydon?

— Eu nunca assisti, mas li um pouco a respeito. — Respondeu Chase, enquanto conduzia o Spitfire através de uma sequência de inclinações elegantes. — É uma corrida de desvantagem, certo?

— Certo. Os aviões iniciam o circuito em momentos diferentes, definidos pelos organizadores da corrida. A ideia é que, se todos voassem perfeitamente, todos acabariam juntos. Desta forma, é mais uma prova de quem é o melhor piloto, do que apenas quem tem o melhor avião.

Chase deu ao Spitfire um pouco mais de aceleração e sorriu, quando o rosnar profundo do motor aumentou. — E temos o melhor de ambos. Os outros aviões não saberão o que os atingiu.

Ele estava bastante certo de que Connie olhava para sua nuca, da cabine traseira. — Não fique arrogante. Nossa desvantagem é bastante substancial. Os organizadores da corrida nunca tiveram um avião da Segunda Guerra Mundial antes, todos os outros aviões são modernos e leves. Os juízes passaram muito tempo debatendo uma posição de partida justa. Erraram pelo lado da cautela e nos colocaram a meio

caminho da linha. Você terá que voar extremamente bem para compensar a desvantagem.

— Não há problema. — O Spitfire era tão responsivo quanto suas próprias asas. — Ele pode ser velho, mas está ansioso para voar. Aposto que voará pelos anéis, ao redor da lua.³

— Basta lembrar que precisamos ficar no corredor de corrida, caso contrário, seremos eliminados. É aí que eu entro. Irei nos manter no curso. Se passar uma coordenada, precisa responder *imediatamente*, entendeu? Sem discussão, sem improvisação.

— Você é a chefe. — Disse Chase. — Quão estreito é o corredor?

— Para manter a linha ideal, muito estreito. Podemos esperar passar duas, talvez três curvas. Há também o notório canto, perto do final da corrida.

— Já ouvi falar. — Disse Chase. — No ano passado, alguns aviões caíram, tentando fazer aquela curva, certo?

— Sim, é uma manobra perigosa. Felizmente, os organizadores decidiram que os pilotos podem circular no sentido anti-horário, neste ano, se não quiserem arriscar a virada. *Definitivamente*, passaremos.

— O que? — Chase protestou. — Onde está a diversão nisso?

— A diversão em não arrancar as asas de um antigo avião antiquado. — Respondeu Connie rispidamente. — A curva está, tecnicamente, dentro das capacidades do Spitfire, mas não arriscarei. Quero dizer isso, Chase. Nem pense a respeito.

³Rings Around The Moon – Música do Bee Gees

Chase deu uma palmada silenciosa no painel de instrumentos do Spitfire. *Não se preocupe, garota. Não vou prendê-la. Mostraremos a ela o que você pode fazer.*

— Chase. — Disse Connie com desconfiança. — Você está pensando nisso, não é?

Chase soltou uma risada triste. — Você pode pensar que não a conheço, mas, *definitivamente* me conhece.

— Infelizmente. — Murmurou Connie. — Ouça-me com muito cuidado, Chase Tiernach. Eu *tirarei* o controle do avião de você, se achar que não terá cuidado na curva fechada. E então arrancarei suas bolas e as usarei como brincos.

— Protetor de ouvidos. — Chase corrigiu alegremente. — Elas são muito grandes para brincos. Deveria saber.

— Chase. — Grunhiu Connie.

— Certo, certo. Prometo, sem curvas fechadas. Certificar-me-ei de estarmos na liderança, nesse ponto, para que possamos fazer a curva de maneira lenta. Não há problema. — Chase apertou firmemente a coluna de direção. — Podemos fazer uma corrida prática?

— Ok. O curso atual é metade mar, metade terra, começando e terminando no aeroporto de Shoreham. Mas faremos tudo no mar, por enquanto, apenas no caso... — Connie parou de falar.

— Apenas no caso de eu falhar. — Chase terminou por ela. Ele revirou os olhos. — Pare de ficar tão nervosa, Connie. Nunca bati com um avião.

— O *que* você bateu? — Connie perguntou com desconfiança.

—Você nunca se importou. — Chase acelerou o motor, para acabar com qualquer discussão sobre o assunto. — Vamos.

Connie deu-lhe a primeira coordenada e Chase, obedientemente, virou o avião, lançando o nariz para cima, enquanto o fazia.

Mostre-me o que você tem, velhota...

O Spitfire voou como um anjo nostálgico. Chase riu alto, em pura alegria. Connie murmurou uma maldição suave, em seu fone de ouvido, mas não lhe mandou ser mais cauteloso. Ela também sabia que a melhor estratégia para a corrida seria ganhar a maior altura possível no início, para que pudessem mergulhar, se precisassem aumentar a velocidade mais tarde.

Connie avisou da primeira curva. Chase inclinou o Spitfire em uma asa, virando, enquanto ainda o fazia. O cinto de segurança apertou muito seu peito, quando o avião girou, tão rápido e mortal como um falcão de caça.

Seu Pegasus abriu as asas e subiu com o avião, cheio de prazer. *Mais rápido! Incentivou. Mostre nossa velocidade, conquiste nossa companheira!*

Uma mancha distante no céu apareceu, quando Chase fez a próxima curva sob a direção de Connie. Ergueu o pescoço, olhando através da bolha de vidro da cabine.

— Connie. — Disse ele. — Você limpou nosso caminho de vôo, certo?

— É claro que sim. O controle de tráfego aéreo está mantendo esta área livre para nós. Por quê?

— Por nada. — Disse Chase, franzindo a testa, enquanto olhava para o ponto de aproximação rápida.

Um rival! Seu Pegasus mostrou os dentes. *Sobrevoe-o, arremesse, ataque!*

Quieto, Chase disse ao agressivo garanhão, distraidamente, enquanto tentava identificar o outro piloto. *Claro que não era um rival.*

Mesmo à distância, a silhueta da asa de morcego não era, claramente, a de um Pegasus. Diria que era um dragão, exceto que era muito pequeno. Conhecía todos os shifters dragões que viviam em Brighton, incluindo seu próprio companheiro de equipe, Daifydd Drake e todos tinham, pelo menos, o comprimento de um ônibus.

Esse dragão, se fosse um, parecia ser do tamanho de um cavalo grande, quase do tamanho de seu próprio Pegasus, de fato, o que explicava porque seu próprio garanhão confundiu-o com um adversário. Era da cor verde esmeralda, uma cor de que Chase já viu antes em um dragão. Mas algo não estava correto com a cauda...

— Chase! — Ele pulou, com o grito de Connie. — Dei-lhe a coordenada duas vezes! Por que não está virando?

— Desculpe. — Chase, apressadamente, mudou de curso, o avião balançando, enquanto acelerava bruscamente. — Eu me distraí.

— Distraiu-se com o que? O céu está vazio.

— Isso é o que você pensa. — Chase murmurou, muito baixo para ser pego pelo microfone.

O outro Shifter estava se aproximando rapidamente agora, em um curso de interceptação com o Spitfire. Chase não conseguia imaginar

como não o percebeu. O Spitfire era alto o suficiente para o Shifter não ter ouvido o avião.

Talvez esteja apenas divertindo-se? Provavelmente não percebeu que posso vê-lo.

Chase ocasionalmente, voava em um avião leve, apenas pelo desafio da velocidade. Um piloto humano normal não seria capaz de ver um Shifter mítico, como um dragão ou um Pegasus, se não quisesse ser visto.

Deliberadamente, moveu o Spitfire primeiro para um lado, depois o outro, movendo as asas em: *Olá*.

— O que você está fazendo? — Perguntou Connie.

— Apenas uh, um pouco de vento cruzado. — Ele mentiu, ainda observando o outro shifter.

Não respondeu sua saudação improvisada. Chase tentou a comunicação mental, mas era como gritar com uma porta fechada. O outro Shifter bloqueava, deliberadamente, toda comunicação psíquica.

Estou começando a ter um mau pressentimento sobre isso.

Estava perto o suficiente agora, para ver que *era* grosseiramente a forma de dragão, com um pescoço longo e uma cabeça de réptil, em forma de cunha. Mas apenas tinha duas patas e não quatro. Sua cauda curvada e musculosa terminava na farpa de um escorpião, o ferrão de pelo menos sessenta centímetros de comprimento.

*Porra, é um wyvern!*⁴

Chase nunca viu um. Não *ouviu falar* de alguém que, realmente, tivesse visto antes. Eram raros, limitavam-se ao lendário, mesmo entre os shifters míticos. Eram o bicho-papão, nas histórias de crianças, contadas aor redor das fogueiras: *coração de pedra, sangue venenoso, respiração de ácido...*

O wyvern abriu a mandíbula e cuspiu uma fina e densa nuvem de névoa.

Chase moveu o avião para uma subida quase vertical, que gritou em protesto, ameaçando parar, mas Chase o forçou a subir. A nuvem de ácido passou-os por milímetros.

— O que está *fazendo*? — Connie gritou em seu ouvido, enquanto o avião avançava direto para o sol.

— Emergência! — Chase esticou seu pescoço, desesperadamente, tentando ver para onde o wyvern foi. — Não há tempo para explicar!

Ele viu o wyvern, a apenas alguns metros da cauda do avião. Suas asas cortavam o ar como facas. Mesmo com o motor do Spitfire rugindo a toda velocidade, estava alcançando.

Veremos como você lida com isso...

⁴Um wyvern (/ 'waɪvərn / WY—vərn, às vezes grafado wivern) é uma criatura lendária com a cabeça e as asas de um dragão, um corpo reptiliano, duas pernas e uma cauda que termina frequentemente em uma ponta em forma de diamante ou flecha. Uma variante marítima apelidada de mar—wyvern tem um rabo de peixe no lugar da cauda de um dragão farpado.

Fonte: <https://en.wikipedia.org/wiki/Wyvern>

Chase virou o Spitfire *nariz-sobre-cauda*, caindo em um mergulho de cabeça para baixo. O wyvern tentou segurá-los, enquanto desciam, suas garras perversas fechadas no ar vazio.

— Chase! — A voz furiosa de Connie explodiu, através do fone de ouvido. — Dou-lhe três segundos para se endireitar ou juro por Deus que tomarei o controle desse avião!

— Se você tocar neste interruptor, ambos estaremos mortos! — Chase gritou de volta.

Ele tirou o Spitfire do mergulho, rezando para ter se afastado o suficiente do wyvern, para se arriscar a uma volta direta para a terra. No momento, estavam muito longe de Brighton, para Chase entrar em contato psíquico com o restante de sua equipe. O Comandante Ash, em sua forma de Fênix, afastaria o wyvern, se Chase pudesse se aproximar o suficiente da cidade, para alcançá-lo...

Perigo!

Chase, instintivamente, empurrou a coluna na direção, em resposta ao grito de seu garanhão, girando o Spitfire em seu eixo. Quase se atrasou. A nuvem ácida do Wyvern cortou a ponta de uma asa, fazendo dezenas de pequenos buracos no metal.

— *Chase!* — Connie deve ter visto o vapor acre fumegando do metal, mas claro que ela não tinha ideia da verdadeira fonte do dano. — É isso, estou recuperando o controle. Três!

— Connie, não! — Chase gritou freneticamente. — Por favor! *Confie em mim!*

A suave luz do wyvern, o corpo elegante e as asas, desproporcionalmente grandes, faziam-no letalmente rápido, muito

mais rápido que qualquer dragão que já viu. Levou toda a habilidade de voar de Chase para ficar à frente. Combinava manobra por manobra, não importando as manobras evasivas que tentasse.

— Dois! — Connie continuou implacavelmente, enquanto o mar e o céu giravam loucamente, ao redor deles.

Ela o faria. Recuperaria o controle. E no instante em que nivelasse o avião, o Wyvern os pegaria.

— Um!

Havia apenas uma coisa que Chase poderia fazer.

Apertou o botão de ejetar.

Capítulo Nove

— Eu tenho controle. — Disse Connie, virando o interruptor de substituição. — Chase, você é tão...

Na frente dela, a cabine de Chase se abriu, abruptamente. Levantou seu assento, o vento chicoteando seu cabelo e traje de vôo. Ela, claramente, viu-o soltar seu pára-quedas na cabine.

Então se lançou fora do avião.

— Que *porra é isso?* — Connie perguntou.

Instintivamente, girou o Spitfire sobre a ponta da asa, tentando segui-lo na queda. Percebeu o menor vislumbre dele, enquanto despencava para as ondas distantes e então o Spitfire se encolheu.

Para o horror de Connie, a estranha corrosão que viu antes, estava se espalhando, os buracos de queijo suíço apareceram na superfície da asa esquerda do Spitfire. Era como se o ácido invisível estivesse comendo o metal. Com um *estrondo*, a asa esquerda se afastou, a alavanca de controle morreu em sua mão.

O avião guinchou, inclinando-se para esquerda. Connie lutou para estabilizá-lo, tentando, desesperadamente, manter o nível do avião com apenas metade dos controles operacionais.

Do nada, chuva bateu na cabine. Instantaneamente, manchas apareceram no vidro, obstruindo sua visão. Através da cabine

distorcida, viu mais furos aparecendo no nariz do avião, comendo a carcaça do motor.

O motor do Spitfire tossiu duas vezes e morreu.

— *Não!* — Connie gritou, como se pudesse manter o avião no ar através de pura força de vontade.

Conhecia esse avião por dentro e por fora. Trabalhou em todas as partes, com suas próprias mãos. Agora usava esse conhecimento enciclopédico, aproveitando todos os truques que conhecia, enquanto o Spitfire caía como uma estrela moribunda.

Gritando, Connie nivelou as asas, parando o giro do avião. Mas ainda estava caindo como uma pedra, primeiro o nariz, diretamente para baixo. Se o avião atingisse o mar assim, seria como bater em rocha sólida. O Spitfire explodiria em um milhão de peças.

Connie subiu o nariz do avião, lutando contra a gravidade com unhas e dentes. Muito devagar, o avião respondeu, endireitando-se.

Preciso simplesmente endireitá-lo... planar sobre a água como uma pedra saltando...

Mesmo enquanto lutava com os controles, sabia que era inútil. Mesmo atingindo com a barriga na água primeiro, em vez do nariz, ainda afundaria. Talvez não de uma vez, mas ainda estaria condenado.

A única coisa sensata a fazer era pressionar o botão de ejetar. Para abandonar o avião e se salvar.

Não!

O mar faminto chegava mais perto, ansioso para engolir tanto ela como o Spitfire. Ao fechar os olhos, Connie se preparou para morrer com o avião.

Cacos de vidro caíram sobre ela, quando a cabine explodiu. Connie teve a breve impressão de algo enorme e preto lançando-se sobre ela, antes de agarrá-la pela gola de sua roupa de vôo. Com um poderoso puxão, tirou-a da cabine.

Os pés de Connie balançavam no ar vazio. O... A coisa pegou-a pelo pescoço. O traje de vôo cortava suas axilas, restringindo-a, enquanto tentava, inutilmente, ver quem a agarrou. Ela balançava, impotente, como uma gatinha carregada por sua mãe.

Então a deixou cair.

Gritando, Connie se debateu, enquanto despencava em direção ao mar. Caiu apenas por um momento, antes de aterrissar, solidamente, em uma parte traseira larga e quente. Soluçando de terror, Connie se agarrou ao pescoço preto brilhante do cavalo.

Espere um segundo.

... Um cavalo?

Connie levantou o rosto, incapaz de acreditar na evidência de seus sentidos. No entanto estava, inegavelmente, sentada em um cavalo. Um cavalo *alado*. Tinha um lindo pelo preto-azulado iridescente, como um enorme corvo. A longa crina batia em seu rosto, enquanto voava para frente.

Eu morri, Connie pensou, inexpressivamente. *Bati e queimei, agora estou morta. E um grande cavalo alado está me levando ao céu.*

— Você é um anjo? — Ela perguntou ao cavalo, sua voz tremendo incontrolavelmente.

O cavalo curvou o pescoço e ela viu os olhos negros inteligentes. Ele soltou um bufo, inconfundivelmente, divertido.

E de repente, impossivelmente, Connie soube exatamente o que era. Melhor, *quem* era.

— *Chase?*

O cavalo murmurou, movendo a cabeça em um aceno.

Era demais. O desastre inexplicável, o acidente, Chase se transformando em um cavalo alado... Seu cérebro sobrecarregado, simplesmente, desistiu, recusando-se a tentar entender qualquer um dos eventos.

Connie colocou a bochecha contra o quente pescoço negro de Chase, fechou os olhos e deixou que a afastasse de tudo.

Se Connie fosse capaz de se surpreender ainda mais, ficaria assustada com a rapidez com que as largas asas de Chase os levavam de volta para Brighton. Demorou menos tempo para voltar, do que para voar no Spitfire. Logo, sobrevoaram a praia e o calçadão, mas desta vez ninguém os olhou, apontando e acenando. Os pedestres continuaram fazendo suas coisas, sem sequer um olhar, enquanto a sombra do cavalo alado passava.

Connie estava além de querer saber sobre o curioso desinteresse de todos, para a impossibilidade que se elevava sobre suas cabeças. Sua

mente e seu corpo estavam entorpecidos. Apenas um pensamento se repetia em sua cabeça, uma e outra vez, inescapável.

Perdi o avião da minha mãe.

Perdi o avião da minha mãe.

Chase desceu em uma espiral, em direção ao bloco de apartamentos alto e elegante. O telhado grande e plano do prédio estava, maravilhosamente, cheio de exuberantes roseiras, ao redor de um gramado verde vibrante. Chase pousou suavemente e Connie mal sentiu seus cascos tocarem a grama.

O Pegasus ficou de joelhos, esticando uma asa como uma rampa. Quando ela não se moveu, ele inclinou o pescoço para olhá-la novamente, o olhar sombrio e preocupado. Ele murmurou, muito suavemente. Seu nariz, suave como veludo, cutucou seu pé mole.

Connie desceu, sem graça, de suas costas. Seus joelhos não podiam apoiá-la. Teria colapsado, mas, de repente, os braços fortes de Chase estavam ao redor dela.

— Está tudo bem, Connie. — Ele disse, suavemente. — Eu a tenho. Ficará tudo bem.

— Não. — De repente, irracionalmente furiosa, Connie empurrou inutilmente, em seu peito duro. — Não está bem, Chase! Nada ficará bem, nunca mais! Eu bati e perdi meu avião e você é um maldito cavalo!

— Pegasus. — Corrigiu Chase.

— Não ouse discutir zoologia comigo! Mitologia ou qualquer fodido campo de estudo que seja útil aqui! — Connie bateu o punho contra o

ombro dele. Ele não se encolheu. — Deveria ter me contado, Chase! Eu bati e todo esse tempo você é um tipo de metamorfo, deveria ter me contado!

— Eu sei. — Chase disse calmamente. Continuou segurando-a, não se importando em como ela o arranhava. — Sinto muito.

— Você deveria ter me contado. — Ela grunhiu para ele. Lágrimas quentes queimavam seus olhos. — Você mentiu. É um maldito mentiroso e o odeio, nunca mais quero vê-lo novamente.

Então ela entrou em colapso contra o peito de Chase, enterrando o rosto em seu traje de vôo, enquanto chorava.

Chase a deixou soluçar, acariciando-a suavemente, enquanto as lágrimas molhavam seu peito. Ela podia sentir o ritmo acelerado de seu coração, forte e reconfortante.

Quando parou de chorar, ele colocou um dedo sob seu queixo, inclinando seu rosto para cima. Os olhos negros e constantes encontraram com os dela.

— Não está perdido, Connie. — Disse ele, com absoluta certeza. — Vamos recuperar seu avião. Confie em mim.

Connie balançou a cabeça. — Foi-se. Perdi o avião da minha mãe, Chase. A única coisa que tinha dela e eu o destruí.

— Você o *salvou*. — Chase segurou seus ombros, fazendo com que ela o olhasse. — Eu o vi afundando, enquanto a tirava de lá. Afundou inteiro. *Vamos pegá-lo de volta.*

— Como? — A mente de Connie evitou estimar o custo de qualquer missão de recuperação. — Está no fundo do mar. Será impossível recuperar.

Um canto da boca de Chase se curvou. — Connie, você acabou de me ver transformar em um Pegasus. Está discutindo, de verdade comigo, sobre o que é possível?

Ela precisava admitir, ele tinha um ponto.

Fungou, passando a parte de trás da mão pelo nariz escorrendo. — Por que não me disse? Sobre o fato de ser um Pegasus, quero dizer.

Chase soltou um longo suspiro. — Não tenho permissão. A regra, na minha família, é que apenas podemos revelar o que realmente somos para nosso parceiro, depois do casamento.

— Então foi por isso que continuou propondo. Realmente, havia um segredo que não podia me contar. — Connie fez uma pausa, piscando. — Espere. Sua família? Vocês todos... são?

— Shifters. Nós somos chamados de shifters. E não, não toda minha família. O lado da família de minha mãe são todos seres humanos comuns. Mas eu, meu primo Killian e meu pai somos Pegasus. Meu tio também era, mas morreu, quando eu era pequeno.

— Então, há três de vocês. — A mente de Connie se aproximou do pensamento de haver outras pessoas que poderiam fazer o que Chase fazia. — Três shifters.

— Um. Você, provavelmente, deveria sentar-se por um momento. — Suavemente, Chase sentou-se na grama, puxando-a com ele. — Há muito mais shifters do que isso. Há toda uma sociedade escondida como nós.

Connie olhou para ele. — Toda uma *sociedade* de pessoas que se transformam em Peg...?

— Pegasus. E não, claro que não. — Assim, quando Connie começou a relaxar, ele acrescentou: — A grande maioria dos Shifteres são apenas animais comuns, ursos, lobos, leões, esse tipo de coisa. Pegasus são muito raros. Ainda mais raros que os dragões.

— Dragões. — Connie repetiu baixinho.

— Ah, bem, sim. — Chase passou a mão pelos cabelos, franzindo a testa. — Provavelmente devo contar sobre isso, mais cedo ou mais tarde, vendo como alguém foi responsável por derrubar seu avião. Bem, acho que, tecnicamente, foi um wyvern, mas você disse que não queria entrar em zoologia mitológica comparativa, então vamos chamar de dragão, por enquanto. Particularmente, mal posso acreditar que era, realmente, um wyvern. Pensei que fossem apenas uma lenda. Como duendes ou unicórnios.

— Oh, bom. — Disse Connie, incapaz de controlar a altura histérica de sua voz. — Tudo está de volta ao normal. Você voltou a falar a mil por hora, sem fazer o menor sentido.

— Ainda estou tentando dar sentido a isso para mim mesmo. — Chase ficou em silêncio por um momento, suas sobrancelhas se juntando ao pensamento. — Connie, você sente suas mãos geladas?

Connie piscou, então percebeu que estava tremendo. —Estou gelada.

Chase xingou baixinho. — Eu sou um idiota. Você está entrando em choque. Aguarde um segundo, preciso falar com alguém.

Ela esperava que ele pegasse o telefone, mas em vez disso, ele apenas olhou para longe, seus olhos ficando sem foco. Depois de um momento, ele assentiu.

— Certo. — Disse ele. Antes que ela soubesse o que estava acontecendo, pegou-a, sem nenhum esforço aparente. — Hugh, ele é nosso paramédico, diz que você precisa deitar e se aquecer. Vamos para dentro.

Havia tantas perguntas para fazer, como ele podia conversar com alguém que não estava lá, como não viu um dragão atacando seu avião, de onde o hipotético dragão poderia ter vindo, em primeiro lugar, mas, abruptamente, estava muito cansada. Inclinou a cabeça contra o ombro de Chase, fechando os olhos.

— Aqui estamos... — Ela o ouviu dizer e então, estava afundando em uma cama macia. Connie não resistiu, enquanto ele tirava seus sapatos e a envolvia em uma colcha grossa. — Sentindo-se melhor?

— Ainda fria. — Connie conseguiu dizer, através de seus dentes.

A cama afundou, quando ele se deitou sob a coberta, ao lado dela. Chase se curvou, encaixando seu corpo longo e magro contra as curvas de suas costas. Pressionada contra o torso quente dele, os arrepios de Connie, finalmente, começaram a diminuir. Ela colocou a cabeça sob as cobertas, como uma criança escondendo-se de monstros no escuro. Apenas por um momento, tudo o que queria fazer era fingir que nada disso aconteceu.

À medida que seus próprios arrepios diminuíram, Connie percebeu que *Chase* estava tremendo levemente.

— Ei. — Ela disse. — Você *está* bem?

— Pensei que a perdi. Estava lutando contra o wyvern e então vi o avião cair, achei que não chegaria a tempo... — Ele estreitou seu aperto sobre ela, enterrando o rosto em seus cabelos. — Oh Deus, Connie, quase a perdi.

Ela se moveu em seus braços, os rostos a poucos centímetros de distância um do outro. Podia dizer que ele estava tentando controlar sua expressão, mas os olhos negros eram puros e vulneráveis. Com toda sua força e poderes estranhos, ficou claro que o simples pensamento de perdê-la, atingiu-o no coração.

— Mas você não me perdeu. — Connie colocou a mão no lado de seu rosto, sentindo o quão quente estava, como *estava vivo*. — Estou aqui. Nós dois estamos aqui.

Superada por uma súbita e poderosa necessidade, ela se inclinou e o beijou. Ele a puxou contra seu corpo forte, sua boca devorando a dela, desesperadamente, como se Chase não suportasse deixá-la novamente.

Connie tinha um desejo profundo e instintivo de reafirmar a vida da maneira mais básica, depois de quase morrer. Procurou o zíper de sua roupa de voo, puxando-o, para abrir. O calor de sua pele era o único que poderia afastar o gelo de sua alma.

Ela moveu a palma da mão por seus abdominais musculosos e sob a cintura de sua boxer. Ele já estava duro, tão grosso, que mal conseguia colocar a mão ao seu redor. Sua boceta latejava, desesperada para ser preenchida, enquanto o trabalhava rápido e urgentemente.

Ele sabia exatamente o que queria. Suas mãos poderosas rasgaram seu próprio traje de voo, o tecido forte rasgando tão facilmente quanto papel. Segurou seus seios, beliscando e provocando os mamilos eretos, através da renda de seu sutiã, com delicadeza. Sua boca era dura contra ela, exigindo, tomando.

Ela apertou o punho ao redor de seu pau, sentindo o contraste da pele macia, sobre o eixo rígido. Ele rosnou baixo, seus quadris empurraram, involuntariamente. Parando o beijo por um momento, ele segurou seu traseiro, levantando-a e a soltou.

Ele nem sequer se preocupou em tirar sua calcinha. A cabeça larga de seu pau empurrou a seda fina para o lado, entrando profundamente em suas dobras molhadas, com um único impulso poderoso. Seu pau grosso a empalou até o fundo, estendendo-a com um prazer tão intenso, que era quase doloroso.

Ao contrário da última vez, ele não deu tempo para que se adaptasse ao seu impressionante tamanho. Chase empurrou selvagem, incontrolavelmente. Connie arqueou as costas, apertando seu pau exigente com a mesma paixão, dominada pela sensação. Era, exatamente, o que precisava, para se perder completamente, mesmo que por um momento.

— Nunca mais. — Chase grunhiu, seus dedos apertando os quadris quase forte para machucar. — *Nunca a perderei. Nunca. Minha. Minha!*

Sim! A alma de Connie cantou de volta, ecoando sua posse feroz. Cada fibra ansaiva para dizer a ele *sim, sim!*

Ela era dele e ele era dela, nada os separaria.

Sim.

No entanto, ainda havia uma parte que ela guardava. Depois de uma vida inteira sendo cautelosa, sempre havia uma pequena parte fria de sua mente, que avaliava, desapaixonadamente, todas as situações.

Essa sensível voz interna sussurrou, que não importava como fazia seu corpo se sentir agora, com quanto fervor ele fazia promessas. Em um ou dois dias, alguém mais chamaria sua atenção. Seria no ouvido de outra pessoa, que ele sussurraria, no corpo de outra pessoa, que se perderia.

Quando Chase disse: *Minha!* — Ela soube que queria dizer isso... por enquanto.

Mas se respondesse *sim*, significaria para sempre.

Connie mordeu o ombro de Chase, abafando as palavras que queriam passar por sua garganta, mesmo quando o êxtase a percorreu.

Capítulo Dez

— Então. — Chase disse, suavemente, no ouvido de Connie, algum tempo depois. — Constance West, você se casará comigo?

Connie levantou a cabeça do ombro dele para dar-lhe um olhar interrogativo. — Eu já sei que você é um shifter. Achei que apenas precisasse casar com você para contar a verdade.

— Esse era um dos motivos. — Chase traçou as curvas suaves do seu braço nu, querendo memorizar cada centímetro de seu belo corpo. — Mas, acima de tudo, realmente quero me casar com você. Tudo bem? Você gostaria?

Connie soltou uma respiração exasperada. Sem responder, saiu da cama, procurando no chão por suas roupas descartadas.

De uma recusa plena, a hesitação, antes de recusar, a nenhuma resposta. Definitivamente progresso!

Connie franziu o cenho para ele. — Porque você está sorrindo?

Chase tentou deixar seu rosto com uma expressão apropriadamente sombria, sem muito sucesso. — Nada. Apenas admirando a visão.

Connie lançou-lhe um olhar, então ergueu a roupa rasgada. — Isso está completamente arruinado. O que usarei?

Chase saiu da cama. — Você pode usar algo meu. Por aqui.

— Chase, você é vários centímetros mais alto do que eu, para não mencionar uma forma completamente diferente. — Connie disse,

duvidosa, enquanto ele a levava para seu armário. — Realmente, não acho que terá qualquer coisa que me sirva.

— Hum. — Chase deslizou cabides de camisas e ternos de lado, revelando o canto traseiro do armário. — Na verdade eu tenho.

Connie piscou por um momento ao ver a fileira de roupas femininas. Tudo estava impecável e sem uso, cada um era exatamente do seu tamanho.

Então ela gemeu, revirando os olhos. — Claro que você tem um armário cheio de vestidos. Que horror seria, se um dos seus casos de uma noite tivesse que fazer a caminhada da vergonha na roupa da noite anterior.

— Não, claro que não! — Chase disse com indignação. — Eu os comprei para você. Quer dizer, porque me lembraram você. Às vezes eu via algo e pensava: *Connie gostaria disso* ou: *isso foi feito para Connie*. E então precisava comprar. Porque era uma maneira de reforçar que não perdi a esperança. Que um dia a encontraria novamente, daria as roupas e a veria nelas.

— Eu não sei se isso é incrivelmente doce ou assustador. — Connie suspirou e começou a passar pelos cabides. — Mas não posso negar que é conveniente. Percebo aliás, que você parece ter se lembrado de mim, comprando lingerie, principalmente.

— O que posso dizer? — Chase sorriu. — Eu sou otimista.

— Chase, as pessoas que compram bilhetes de loteria são otimistas. — Respondeu Connie, enquanto escolhia um vestido de verão verde, que combinava perfeitamente com a cor de seus olhos. — As pessoas

que andam por aí, como se já tivessem ganhado na loteria, são delirantes.

Chase começou a se vestir. — E as pessoas que ganham na loteria, mas depois perdem o bilhete, caminham olhando para o chão e todos acham que são loucos, mas, na verdade, estão apenas dando passos lógicos, para tentar recuperar o que perderam.

— Apenas você, para sair dessa com uma metáfora. — Connie murmurou, enquanto vestia o vestido. — Sabe, seu grande segredo, realmente, não explica muito. Apenas porque você se transforma em um grande cavalo alado, às vezes, não explica por que é tão... *você*.

Chase fez uma pausa, ao fechar seus jeans.

Então ele bateu na testa. — Eu sou um completo idiota. Esqueci de lhe contar a parte mais importante. O pouco que explica tudo.

Connie se virou para encará-lo, colocando as mãos nos quadris. — Agora, isso preciso ouvir.

Chase se perguntou brevemente se deveria sugerir que fossem até o jardim de rosas do terraço, para um cenário mais romântico. Seu armário não era o cenário que imaginou para a conversa mais importante de sua vida.

Ele decidiu ajoelhar-se, em vez disso. — Connie...

Connie escondeu as duas mãos atrás de suas costas. — Se propor novamente, juro por Deus que baterei em você.

— Esta não é outra proposta. É o motivo de todas as propostas. A razão pela qual fiquei louco por você, desde que a vi pela primeira vez. — Chase respirou fundo, olhando sério para seu rosto cauteloso. —

Todos os shifters têm um companheiro. Apenas uma pessoa, em todo o mundo, que é o parceiro perfeito. Você é *minha companheira*, Connie. Soube, no instante em que nos conhecemos. E a partir desse momento, apenas tive olhos para você. É a única para mim e você sempre será.

Connie olhou para ele, sua expressão completamente ilegível por um longo momento, que pareceu se esticar pela eternidade.

— Você acha que eu sou uma *completa* idiota? — Virando-se, ela saiu do armário.

— Espere! — Chase se levantou.

Não foi exatamente como achei que seria.

Ele a alcançou a meio caminho em seu quarto, segurando seu braço, para impedi-la de continuar. — Eu sei que isso pode parecer inacreditável para você, mas...

— *Pode* parecer inacreditável? — Connie virou-se para ele, o rosto vermelho e os olhos brilhando com lágrimas. — Claro que parece inacreditável! Há alguma força mística que o ligou a mim, no instante em que você me viu, certo? Eu sou a única pessoa, em todo o mundo, para você? Bem, isso explica tudo. Exceto pelo fato de que *você me traiu!*

— Como continuo tentando explicar para você, eu *não fiz isso!* — Chase segurou seu pulso. Ela não iria escapar desta vez. — Connie, eu juro, não a trai. Sei o que parecia, mas eu *nunca a trairia.*

— Mentiroso. — Connie grunhiu.

— Estou dizendo a verdade! Não me lembro de nada daquela noite, além de ir ao clube e tomar uma bebida. Não sei o que aconteceu depois disso.

— Oh vamos lá. Nós dois sabemos o que aconteceu. — Comentou Connie. — Você ficou cego, fedorento, bêbado e não conseguiu resistir a duas mulheres bonitas. Sempre foi um playboy e sempre será. Fui estúpida em pensar que mudaria.

— Estou dizendo a verdade, você é minha companheira! É fisicamente impossível tê-la traído!

Chase passou anos tentando descobrir o que realmente aconteceu naquela noite, mas descobriu um espaço completamente em branco. As mulheres juraram que fez sexo com elas, mas *sabia* que estavam mentindo. Não havia como ter feito isso, não importava quão bêbado estivesse.

Ele tentou pensar em desculpas, mas sabia que eram fracas, mesmo quando falou. — Talvez estivessem tentando me chantagear, ou era uma espécie de brincadeira, talvez... Killian!

— Seu primo? — Connie piscou. — Você está tentando, de verdade, jogar toda a culpa no seu *primo*?

— Não, claro que não. Quer dizer, ele está aqui! — Chase a puxou para a porta que levava ao jardim do telhado, seu coração acelerando novamente. — Ele disse que viria visitar, mas não pensei que seria em breve. Isso é ótimo!

Se alguém pudesse ajudar a consertar a bagunça, era seu primo.

Chase subiu a escada de dois em dois degraus, levando Connie junto, apesar de seus protestos. Sua habilidade especial de Pegasus para sentir as pessoas dizia-lhe que Killian estava indo em direção à área de pouso. Chase chegou ao jardim do telhado bem a tempo de ver os cascos de seu primo pousarem na grama.

— Killian! — Chase acenou freneticamente com o braço livre. — Excelente tempo! Diga a Connie que não estou mentindo sobre sermos companheiros!

Connie olhou para ele, como se tivesse ficado louco. O mesmo aconteceu com Killian.

— Chase. — Connie disse, sem sequer olhar o enorme cavalo alado ocupando uma grande parte do gramado. — Não há ninguém aqui.

Claro, ela não pode vê-lo.

Killian ainda estava na forma de Pegasus, suas asas cinza e azuis entreabertas, como se estivesse se perguntando se deveria subir novamente. — *Desculpe-me.* — Ele enviou psiquicamente para Chase. *Momento ruim?*

— Não, o momento é perfeito. — Respondeu Chase em voz alta, para não excluir Connie da conversa. — Vá em frente e se transforme. Tudo bem, Connie sabe tudo agora. Precisei me transformar, para salvar sua vida. Isso é permitido pela lei, certo?

Killian soltou um bufo, que se transformou em um gemido profundo, quando voltou para forma humana. — Acho que posso encontrar uma lacuna.

Connie gritou, saltando para trás, como se, de sua perspectiva, Killian tivesse se materializado do nada.

— Connie. — Killian estendeu a mão para ela, mostrando um sorriso rápido. — É bom vê-la novamente. Sinto muito por interrompê-los, no que, pelo que entendi, foi um dia traumático, mas precisava verificar se meu primo estava bem, logo após o acidente.

Chase inclinou a cabeça para um lado. — Como você soube sobre isso tão rápido?

— Você sabe que sempre fico de olho em você. É por isso que ainda está voando, apesar de anos jogando-se com entusiasmo em cada desastre que pôde encontrar. — Apesar de suas palavras secas, os olhos cinzas de Killian estavam preocupados, quando olhou para Chase de cima abaixo. — Você está inteiro? Não há muitos Shifters que vão de encontro a um wyvern e sobrevivem para contar história.

Connie, que estava olhando entre eles, como um espectador em um jogo de tênis, estremeceu com suas palavras. — Então, realmente foi um wyvern que atacou meu avião?

Killian assentiu com gravidade. — Eu não tive muito tempo para investigar o assunto, mas ouvi rumores de que há um wyvern shifter que trabalha para organizações criminosas. Pelo que conheço da situação, suspeito que Sammy Smiles estava por trás do ataque.

— Como Sammy Smiles conhece um wyvern? — Connie perguntou, soando perdida.

— Eu não tive tempo de dizer antes, mas Sammy Smiles também é um shifter. — Chase contou a Connie. Ele odiava despejar tudo isso nela de uma vez, mas sabia que era durona. — Ele é um tubarão. O Parlamento dos Shifters, que é uma espécie de governo para nossa

espécie, tem dificuldade em controlar os shifters do mar. Sammy tem uma brigada criminosa composta de tubarões e similares.

— Oh. — Disse Connie. Chase, praticamente, podia ver sua mente girando, enquanto digeriria essa nova informação. — Meu avião... está no mar. Se ele pode se transformar em um tubarão, isso significa que será capaz de encontrá-lo, certo?

— Sim, mas chegaremos lá primeiro. — Disse Chase com confiança. — Entrei em contato com um amigo, enquanto a trazia de volta à terra. Ele já está a caminho do seu avião e ficará seguro. Nenhum tubarão passará por ele.

Killian lhe lançou um olhar curioso, mas não pediu detalhes. — Ainda não consegui localizar Sammy Smiles. Não o encontrei, nem alguém que o tenha visto, então, meu Pegasus não pôde rastreá-lo.

— O meu pode. — Chase sorriu. — E lhe farei uma visita.

Killian suspirou. — Temia que dissesse isso. Suponho que não há absolutamente nada que possa fazer, para dissuadi-lo.

— Absolutamente nada. — Chase concordou alegremente.

Killian suspirou novamente. — Então ficarei de guarda com sua companheira, enquanto faz isso. Estou assumindo que até você não é louco o suficiente para levá-la em uma viagem pelo mar.

— Eu *não* sou sua companheira. — Disse Connie bruscamente.

— Ah. — Os olhos de Killian saíram de Chase e voltaram para ela. — Connie, meu primo idiota tem uma habilidade notável de enfiar os quatro cascos em sua garganta, quando está tentando se explicar. Talvez possa ajudar? Ficaria feliz em responder quaisquer

perguntas que tiver sobre os shifters em geral. Sobre Chase em particular.

— *Você dirá a ela apenas coisas boas sobre mim, certo?* — Chase enviou, ansiosamente, para ele.

— *Você quer que a conversa dure mais de trinta segundos?* — Killian respondeu.

Connie observou Killian, sua expressão ficando um pouco séria. — Sim. Obrigada, gostaria.

Killian se virou para Chase. — Connie e eu ficaremos bem aqui. Sentirei, se o wyvern se aproximar novamente e a colocarei em segurança. Está pronto para ver Sammy agora?

— Ainda não. — Chase bateu as mãos de forma decisiva. — Primeiro, todos nós precisamos ir ao bar.

Capítulo Onze

Connie olhou para o nome *The Full Moon* escrito no letreiro empoeirado, do lado de fora do antigo edifício branco. — Quando Chase disse que íamos ao bar... — Ela murmurou para Killian. — ... pensei que estivesse brincando.

— Eu também. — O primo de Chase soltou um suspiro, enquanto segurava a porta de carvalho para ela. — Realmente, deveria conhecê-lo melhor agora.

Eles seguiram Chase. Connie ficou assustada com o quão aconchegante e limpo era dentro, um forte contraste com o exterior sujo e ameaçador. Mesmo que fosse apenas início da noite, estava cheio, com uma multidão mista sentada no bar polido, ou relaxando em cadeiras antigas.

Um grito. — Chase! — Foi ouvido, assim que apareceu. Ele acenou alegremente e falou algumas palavras de saudação, enquanto atravessavam a multidão.

— Vejo que é cliente. — Connie disse para ele.

Em particular, ela ficou um pouco surpresa. Connie achou que Chase preferiria o tipo de local desprezível que seu pai gostava de frequentar. Mas este bar era, claramente, destinado a socializar, em vez de beber e procurar por ofertas de uma noite.

— *The Full Moon* é o ponto de encontro dos shifters locais. — Disse Chase. — Pelo menos, é o ponto de encontro respeitável dos shifters. Rose garante que todos se comportem. Certo, Rose?

— Isso mesmo. — A mulher curvilínea e de olhos gentis, atrás do bar, concordou amigavelmente.

Pessoalmente, Connie nunca viu ninguém menos intimidante em sua vida. Mas, pelo que sabia agora, Rose podia se transformar em um urso, um tigre ou quem sabe o que. Ainda não podia acreditar que havia uma sociedade inteira de shifters, que nunca suspeitou existir.

— Connie, Killian, esta é Rose Swanmay. — Chase os apresentou. — Ela dirige este lugar. Rose, este é o meu primo Killian, de Londres. E esta é Connie. Você não precisa de mim, para lhe dizer quem *ela* é.

Rose sorriu para Killian, depois olhou duas vezes para Connie. — Sua companheira!

Chase lançou a Connie um sorriso do tipo: *Viu? Eu disse a você*. Ela revirou os olhos para ele.

— É adorável conhecê-la, Connie. — Rose pareceu pensativa por um momento. — Apenas para verificar... Você sabe que ele é um shifter, certo?

— Sim. — Respondeu Connie. — E apenas para esclarecer, eu *não* sou sua companheira.

— Bem, na verdade, receio que você seja. — Disse Rose, seus lábios suaves curvando-se. — Parabéns e condolências. Sempre terei uma bebida gratuita e um ouvido simpático, pronto para você.

— Ei! — Chase protestou. — Não sou tão ruim.

— Sim, você é. — Murmurou Killian.

— Os rapazes estão no andar de cima, esperando por você. — Disse Rose a Chase. — Não que precise de mim para lhe dizer isso. Devo levar o de costume?

Chase balançou a cabeça. — Estou apenas passando. Obrigado, Rose.

— Por que é que nós estamos aqui, Chase? — Perguntou Killian, enquanto seguiam Chase para a parte de trás do bar.

— Porque preciso me encontrar com algumas pessoas. — Ele respondeu, levando-os a uma estreita escada. — E queria que você os conhecesse também.

Chase abriu uma porta, revelando uma pequena sala privada. Quatro pessoas estavam sentadas ao redor de uma pequena mesa circular. Connie reconheceu o Comandante Ash, mas não conhecia os outros três.

— Connie, Killian, essa é minha equipe. — Chase disse, radiante. Então franziu a testa. — Pelo menos, alguns da minha equipe de bombeiros. Comandante, onde está Griff?

— Receio que esteja indisposto. — Disse o Comandante Ash, levantando-se. — Problema de sempre. Ele pede desculpas. Srta. West, tenho o prazer de encontrá-la novamente. Ah, e em melhores circunstâncias.

— Da mesma forma. — Murmurou Connie, incapaz de disfarçar e evitar ruborizar, quando lembrou do seu primeiro encontro.

Pelo menos estou vestindo roupas desta vez.

Ao gesto de Ash, ela se sentou com cautela, em uma cadeira livre. Além dele, havia outros dois homens e uma mulher presentes. Connie ergueu o queixo, forçando uma onda de autoconsciência, enquanto encontrava seus olhos.

O comandante Ash era tão ilegível quanto a última vez que Connie o encontrou, mas um homem musculoso e de cabeça vermelha estava abertamente curioso. A mulher negra curvilínea aconchegou-se sob o braço do cabeça vermelha e encontrou o olhar de Connie, dando-lhe uma piscadela conspiratória. Em contraste, um homem jovem e bonito, com cabelos branco descolorido e olhos de um azul pálido, franziu o cenho para Connie, como se ela o tivesse ofendido de alguma forma.

— Griff está doente novamente? — Chase franziu a testa, quando se sentou em uma cadeira ao lado dela. — Porra. Realmente poderia precisar de sua ajuda. Hugh, você não pode fazer nada para ajudá-lo?

— Se pudesse, não acha que já teria feito? — Disse o homem de cabelos brancos. Ele esfregou a testa, como se tivesse uma enxaqueca. — Não consigo curar tudo.

O Comandante Ash levantou uma mão. — Antes de irmos mais longe, há algo que preciso esclarecer primeiro. Srta. West, você está ciente de que Chase é um shifter?

— Sim, claro. — Respondeu Connie, franzindo a testa. — Por que as pessoas continuam me perguntando isso?

— Na verdade, é um mistério. — Chase olhou para o homem de cabelos ruivos, lutando, claramente, para manter um rosto sério. — Alguma ideia, Dai?

As orelhas de Dai ficaram quase tão vermelhas quanto os cabelos. Ele pareceu encontrar algo, intensamente, interessante no teto.

A mulher, ao lado dele, riu. — É uma dessas piadas irritantes. — Ela explicou a Connie. Seu sotaque a identificava como americana, fazendo com que Connie se sentisse um pouco menos fora do lugar. — Quando *eu* os conheci, houve... alguns mal-entendidos. — Ela estendeu a mão. — Virginia Drake. Eu sou a companheira de Dai.

— Viu! — Chase exclamou triunfante, enquanto Connie balançava a mão de Virgínia. — Prova bem diante dos seus olhos! Companheiros existem!

— E aparentemente, Chase está conseguindo fazer mais bagunça do que eu. — Murmurou Dai. Ele tinha uma voz agradável e profunda, com um sotaque galês cadenciado. — Não tenho certeza se devo ficar confortado ou alarmado.

— Pessoalmente, já passei pelo assustado e aterrorizado. — Disse Killian, secamente.

Ash se inclinou para frente um pouco, o leve movimento, instantaneamente, silenciando as brincadeiras. — Em segundo lugar, está ciente também de que todos nós somos, exceto Virgínia?

Connie balançou a cabeça, mas não ficou surpresa. Mesmo que os três homens não se parecessem uns com os outros, Dai enorme e musculoso, Hugh magro e elegante, Ash contido e controlado, havia algo parecido neles. Em algum nível profundo e instintivo, podia sentir o poder que possuíam.

Connie olhou para Chase, percebendo que ele também tinha aquela aura feroz indefinida. Killian também, embora em menor grau.

— Deixe-me apresentá-los aos dois. — Chase acenou para Ash. — Para aqueles que ainda não o conheceram, Comandante dos Bombeiros, Ash. Ele é o Fênix e sim, isso é o não *a*. Apenas existe um.

Killian olhou para Ash com admiração e um toque de cautela. — É uma honra, senhor.

— Ele é uma grande personalidade na comunidade Shifter. — Chase informou para Connie, como se isso não fosse óbvio. — Ah, ele também pode queimar tudo e quero dizer *qualquer coisa*. Uma característica um pouco estranha para um bombeiro, se você me perguntar, mas é surpreendentemente útil.

Continuando, Chase apontou na direção do homem bonito de cabelos brancos no canto. — Hugh aqui é nosso paramédico e um enigma, envolto em um mistério e uma atitude, incrivelmente, irritadiça. Por favor, questione-o repetidamente e persistentemente sobre que tipo de shifter ele é, porque diz que se *eu* lhe perguntar mais uma vez, nunca mais irá me curar.

Hugh afastou-se do dedo de Chase, seu tom profundo. — Estou realmente ansioso pela próxima vez que você cair e quebrar um osso.

Chase ignorou. Acenou com a mão para o enorme homem de cabeça vermelha. — E este é Daifydd Drake, mas todos o chamam de Dai, porque os nomes em galês são ridículos e digo isso, mesmo sendo irlandês. Ele é um dragão vermelho, não se preocupe, é um bom dragão, não como aquele que atacou seu avião Connie. Ele é à prova de fogo, o que é uma coisa muito útil para um bombeiro,

obviamente. E ao lado dele está Virgínia, sua amável companheira, que não é uma bombeira ou shifter, mas que é extremamente perspicaz e inteligente e que, aliás, espero que fale apenas coisas boas sobre mim.

Houve um momento de silêncio.

— E se você for capaz de acompanhar tudo isso. — Dai disse para Connie. — Então, realmente, deve ser sua companheira.

Assustadoramente, Connie era. Navegar através de uma conversa com Chase, era como voar através de uma tempestade, não havia sentido em tentar impor seu próprio curso. Apenas precisava ouvi-lo e ver onde acabaria.

— Este é meu primo Killian, que é um Pegasus e diretor financeiro da Tiernach Enterprises. — Disse Chase, apontando o polegar para Killian. — Não pergunte sobre seu trabalho, a menos que esteja sofrendo de insônia. Realmente, não faça.

Killian levantou a mão em um breve e constrangido aceno. — Por favor, deixe-me tranquilizar todos, eu não sou nada parecido com meu primo.

— E guardando o melhor para o final, esta é Connie West. — Chase fez um gesto arrebatador para Connie, como um escultor, revelando sua obra-prima. — Ela é a mulher mais incrível, bonita e corajosa do mundo inteiro e me casarei com ela assim que parar de gritar comigo, sempre que proponho.

Connie o cutucou com força no braço, com o cotovelo.

— Ow. — Chase disse alegremente. — Como você pode ver, preciso, de algum jeito, melhorar isso. É por isso que preciso da ajuda de todos. Ah e também com o wyvern, a corrida e tudo mais, é claro.

— Então, acho que Chase já contou sobre o que aconteceu com o meu avião? — Disse Connie, olhando para o grupo.

O Comandante Ash inclinou a cabeça. — Sim. Os Shifters míticos, aqueles que, como nós, transformam-se em criaturas lendárias, em vez de animais comuns, podem comunicar-se, telepaticamente, entre si. Chase já nos informou sobre sua situação. Se houver algo que possamos fazer para ajudar, estamos ao seu serviço.

— Obrigada. Aprecio isso, verdadeiramente. — Ela lançou a Chase um olhar de lado. — Embora não tenha certeza de como você *possa* ajudar. Não sei o que Chase está pensando.

— Quem é que sabe? — Murmurou Killian. — Você realmente tem um plano Chase, ou está inventando algo, como você sempre faz?

— Eu tenho um plano. — Chase disse com indignação. Ele hesitou. — Pelo menos... tinha. Sem Griff, terei que improvisar um pouco.

Hugh revirou os olhos. — Oh que alegria.

— Quem é Griff? — Perguntou Connie.

— Outro membro da nossa equipe. — Disse Chase. — Bem, tecnicamente, *era* um membro. É um expedidor agora, já que precisou se aposentar dos bombeiros. Queria que ele viesse comigo, para conversar com Sammy Smiles. Pode dizer se as pessoas estão mentindo.

— Então ele também é um shifter. — Disse Connie.

Os quatro bombeiros trocaram olhares. — Sim e não. — Disse Ash. — Mas isso é para Griff explicar, se ele quiser.

— Chase, você vai apresentá-la a John também? — Perguntou Dai. — Ele está a caminho?

— Não, está preso no momento. — Chase virou-se para Connie. — John é o amigo que mencionei, anteriormente, aquele que pedi para vigiar seu avião. Ficarà de guarda, até que possamos tirá-lo da água. Ele é um shifter dragão do mar, então pode ficar debaixo d'água por tempo indeterminado.

O comandante Ash limpou a garganta. — Infelizmente, isso não é precisamente verdade. John tem deveres em terra seca, assim como o restante da tripulação. Srta. West, enquanto podemos ajudá-la no nosso tempo livre, receio que não consiga permitir que sua situação comprometa a segurança desta cidade. Nossas responsabilidades devem vir primeiro.

— Mas preciso de John para ajudar com o avião. — Chase se opôs. — E esse wyvern ainda está solto. Preciso de Dai amanhã, para proteger a corrida.

Ash balançou a cabeça. — O time Alpha Fire está programado para ficar de plantão amanhã e a equipe deve ficar em suas estações.

— Mas...

— Não. — Ash não levantou a voz, mas seu tom era, totalmente, definitivo.

Dai lançou a Chase um olhar de simpatia e um leve encolher de ombros. Estava claro que ele não iria contra as ordens do seu comandante.

Chase cruzou os braços, recostando-se na cadeira. — Bem, *eu* não estarei de plantão. — Ele se virou para Ash. — Estarei ocupado com a corrida. Você terá que encontrar alguém para dirigir o caminhão.

— Chase. — Silenciou Killian. — Você *quer* ser despedido?

O Comandante fez um movimento leve e cortês com uma mão, afastando a grosseria de Chase. — Dadas as circunstâncias, posso estender certa margem para Chase. Mas também tenho superiores e eles estão começando a fazer perguntas sobre meu motorista. Chase, consegui mantê-lo fora da lista de serviço, durante a corrida aérea, citando circunstâncias pessoais extraordinárias, mas precisa ficar disponível, imediatamente, depois. Não posso cobrir suas ausências além disso.

Chase tamborilou os dedos na mesa. — Você não precisará. — Ele disse, abruptamente. — Porque estou deixando os Bombeiros.

— *O que?* — Hugh e Dai exclamaram juntos.

A expressão neutra de Ash não mudou, mas ficou muito quieto. — Chase, não tome uma decisão precipitada.

Chase balançou a cabeça, sua mandíbula ficou tensa de forma teimosa. — Você diz que nossas responsabilidades para com a cidade devem vir primeiro. Não para mim. Minha companheira deve vir primeiro, sempre.

— É claro que todos aqui entendem isso, Chase. — Disse Virginia, segurando sua mão levemente. — Mas não pode, simplesmente, sair. A equipe precisa de você. Além disso, *ama* ser bombeiro.

— Afinal, onde mais você pode ser pago, por dirigir como um lunático? — Dai acrescentou, seu tom de voz divertido, mas os olhos verdes profundamente preocupados.

— Ah, quem se importa com tudo isso? — Chase acenou com atenção. — Não é como se precisasse do trabalho. Tudo o que tenho a fazer é ligar para meu pai e serei CEO em treinamento da Tiernach. Certo, Killian?

— Seu pai ficará emocionado. — Disse Killian, embora ele mesmo tenha ficado extremamente entusiasmado, com a perspectiva de trabalhar para seu primo. — Sempre esperou que você crescesse, saísse de sua fase imprudente e ocupasse seu lugar na empresa da família.

— Certo. Não posso brincar com carros e aviões para sempre. — Chase se endireitou, copiando a pose formal e comercial de Killian. — E preciso pensar em sustentar minha companheira, afinal. Os serviços financeiros pagam muito melhor, do que simplesmente salvar vidas.

Apesar de suas palavras insignificantes, Connie podia dizer o quanto sua renúncia realmente lhe custava. Seus ombros estavam tensos.

— Você não precisa fazer isso por mim. — Ela disse pra ele baixinho.

Ele encontrou os olhos dela, os seus totalmente sérios. — Sim, eu quero isso. Não a perderei novamente. O que quer que aconteça, onde quer que você vá, também vou.

Connie se irritou. — Não tenho uma opinião nisso?

Sua boca curvou-se. — Bem, você pode decidir se ficarei na sua cama, ou ansiando por você à distância, mas fora isso... Não, na verdade não.

— Receio que, realmente, seja como os shifters são, quando se trata de nossas companheiras. — Disse Dai, com um olhar rápido e suave para Virgínia. — Uma vez que a conhece, é isso. Nunca mais haverá ninguém para você, nunca.

Connie cruzou os braços. — Essa não é minha experiência.

Chase se encolheu. — É por isso que a trouxe aqui. Quero que converse com Dai e Virginia sobre ser acasalado, enquanto estiver ocupado com Sammy. Por favor? Foi também difícil para eles, no início.

— Eu sei o quão estranho é para nós, seres humanos comuns. — Virginia sorriu com simpatia para Connie. — Então, acho que posso explicar as coisas melhor do que Chase.

— Um *papagaio* pode explicar as coisas melhor do que Chase. — Murmurou Hugh.

— Hugh, por outro lado, não suporta ser tocado e odeia toda a humanidade. Isso não o torna uma boa fonte de conselhos de relacionamento. — Chase contou a Connie, enquanto se levantava. — Mas irá protegê-la, junto com Dai. E Killian também. Você estará segura aqui.

Os olhos de Dai brilharam por um segundo. — Nenhum wyvern passará por mim. Posso prometer isso.

Chase deu um tapinha no ombro dele e depois olhou para Ash. — Eu pediria sua ajuda com Sammy Smiles. Mas, dadas as circunstâncias...

— Mesmo que não seja mais seu Comandante. — Disse o Fênix, levantando-se. — Sempre serei seu amigo. Como posso ajudar?

Chase sorriu, embora seu brilho habitual fosse subjugado. — Você pode comer o jantar.

Capítulo Doze

Chase encontrou Sammy Smiles desfrutando de um jantar de lagosta, em um sofisticado restaurante à beira mar, com vista para a Marina de Brighton.

Melhor, *desfrutou* do jantar, até que Chase entrou e deu um soco em seu rosto.

O maitre do hotel gritou com indignação, enquanto meia dúzia de Shifters tubarão espalhados pelo restaurante, levantaram-se. Dois tubarões tigre agarraram os braços de Chase, em apertos esmagadores.

— Bem, isso certamente facilita minha vida. — Disse Sammy, enxugando o nariz sangrando com um guardanapo. — Obrigado, filho. Você assistirá a corrida aérea de uma cela. Caso tenha *tanta* sorte.

Do lado da porta, o Comandante Ash limpou a garganta, suavemente. Os dois Shifters segurando os braços de Chase, abruptamente, soltaram-no. Outro Shifter tubarão, apressadamente, apagou a vela decorando a mesa de jantar.

— Comandante Ash. — Os olhos de Sammy se estreitaram. — Que prazer inesperado. Ainda não consigo ver nenhum incêndio.

O Comandante deu um aceno de cabeça cortês, depois se virou para o perturbado maitre. — Mesa para um, por favor.

O maitre assentiu, olhando de Ash para Sammy. — Er... Devo chamar a polícia, senhor?

— Não há necessidade. Apenas um pequeno mal-entendido. — Disse Sammy. Ele olhou fixamente para Chase. — Puxe uma cadeira, filho. Você tem minha atenção.

— *Acho que devo lembrá-lo que estou proibido de queimá-los, mesmo que fiquem violentos.* — O Comandante Ash enviou, telepaticamente, para Chase, para que os tubarões não pudessem ouvir. — *Sob os termos do meu asilo, conforme concedido pelo Parlamento dos Shifters, apenas posso usar meus poderes contra outros shifters, se eles cometerem incêndio.*

— *Eu sei disso.* — Chase enviou de volta, enquanto se sentava na mesa de Sammy. — *E tenho certeza de que Sammy também sabe.*

O Comandante Ash pareceu, completamente, focado em seu cardápio. — *Então, não consigo ver como minha presença pode atuar como impedimento.*

Chase sorriu, observando os shifters tubarão. Todos estavam olhando o Comandante, como se fosse uma bomba relógio. O Fênix era tão exigente para seguir as regras, que nem sequer lhe ocorreu que outras pessoas poderiam se preocupar que ele *poderia* quebrá-las.

— *Eu sei que você não percebe.* — Ele enviou para Ash. — *Confie em mim. Experimente o camarão, é excelente.*

— Então, filho. — Sammy recostou-se na cadeira, seus olhos desconfiados acima de seu sorriso reluzente. — Isso é sobre o que?

— Você sabe muito bem. — O próprio sorriso de Chase se ampliou, mostrando os dentes. — Você tentou matar minha companheira.

Sammy abriu suas mãos estranhas. — Tenho certeza que não tentei matar ninguém, muito menos sua companheira. Eu nem sei quem é a sortuda.

— Oh, você sabe. — A raiva de Chase queimava em seu sangue. Seu Pegasus estava desesperado para atropelar Sammy e deixá-lo em uma polpa sangrenta. — A filha de Shane West, Constance. Ela estava voando em seu Spitfire, quando seu assassino contratado atacou-a. Foi apenas graças a mim, que não está no fundo do mar, junto com o avião.

As pernas dianteiras da cadeira de Sammy abriram-se. — Meu Spitfire está *onde*?

— Não banque o inocente comigo. — Chase grunhiu. — Boas notícias, Sammy. Precisa muito mais do que um wyvern, para me tirar do céu.

O grande Shifter de tubarão branco olhou para ele, sua aparência, genuinamente, desconcertada. — Filho, não tenho a menor ideia sobre o que está falando.

— *Era por isso que eu realmente precisava de Griff...*

Caso Griff estivesse ali, eles teriam conseguido que Sammy fosse preso, a força da polícia shifter conhecia Griff o suficiente para agir em seu testemunho, sem hesitação. Mas sem a habilidade especial do meio-águia, Chase não tinha meios de provar que Sammy estava mentindo.

— *Precisa continuar avançando. Mantenha Sammy fora de equilíbrio, na esperança de que ele caia.*

— Eu sei que foi você. — Disse Chase. — É o único com um motivo. E tenho provas de que contratou aquele wyvern.

— Você se arrependerá, se tentar me pegar com falsas provas, filho. Meu advogado é um verdadeiro tubarão. — Sammy esfregou o queixo, sua expressão ilegível. — Wyvern, você diz? Rapazes, algum de vocês conhece um shifter wyvern?

Um murmúrio geral de: *Não, chefe*, soou ao redor da mesa, enquanto os homens de Sammy balançavam a cabeça.

— Pena. — Sammy tirou uma garra de sua lagosta. — De repente, estou ansioso para conhecer um.

Alguns homens de Sammy levantaram-se, silenciosamente, abandonando os jantar pela metade. Com a velocidade de tubarões seguindo uma trilha de sangue, saíram pela porta.

Foram encontrar o wyvern... para avisá-lo?

Chase sabia que o wyvern não estava em Brighton, no momento, seus sentidos de Pegasus cobria toda a cidade e não havia nenhuma sugestão do aroma distintivo dele. Mas Sammy sabia de sua habilidade. Sem dúvida, disse ao seu assassino contratado, para ficar longe do alcance dele.

Sentiu-se tentado a seguir os shifters, com a esperança de que o levassem ao wyvern. Mas ainda não terminou com Sammy.

Sim, seu garanhão disse a ele. *Lute, mate-o agora! Ele ameaçou nossa companheira!*

Sammy pareceu não perceber a partida de seus seguidores. — Você diz que este wyvern derrubou o Spitfire, filho?

— Isso mesmo. — Disse Chase, tentando ignorar a sede de sangue de seu garanhão. — E se você tentar roubá-lo, terá uma grande surpresa. Lembra-se do meu amigo dragão do mar? Então, ele está vigiando meu avião. Aquela é a verdadeira vizinhança dele.

Sammy acenou com a garra de lagosta para um de seus homens restantes. — Envie ao bom dragão uma cesta de frutas por mim, certo?

— Não é o *seu* avião. — Chase disse. — E não será.

— Bem. — Sammy recostou-se novamente. — Parece-me que é. A aposta é que o Spitfire ganhe a Rydon Cup. Mesmo um Pegasus terá dificuldades em ganhar uma corrida com um avião que está debaixo d'água.

Peguei você!

— Obrigado, Sammy. — Chase levantou-se. — Isso era, *exatamente*, o que eu precisava ouvir. O Spitfire ganhará a Copa Rydon, posso afirmar. E posso afirmar outra coisa.

— E o que seria isso, filho? — As sobrancelhas de Sammy se levantaram.

Chase inclinou-se sobre a mesa, olhando-o diretamente nos olhos. — Tente prejudicar minha companheira novamente, de qualquer forma, não importa o quão indiretamente, e o encontrarei e caçarei, onde quer que tente se esconder, então, pessoalmente, morderei sua bunda.

Os shifters tubarão de ambos os lados de Chase se eriçaram, mas hesitaram. Olharam para o Comandante Ash, que estava, pacificamente, passando manteiga em um pão.

— Não há necessidade, rapazes. — Sammy acenou novamente aos Shifters. — É compreensível que o nosso amigo Pegasus aqui esteja alterado, visto como a escória da lagoa ameaçou sua companhia. Estou disposto a dar uma pequena folga para ele.

Casualmente, Sammy mordeu a garra da lagosta. A casca grossa estilhaçou-se, quando o predador tubarão mordeu.

— Uma *pequena* folga. — Sammy disse, tirando a garra da boca. Ele começou a escolher pedaços de carne da lagosta. — Estou tão triste quanto você, filho, realmente estou. Pensar naquele belo avião todo emaranhado em algas marinhas... Parte meu coração. Certamente gostaria de conversar com o monstro que arruinaria um avião de guerra nobre como esse. Avise-me, se encontrar este shifter wyvern, certo?

— Oh, não se preocupe. — Disse Chase. — Eu o encontrarei.

Capítulo Treze

— E foi assim que nos conhecemos. — Concluiu Virginia. Ela trocou um olhar longo e quente com Dai, suas mãos entrelaçadas descansando sobre a mesa.

Connie se sentiu um pouco envergonhada, ao vê-los, como se estivesse intrometendo sua privacidade. Havia uma intimidade profunda e implícita entre o casal, que a fazia parecer uma intrusa. Tanto era assim que Killian, aparentemente, estava fascinado por algo, no outro lado do bar, parecia desajeitado.

— Olhe, se continuarem olhando-se assim, arrumem um quarto, pelo amor de Deus. — Disse Hugh. Ele tinha as costas pressionadas contra a parede, tão longe de Dai e Virginia quanto poderia ficar, sem estar do outro lado. — Já falou tempo suficiente sobre as alegrias de estar acasalado. Não há necessidade de nos fornecer uma demonstração física também.

Connie não pôde deixar de notar que o paramédico também estava mantendo uma distância marcante dela. Quando deixaram a sala para dirigir-se à área principal mais confortável do bar, ela, acidentalmente, esbarrou em Hugh, descendo a escada. Ele se afastou de seu toque, como fosse radioativo. Pelo menos parecia sentir o mesmo desagrado por Dai e Virginia também. A única pessoa com a qual ele não parecia se importar era Killian, estranhamente.

Virginia apenas sorriu, claramente acostumada a ignorar a atitude hostil de Hugh. — Então, alguma pergunta? — Ela perguntou a Connie.

Connie tinha um pressentimento de que havia muito mais na história, do que Virginia revelou. — Eu não quero forçar, mas... vocês já duvidaram de seus sentimentos um pelo outro?

Um canto da boca de Virgínia se curvou para cima. — Bem, eu fugi dele com medo uma vez.

— Acredite, minha companheira está, suavemente, pintando-me de uma forma muito melhor do que mereço. — Disse Dai com ironia. — Eu fui tão cauteloso, ao contar a verdade sobre mim mesmo, que quase perdi tudo. Fico feliz que Chase não tenha cometido esse erro, pelo menos.

— Não falar o suficiente. — Murmurou Killian. — Nunca foi um dos problemas de Chase.

— Mas *you* nunca duvidou de seus sentimentos por Virgínia. — Disse Connie a Dai.

— Nunca. — Disse o shifter dragão, com total convicção. — Uma vez que conhece sua companheira, é isso. Apenas sabe, profundamente, que não há mais ninguém para você.

— E é dessa forma que Chase sente sobre você. — Virginia acrescentou, sorrindo para Connie.

Connie franziu o cenho para a bebida dela. — É assim que ele *diz* que se sente.

Killian lançou-lhe um olhar de lado. — Posso perguntar uma coisa?
— Ele disse a Dai. — Chase tem uma... reputação?

— Chase tem *muita* reputação. — Disse Dai, em seu tom seco. — Você estava pensando em algo em particular?

Killian suspirou. — Uma reputação, quando se trata de mulheres.

Claro. Ele sabe por que deixei Chase.

Killian foi quem ligou para Connie, naquela horrível manhã, há três anos, para perguntar se sabia onde estava seu primo. Ele sempre cuidou de Chase, da mesma forma que ela sempre precisou resgatar seu pai de contratempos bêbados.

Killian implorou a ela para se certificar de que Chase chegou em casa em segurança, com tanta sinceridade, que Connie engoliu seu orgulho ferido e o fez. Então entrou e viu Chase com ressaca de uma de suas famosas saídas de uma noite... As que ele jurou ter desistido.

E se, realmente, fosse sua companheira, ele *deveria* ter desistido, sem hesitação ou um segundo pensamento.

— Sinto muito, Connie. — Acrescentou Killian, lançando-lhe um olhar de desculpas. — Mas a história de Virginia deixou claro que é melhor se todos souberem a verdade.

— Não, está tudo bem. Eu também quero saber. — Ela se voltou para Dai. — Você pode ser sincero.

Pela expressão em conflito no rosto do shifter dragão, ele realmente, não queria ser honesto.

— Conhece Chase, sabe que ele faz tudo na velocidade máxima e com excessivo entusiasmo. — Disse Virginia. Ela encolheu os

ombros. — Tanto quanto sei, isso inclui sua vida amorosa. Mas, importa o que ele fez no passado? *Você é seu futuro.*

— Isso mesmo. — Disse Dai, lançando à sua companheira um olhar grato por resgatá-lo. — Como um shifter, posso jurar que Chase será fiel à você. É sua companheira. Ele nunca mais olhará outra mulher, agora que a conheceu.

A boca de Killian se apertou. — Chase conheceu Connie há três anos.

Connie evitou o olhar chocado de Dai e Virginia. A humilhação queimou suas bochechas. Ela olhou para a mesa, incapaz de falar, depois da dor bloquear sua garganta.

— Isso não é possível. — Disse Dai sem expressão.

— Meu primo é a pessoa mais impossível do mundo. — Disse Killian resignado. — Mas não pensei que ele pudesse romper algo tão sagrado, como o vínculo de companheiros. Connie, eu sinto muito. Você é uma boa pessoa e merece melhor. Não é sua culpa.

Talvez seja.

Sou muito cautelosa, nunca consegui confiar nele. Talvez tivéssemos um vínculo bonito, perfeito, assim como Dai e Virginia, se eu não me segurasse.

Talvez seja tudo culpa minha.

Connie esfregou, furiosamente, os dedos nos olhos, afastando as lágrimas, antes que pudessem cair. — Não é nada para mim. — Disse ela desafiante. — *Eu não sou uma shifter, afinal. Não tenho uma*

conexão instantânea incrível, que significa que ele é o único homem para mim. Chase pode dormir com quem quiser.

— Chase não dorme com ninguém. — Disse Hugh. Pela primeira vez, ele não pareceu sarcástico. — Ele não o fez, pelo o tempo que o conheci.

— É bom você tentar defender seu amigo. — Disse Killian. — Mas por favor, não minta para Connie. Ela já sofreu bastante.

Hugh esfregou sua testa, como se tivesse dor de cabeça. — Não posso acreditar que estou fazendo isso. — Ele murmurou, aparentemente para si mesmo. — Um casal acoplado por aqui é ruim o suficiente...

Ele abaixou a mão com um suspiro, olhando Connie. — Pode recusar Chase, mas faça isso por algo que ele realmente fez, não por algo que não fez. Acredite na minha palavra, ele não dorme com ninguém há pelo menos três anos. Sequer paquerou alguém.

Dai olhava para o paramédico com fascínio, como se nunca o tivesse ouvido falar antes. — Mas Chase está *sempre* flertando com as mulheres.

— Não, está sendo ele mesmo. Do mesmo modo que é com todos, homens ou mulheres. — Hugh encolheu os ombros. — É encantador e carismático, as mulheres confundem isso com interesse e se jogam nele. Mas nunca aceitou.

— Como você pode ter tanta certeza? — Connie perguntou com desconfiança.

— A cura é o meu dom. — Hugh tomou um gole de sua bebida, escondendo sua expressão. — Não é meu único.

— Sabe, isso *poderia* explicar por que ninguém nunca pede a Chase para ir na sua casa duas vezes. — Virginia disse, pensativa. — E por que as mulheres sempre ficam terrivelmente decepcionadas depois. Eu simplesmente assumi que ele fosse um amante horrível.

— Evidentemente não. — Murmurou Hugh, lançando um olhar de lado para Connie.

Connie não conseguiu impedir o rubor, de se espalhar pelo rosto, novamente... Ou a esperança, de se instalar em seu coração.

Talvez seja verdade. Talvez Chase, realmente, não tenha jogado, desde que me conheceu. Talvez não possa. Talvez eu, realmente, seja dele...

Connie percebeu que Killian a observava. Ele tocou seu braço. — Posso falar com você por um momento?

Connie deixou Killian levá-la um pouco para um lado, fora do alcance das outras. — Você acha que é verdade? — Perguntou ele.

— Não posso dizer que sim. — Ele soltou a respiração, balançando a cabeça. — Quero pensar o melhor de meu primo, realmente quero, mas... o conheço. Chase nunca conseguiu manter sua calça por três dias e muito menos três anos.

O coração de Connie despencou, como seu avião. — Mas, e se Hugh realmente puder dizer se alguém foi casto?

— Nunca ouvi falar de qualquer tipo de shifter que possa fazer isso. Acho que Hugh está apenas tentando proteger seu amigo. Connie, você foi quem pegou Chase a traindo. Viu isso com seus próprios olhos. — Killian estendeu as mãos, palma para cima. —

Realmente, acha que nada aconteceu? Isso, simplesmente, não parece muito crível para mim.

Chase disse que nada aconteceu...

Mas ele diria isso, não diria?

— Você está certo. — Ela disse lentamente.

— É claro que ele está certo. — Disse uma voz alegre. — Killian sempre está certo. Você deve, definitivamente, ouvi-lo.

Connie girou, para ver Chase sorrindo para eles. Ele estava um pouco sem fôlego, como se estivesse voando rápido e acabasse de entrar.

— Desde que tenha dito coisas boas sobre mim, é claro. — O sorriso de Chase hesitou, enquanto olhava seu rosto. — Connie? O que está errado?

— Nada. — Connie desviou, enquanto tentava segurar sua mão. — Apenas conversei com seus amigos. Espero que sua conversa com Sammy tenha sido mais produtiva.

— Consegui o que precisava, embora não tudo o que esperava. — Chase estendeu a mão novamente, mas ela se afastou. — Connie, o que...?

— Eu não quero falar sobre isso. — Connie se abraçou, olhando para ele. — Já desperdicei tempo suficiente. E meu avião, Chase? Isso é tudo o que importa. Como salvarei meu avião de Sammy?

— Mas... — Chase começou.

— Por uma vez em sua vida, *pare*. — Disse Killian. — De verdade. Qual é o seu plano?

Chase parecia irritado, mas permitiu a mudança de assunto. — O mesmo que antes, é claro. Nós ganharemos a corrida no Spitfire de Connie.

— O meu Spitfire está no mar, Chase. — Disse Connie. — Mesmo se o seu amigo dragão do mar puder pegá-lo, não há como voar.

O sorriso de Chase reapareceu. — Sammy apenas disse que o *Spitfire de West* precisava ganhar a corrida. Ele não especificou qual deles.

Connie olhou para ele. — Você está sugerindo, seriamente, saírmos para comprar outro Spitfire?

— Oh não. — Killian levantou as mãos, a palma e os dedos abriram-se. — Chase, não consigo liquidar os ativos. sem um aviso prévio. Não tenho dinheiro pronto para esse tipo de compra.

— Mesmo que tivesse, não seria bom. — Disse Connie. — Você não pode, simplesmente, comprar um Spitfire no eBay. Eles apenas são vendidos uma vez, em uma lua azul!

— Eu sei disso. Na verdade, sei disso melhor do que você. — Chase colocou as mãos nos bolsos, olhando para o teto. — Killian, você se lembra do dinheiro que me emprestou há pouco?

— Estranhamente, realmente, lembro-me de enviar vários milhões. — Disse Killian ríspidamente. — É o tipo de coisa que fica na minha memória. Por quê?

Chase parecia presunçoso. — Acho que é hora de mostrar o que eu comprei.

Capítulo Quatorze

Agora, isso, definitivamente, valia dois milhões e meio de dólares, pensou Chase, encantado com as expressões assustadas nos rostos de Killian e Connie, enquanto olhavam para seu avião.

O Mark IX Spitfire dominava o pequeno angar particular que ele alugou. Chase ficou satisfeito com todas as horas que passou polindo, habilmente, as curvas lisas do avião. Brilhava como uma vasta joia preciosa, a luz da pintura parecia imaculada. Se estivessem sozinhos, ficaria tentado a propor a Connie voar nele.

—Quando você comprou um Spitfire? — Connie perguntou, finalmente.

Mais especificamente, *por que* comprou um Spitfire?

— Eu disse a você. — Chase ergueu uma sobrancelha para ela, incapaz de controlar seu amplo sorriso.

— Sempre que via algo que me lembrava de você, comprava.

Killian balançou a cabeça, sua expressão meio divertida, meio desesperada.

—E pensei que você precisava do dinheiro para pagar dívidas de jogo. Bem, suponho que exista investimento pior. Pelo menos pode vendê-lo no futuro, com lucro.

—Desculpe, primo, mas não. — Chase tirou os papéis de registro do Spitfire de sua jaqueta, casualmente entregando-os a Connie. —Porque já não é mais meu avião.

Connie olhou para os papéis, depois olhou para ele com descrença.

— Você não pode estar falando sério.

— A aposta é no Spitfire de West ganhar a corrida. Sammy disse isso. — Chase apontou primeiro para Connie, depois para o avião.

—Você é West e agora este é seu Spitfire. Então, ainda pode ganhar a aposta.

— *Quanto* você disse que esse avião vale? — A voz de Killian ficou alta e estrangulada.

— Dois milhões e meio de dólares, mais ou menos. — Chase deu um tapinha em seu ombro.

— Relaxe, Killian. É apenas dinheiro. Prometo que não o mantereí.
— Disse Connie a Killian. — Assim que a corrida acabar, eu o devolverei.

Killian puxou seus cabelos escuros, os olhos cinzas um pouco selvagens.

— Nenhum de vocês entende de ganhos de capital? Este é um plano muito ineficiente de impostos! E o que acontece, se você não ganhar a corrida? Sammy fica com ambos os Spitfires?

Chase encolheu os ombros. — Suponho que sim, realmente, não pensei nisso, mas não perderemos a corrida.

Connie caminhou ao redor do avião, examinando cada centímetro com um olhar experiente.

— Bem, ele certamente parece estar em boas condições, posso fazer alguns ajustes de última hora, para garantir que fique com um desempenho melhor. Mas Chase, tem certeza que pode fazer isso?

— O que você quer dizer? — Ele perguntou.

— É um avião padrão de um único lugar. Connie apontou para o cockpit. — Não é um avião de dois lugares como o meu, não poderei navegar por você. Realmente, poderá aprender o caminho até amanhã? Bem o suficiente para voar sem ajuda?

— Sem chance. — Disse Chase, honestamente. — Mas não vou pilotar. Você irá.

Connie ficou branca. — Eu vou o *que*?

— Adeus, dois milhões e meio de dólares. — Murmurou Killian.

Chase chutou o lado do pé de seu primo. — Não subestime minha companheira, ela conhece o curso tão bem, que poderia voar dormindo, ela pode fazer isso.

— Não, realmente não posso! — Connie gritou. — Chase, precisa voar. Você é o único com poderes mágicos!

— O que significa que preciso ficar fora do avião, pronto para protegê-la do wyvern. — Disse Chase com firmeza. — Estou certo de que ele voltará, não posso competir na corrida e fugir ao mesmo tempo. Mas *posso* lutar em forma de Pegasus, posso aguentar tempo suficiente para você ganhar.

Connie olhou, desesperadamente, para Killian. — Você não pode proteger Chase, enquanto ele corre?

— Eu? — Killian deu um forte passo para trás, parecendo consternado. — Não sou tão louco quanto meu primo, teria que ser suicida para tentar enfrentar um wyvern sozinho, mas também não o deixarei *enfrentá-lo*. Ajudarei, Chase.

— Eu sabia que nem precisava pedir. — Chase apertou seu ombro.
— Não se rebaixe, mesmo que passe a maior parte do tempo atrás de uma mesa, ainda é um Pegasus e um Tiernach. É mais resistente do que pensa, assim como Connie.

— Eu não sou. — Connie balançou a cabeça de um lado para o outro, com uma negação vigorosa. — Não posso, Chase, não posso fazer isso, não sou tão boa piloto quanto você.

— Não. Você não é. — Ele segurou seu queixo com a mão, forçando-a a olhar para ele. — É um piloto *melhor do que eu*, não poderia ter puxado seu Spitfire daquela espiral de morte. Mas você conseguiu, a única coisa que a segura é a sensação de cautela, apenas precisa assumir alguns riscos.

— Eu perderei, perderei meu avião e tudo será minha culpa. — Connie disse, sua voz ficando alta, lembrou-o de um animal encurralado, atacando com medo. — Será *sua* culpa, por me fazer fazer isso, nunca mais poderei olhá-lo.

— Você não perderá. — Com todo seu coração, Chase desejava que estivessem realmente acasalados, para que pudesse sentir a confiança profunda que sentia nela. — Por favor, Connie. Confie...

— Não se atreva a me dizer para confiar em você. — Connie gritou.
— Novamente não. *Nunca mais.*

— Isso não era o que eu ia dizer. — Disse Chase, com honestidade na voz. Ele olhou, profundamente, em seus olhos amedrontados, desejando que ela acreditasse nele, apenas uma vez. — Connie. Confie em *si mesma*.

Capítulo Quinze

Não posso fazer isso.

Connie sentia-se fisicamente doente, com o estômago revirado, contemplando o pequeno café da manhã que Chase a obrigou a comer. Uma multidão entusiasmada reunia-se ao redor das laterais do aeródromo, aguardando, ansiosamente, a partida da corrida. Connie tentou se concentrar no avião, mas era difícil ignorar a forma como as pessoas continuavam apontando para ela e o Spitfire, sua nuca queimava, sob o calor de centenas de olhares curiosos.

— Isso é tudo da lista de verificação pré-vôo. — Disse Chase, entrando no nariz do avião, para se juntar a ela. — Assim que recebermos o sinal, poderá decolar. Você está pronta?

— Não. — As mãos de Connie estavam tremendo, ela nem conseguia fechar a roupa de vôo. — Chase, não posso fazer isso.

— Espere. — Chase cuidadosamente puxou para ela. — Aí está. Tudo pronto.

— Quer dizer, não posso pilotar nessa corrida!

— Eu sei o que você quis dizer. — Chase afastou um fio de cabelo de seu rosto, colocando-o atrás de sua orelha. — E você pode. Seus treinos foram perfeitos. Bate o tempo dos outros, tranquilamente.

— Era apenas um treino para a corrida, com céu limpo. Será diferente, com os outros aviões lá também e se eu não conseguir superar os líderes? E se cometer um erro? E se...

— Connie. Você consegue fazer isso. Simplesmente... — Chase parou, suas costas ficando rígidas. — O que está fazendo aqui?

Connie seguiu a direção de seu olhar e seu coração acelerou com ansiedade. — Oh Deus, isso realmente está acontecendo, é o Marechal da corrida, ele nos dará permissão para decolar.

— Não. Ele. — Chase disse sombrio. Estava olhando fixamente para um homem enorme, com um terno branco brilhante, ao lado do Marechal, que se aproximava. — *Ele*. Aquele é Sammy Smiles.

Mesmo que Connie não soubesse que Sammy era um shifter, teria pensado que havia algo estranho em relação a seu físico bizarro e a boca larga. Sabendo o que realmente era, reconhecia os traços inconfundíveis de sua outra forma, parecia mais com um tubarão vestido de terno, do que um ser humano.

Ele também parecia muito, muito satisfeito consigo mesmo.

— Srta. West? — Disse o Marechal, consultando sua prancheta, quando chegou até eles. — Seus exames pré-vôo estão concluídos?

Chase empurrou os papéis para o Marechal sem olhar, sem deixar de olhar para Sammy. — Você não é bem-vindo aqui, Sammy. Volte para atrás da linha, com os outros espectadores.

O Marechal tossiu, desaprovadamente. — Sr. Smiles, como nosso patrocinador *muito* generoso, deseja, pessoalmente, a todos os pilotos a melhor sorte, antes de decolar.

Um minuto atrás, Connie não pensaria que pudesse se sentir *mais* doente. — Você patrocina a Copa Rydon?

— Por que não mencionei isso antes? — Sammy falou com um forte sotaque texano e sorriu para ela, mostrando duas fileiras de dentes afiados. — E você deve ser a filha de West. Não é uma pequena coisa doce? Por que acha que mãos tão suaves e bonitas podem controlar um grande avião desse tipo?

Sem dúvida, ele pretendia desestabilizá-la... Mas seu insulto secreto teve o efeito contrário. Estava acostumada a lidar com homens mais velhos, que tentavam dizer como cuidar de um avião, como se não tivesse arrancado dentes com uma chave inglesa. As borboletas, em seu estômago, transformaram-se em abelhas irritadas.

— Eu voei em meu primeiro Spitfire quando tinha sete anos. — Ela disse, apertando os punhos. — Sentada no colo da minha mãe. Você descobrirá que sei o que estou fazendo.

O peito de Chase inchou com orgulho, seus olhos brilhando com um prazer feroz, enquanto olhava para ela.

— Oh, Sammy. Você está prestes a descobrir que pulou da frigideira e entrou no inferno. Até o final do dia, arrepender-se-á de *me* impedir de pilotar.

Uma expressão ferida espalhou pelo rosto amplo de Sammy. — Ora, ora. Eu não impedi ninguém de fazer qualquer coisa e se você continuar fazendo essas acusações, filho, terei que insistir em falar com meu advogado. Mas não seremos hostis, todos precisamos colocar algumas pequenas diferenças de lado e sermos bons. Queremos uma corrida agradável e justa, não é?

Connie percebeu que Sammy olhava firme para Chase, enquanto dizia as últimas palavras. E percebeu que o Shifter tubarão temia que Chase, em forma de Pegasus, pudesse interferir com os outros aviões.

— Os trapaceiros sempre pensam que todos os outros também enganam. — Chase sorriu para Sammy, mostrando os dentes. — Mas não somos como você, Sammy. Connie ganhará esta prova de forma justa e limpa.

Sammy olhou para o avião. — Falando em uma corrida justa... — Ela se afastou, olhando o Marechal, de forma significativa.

Ah, sim. O Marechal, que estava bastante confuso com os toques hostis na conversa, endireitou-se. — Srta. West, devido ao mau funcionamento de seu outro Spitfire, aceitamos essa substituição de última hora bastante não convencional. Mas depois de uma análise cuidadosa, decidimos que devemos ajustar sua deficiência.

Connie esperava algo assim. Como uma corrida de desvantagem, todos os aviões da Copa Rydon começavam em diferentes momentos, de modo que se tornava um teste mais de habilidade do piloto, em vez de apenas as capacidades do avião. Anteriormente, Connie estava preparada para começar na sexta posição, dentro do grupo de doze.

Mas o Spitfire de Chase, ainda não podia pensar nele como *dela*, era um pouco mais leve do que o seu, pois apenas carregava uma única pessoa, em vez de duas. Seria mais rápido no céu, como resultado, portanto, precisava de uma maior desvantagem.

— Agora, espere um segundo... — Começou Chase.

Connie o impediu com uma mão levantada.

— Não, é justo. Começarei no sétimo lugar agora, Marechal?

— Er, depois de uma revisão imparcial e análise das nova evidência... — Os olhos do Marechal foram, brevemente, para Sammy.
— Você começará na décima segunda posição.

Connie olhou para ele com absoluto horror.

— *Última Posição?*

Chase ergueu-se sobre o homem menor, seus ombros musculosos agarrando, ominosamente.

— Deixe-me adivinhar, essa nova evidência veio sob a forma de um cheque gordo, por acaso?

O Marechal segurou a prancheta na frente dele como um escudo, visivelmente pálido.

— A decisão do comitê é final. — Ele falou. — Prepare-se para decolar e aguarde seu sinal de partida.

— Este é um avião muito bom. — Sammy deu um tapinha no Spitfire com carinho. Estou ansioso para passar mais tempo com ele, no futuro. Prazer em conhecê-la, Constance West. Ah e diga a seu pai que, se precisar de um empréstimo para ajudá-la depois disso, sabe onde me encontrar.

— É isso. — Disse Connie, enquanto Sammy se afastava, assobiando. — Acabou.

Chase parecia como se pudesse assassinar alegremente o agiota.

— Não acabou. — Disse ele, ferozmente.

— Você falou muito bem, tem voado nesses aviões toda sua vida, pode fazer isso Connie, não pense no que perderá, concentre-se no que

ganhará. Pense no quanto quer esfregar o sorriso de Sammy na lama, pense em quão gratificante será ver seu rosto, quando chegar primeiro.

Connie tentou apelar para o primeiro golpe de raiva, mas seu senso comum a sufocou.

— Sou uma boa piloto, mas não sou temerária, como meu pai, ultrapassar outros aviões é arriscado e terei que fazer onze vezes!

— Então aceite os riscos.

Chase segurou suas mãos, apertando-as forte.

— Entregue-se, voe como se tivesse nascido no céu, este avião sobreviveu a mim, afinal. Não cairá e estarei lá com você, não deixarei que nada aconteça.

— Mas... — Connie começou.

Ele se inclinou e a beijou, ferozmente, profundamente, sufocando outros protestos. O calor correu pelo sangue de Connie, sentiu como se a energia selvagem dele estivesse derramando dentro dela, reavivando o fogo em seu estômago. Pressionou contra ele, como se pudesse pegar sua coragem imprudente, armazenando-a para a corrida à frente.

Chase recuou um pouco, inclinando a testa contra a dela.

— Você pode fazer isso. — Ele repetiu. — Eu a verei no céu e terei certeza de que possa me ver também.

Connie segurou suas mãos, com medo de que uma vez que a soltasse, toda sua coragem escaparia, como um balão furado.

— Quando expulsar o wyvern, voará durante a corrida comigo? Por favor?

— Estarei ao seu lado, juro. — Ele deu-lhe um último beijo breve e tentador. — Agora vá. Está na hora

Capítulo Dezesseis

Chase sentiu que o Wyvern se aproximava. Ele mal dormiu, na noite anterior, esperando que o Shifter voltasse para a cidade, mas apenas o sentiu, quando os aviões decolaram para a corrida, ainda muito alto e distante para ser visto, mas estava se aproximando rápido.

— *Chegando.* — Ele, telepaticamente, falando com Killian, enviando uma imagem mental da forma verde do wyvern, de modo que o Pegasus de Killian pudesse sentir seu cheiro e acompanhá-lo também.
— *Está pronto?*

— *Para lutar contra um wyvern? Nem de longe.* — Apesar de suas palavras, as largas asas cinzentas de Killian batiam, constantemente, seu vôo suave e forte, enquanto circulava os aviões de corrida. — *Posso senti-lo agora também, parece que planeja interceptar sobre o mar, durante a segunda fase da corrida.*

— *Eu concordo.* — Chase aumentou seu bater de asas, acelerando o ritmo. — *Verei se posso pegá-lo, antes que tenha a chance de interferir na corrida. Você fica de volta aqui com Connie, apenas no caso.*

Chase não conseguiu deixar de observar a corrida, enquanto atravessava o céu. Graças às maquinações de Sammy, cinco dos onze aviões que começaram antes de Connie eram, tecnicamente, mais rápidos que o Spitfire vintage. Mas isso não significava que seriam mais rápidos na prática, um avião era tão bom quanto seu piloto.

Connie ultrapassou o penúltimo avião que decolou antes dela, quando o piloto passou por ventos na decolagem. Agora estava se aproximando rapidamente do próximo, o motor do Spitfire rugindo a toda velocidade. Aproveitou a habilidade de escalada superior do Spitfire, para superar o avião acrobático leve, o moderno avião podia ser mais rápido em um voo plano, mas não em um mergulho, tudo o que ela precisava era uma abertura.

A outra aeronave fazia um voo um pouco descuidado, hesitando, na linha de corrida ideal... apenas um pouco.

Agora, Connie, agora! Seja ousada!

Como se ouvisse sua exortação silenciosa, o Spitfire deu um mergulho, suas asas cortaram o ar facilmente, enquanto Connie rodava, cuidadosamente, pela curva, cortando a frente do outro avião.

Sim! Dois para baixo!

Apenas mais nove...

Ele queria desesperadamente voar asa com asa com Connie, através da corrida, compartilhando seu triunfo, mas tinha um trabalho a fazer, os aviões de corrida ficaram distantes, quando voou para o mar a toda velocidade.

— *Você tem um plano, a propósito?* — Killian enviou para ele, sua voz mental um pouco fraca com a distância.

— *Sim.* — Chase respondeu, o vento assobiando além de suas orelhas achatadas. — *Encontrarei o bastardo que tentou matar minha companheira e chutarei sua bunda.*

Não havia mais tempo para conversar, podia ver o wyvern agora, estava um pouco mais baixo do que ele, voando próximo ao mar, suas longas e irregulares asas batendo, constantemente, impulsando-o a uma velocidade incrível.

Matar! Seu Pegasus encheu sua mente com uma necessidade única de esmagar o Wyvern, derrubando-o do céu. *Ninguém ataca nossa companheira! Matar!*

Gritando em desafio, Chase cruzou as asas e se curvou. A cabeça em forma de cunha do Wyvern se virou, seus grandes olhos ácidos e amarelos alargaram-se em alarme, quando o avistou, seu peito estreito inchou e cuspiu uma nuvem de ácido.

Chase se lançou como uma bola de canhão, mergulhando mortalmente, através da névoa, atacou o Wyvern com seus cascos dianteiros afiados, virou o corpo sinuoso, equivocando-se do chute, mas não deu a chance de se recuperar, atacou com seus dentes e cascos.

Se eu ficar perto, não pode usar o ácido, apenas preciso tomar cuidado com a cauda.

A cauda mortal do wyvern era como a de um escorpião, curvava-se sobre suas costas, a ponta afiada movendo-se para o alvo. Chase estava tão ocupado, observando sua cauda, que quase se esqueceu que a frente do Wyvern era tão perigosa quanto o restante, sua cabeça se lançou para ele, as presas brilhando com veneno.

Chase se afastou rápido, quase paralisando, quando os dentes do Wyvern fecharam-se no ar vazio. Fora de equilíbrio, não conseguiu evitar a cauda, enquanto passava, não conseguiu acertá-lo, mas o poderoso golpe ainda o enviou pelo céu.

O Wyvern não usou sua vantagem, em vez disso, aumentou as batidas das asas, disparando para longe dele. Embora a cauda fosse ácida e venenosa para um Pegasus, não parecia interessado em uma briga, Chase adivinhou que Sammy ordenou que o evitasse e seguisse direto para a corrida, para garantir que Connie não ganhasse.

Recuperando-se, Chase disparou atrás do Wyvern, que torceu o pescoço, soltando algumas explosões de ácido, para cobrir seu recuo. Chase mergulhou através das nuvens à deriva em curvas fechadas, atrás do Wyvern, como um míssil teleguiado, mas toda manobra evasiva lhe custou um tempo precioso.

As longas asas do Wyvern explodiam, com cada golpe, afastando-o em um ritmo fenomenal, os poderosos músculos de voo de Chase queimaram, quando tentou acompanhar, mesmo no limite de sua velocidade, o Wyvern se afastava dele.

— *Os aviões estão indo para o mar.* — A voz mental ansiosa de Killian explodiu em sua cabeça. — *Eles estarão perto de você em breve, Connie ultrapassou até a sexta posição. Você está bem? Precisa de ajuda?*

— *Fique com os aviões!* — Chase falou, sua voz psíquica forte como seu corpo físico, ele precisava de Killian lá, como uma defesa de última hora, se o pior chegasse.

Chase mostrou os dentes, em um grunhido frustrado, quando o Wyvern avançou ainda mais, mas não importava como se esforçasse, não conseguia recuperar o atraso. Tinha mais força e resistência, mas o Wyvern era, simplesmente, mais rápido. Apenas precisava manter sua velocidade por mais alguns minutos, antes aparecer no meio da corrida aérea.

O que Connie faria...?

Ele alterou o ângulo de suas asas, esforçando-se para ganhar altura e não velocidade, o Wyvern ficou abaixo dele, bem à frente, sua cabeça em forma de cunha girava em seu pescoço longo e sinuoso, enquanto tentava descobrir onde ele estava. Usando o truque dos pilotos de caça da Segunda Guerra Mundial, Chase foi direto para o sol, escondendo-se nos raios deslumbrantes, enquanto subia ainda mais.

Podia ver os aviões de corrida agora e ouvia o trovão de seus motores combinados, o Spitfire de Connie, claramente visível, sua forma predatória de falcão, no meio dos aviões mais leves. Um grupo de RV-7 dispersos em desordem, enquanto ela rugia, diretamente pelo meio deles.

A cabeça do Wyvern se moveu, focando no Spitfire. Ele se elevou, em um curso de interceptação.

Ele está atacando nossa companheira! Seu Pegasus estava frenético. Proteger! Interceptar! Matar!

Chase lutou pelo controle, para resistir ao instinto avassalador do Pegasus de mergulhar imediatamente atrás do Wyvern, estava tão em sintonia com seu garanhão, que não era natural ir contra seus desejos.

Mas por uma vez, precisava manter a cabeça fria, precipitação seria um desastre.

Espere, disse ao garanhão. Espere! Nós temos apenas uma chance!

O Wyvern era muito rápido e ágil para Chase, sabia que sua única chance seria a velocidade, deveria cair tão rápido, que mesmo os

reflexos sensíveis do Wyvern não pudessem pegar. Mas para isso, precisava aumentar a velocidade.

— *Agora, Killian!* — Ele enviou a seu primo, enquanto ia para cima. — *Atrase-o!*

Killian caiu sobre o Wyvern, que o sacudiu, esquivando-se facilmente dos ataques, entrando no meio da corrida agora, evitou alguns aviões, permitindo que passassem, sem impedimentos. Depois que passaram, esperou. Killian lançou-se à sua cabeça, como um corvo pegando uma ave de rapina, mas o Wyvern conseguiu acertar ácido nele, obrigando-o a afastar-se.

— *Não consigo chegar perto!* — Killian enviou-lhe consternado. — *Está focado a chegar em Connie e não consigo impedi-lo.*

— *Apenas o distraia o máximo que puder.* — Chase enviou de volta.

O ar queimava como fogo em suas narinas, seus grandes pulmões pesados com o esforço, enquanto lutava para respirar, não havia nenhuma corrente ascendente, nenhuma térmica, para levá-lo para cima, era como tentar escalar um penhasco com as próprias mãos.

— *Você não pode mergulhar de tão alto!* — A voz mental de Killian ficou horrorizada. — *Quebrará o pescoço!*

Ele ignorou o aviso de seu primo, subindo ainda mais, estava tão alto agora, que os aviões abaixo dele pareciam tão pequenos quanto brinquedos de crianças. Killian era apenas uma mancha cinza, girando ao redor do verde do Wyvern.

— *Chase! Atingido... Não posso!* — A mensagem psíquica de Killian desapareceu em uma impressão sem palavras de dor.

O coração de Chase perdeu uma batida, ao ver a forma distante de seu primo cair em direção às ondas, mas para seu alívio, Killian voou, antes de bater na água, seu curso hesitante e instável deixou claro que estava fora da luta.

Connie, cuidadosamente, ultrapassou outro avião, passando pelas curvas da rota com eficiência e estava em terceiro lugar agora, mas tinha uma enorme distância para conquistar a liderança da corrida. O Spitfire avançou, quando Connie acelerou totalmente.

Indo diretamente para o Wyvern esperando.

Connie não tinha como saber que a fera estava lá. Seguro na sua invisibilidade, o Wyvern pairava diretamente em seu caminho, toda sua atenção focada no avião que se aproximava.

AGORA!

Chase levou as asas para trás, dobrando-as firmemente dos lados, voando apenas com as pontas. Sua cauda agitava-se atrás, como uma bandeira, enquanto pegava velocidade, caindo cada vez mais rápido, até que sentiu como se as asas pudessem ser arrancadas.

O vento chicoteava-o com tanta força, que era impossível respirar, pontos negros dançavam em sua visão, enquanto seus pulmões queimavam por ar, moveu as asas, girando, enquanto caía, os cascos prontos para atacar.

No último instante, o Wyvern, de repente, jogou-se para um lado, como se alguém gritasse um aviso, mas era tarde demais, Chase mergulhou tão rápido, que mesmo os reflexos supernaturalmente rápidos do Wyvern não podiam salvá-lo.

Todos seus cascos atingiram o flanco, o impacto chocante dos ossos quase fazendo-o desmaiar, se tivesse atingido a cabeça do Wyvern, teria quebrado o pescoço dele instantaneamente, O animal rolou, girando, incontrolavelmente, para baixo em direção à água.

Ainda caindo, Chase ficou quase fora do ar, enquanto o Spitfire de Connie passava por ele com apenas alguns metros de distância. Ele foi jogado impotente, pelo vento do avião, balançando como uma cortiça em um mar tempestuoso.

No momento em que se equilibrou, o Wyvern estava a meio caminho de Brighton, abandonando a luta. Voou para o mar, suas batidas de asas erráticas e trabalhosas, enquanto fugia.

Siga-o! Seu Pegasus movia-se pelo ar, ansioso para acabar com a fera. Pegue-o, mate-o, bata-o no chão!

Chase balançou a cabeça, para dissipar a sedução de sangue instintiva de seu animal. *Não, ele falou para seu Pegasus, precisamos ajudar nossa companheira, prometemos estar lá ao seu lado. E nunca mais quebraremos uma promessa feita.*

Ele forçou suas asas doloridas a bater mais rápido, alcançando o Spitfire, apesar de seus músculos arderem, ficou em formação com o avião.

Estou aqui, Connie. E agora, tudo depende de você.

Capítulo Dezesete

Eu vou perder.

Connie forçou suas mãos a ficarem firmes nos controles, não podia se dar ao luxo de tremer agora, seus olhos estavam presos nos dois líderes da corrida.

Ambos foram modificados, o avião Mudry CAP 230, um avião de acrobacia de alta velocidade, preferidos por pilotos de corrida sérios, seu próprio Spitfire era mais rápido e poderoso... Mas os dois Mudrys estavam muito à frente dela.

Estão muito longe. Não conseguirei alcançá-los.

Connie empurrou o Spitfire tanto quanto ousou, mas sabia que não seria suficiente, sua habilidade instintiva e refinada de avaliar distâncias e velocidades dizia-lhe que era impossível.

A menos que ambos cometessem um erro no final...

Infelizmente, isso não parecia provável, os dois aviões eram pilotados por pilotos experientes. Um dos aviões era amarelo canário brilhante com guarnição branca, reconheceu como pertencente ao vencedor da Copa Rydon do ano passado. Até agora, ele seguia um curso cuidadoso e impecável. O outro avião, um azul cerúleo, não era familiar para ela, mas seu piloto, claramente, tinha muita experiência e absolutamente nada de medo. Connie chegou, perigosamente, perto de bater nele mais cedo, no meio da corrida, seus reflexos salvaram os dois de uma colisão no ar, mas perdeu muito tempo para se endireitar e assumir o controle.

Agora, apenas podia assistir impotente, enquanto os outros dois aviões concorriam um com o outro pela primeira posição, o temerário azul continuou tentando cortar o espaço aéreo do amarelo, tentando forçá-lo a recuar. Ao contrário de Connie, o piloto do avião amarelo ficou firme, recusando-se a ceder o primeiro lugar para o maníaco.

Eles estavam aproximando do ponto da virada final, o horizonte infame, um verdadeiro teste de habilidade e ousadia de um piloto, Connie estava certa de que o avião amarelo escolheria circular a largura, levando lentamente, mas com segurança e estava igualmente certa de que o azul tentaria uma manobra mais rápida, mas muito mais perigosa, ganhando a liderança, com a manobra.

Se o piloto do avião azul o retirasse, ele ganharia a corrida, se falhasse, a vitória seria do avião amarelo.

De qualquer forma, Connie perdia.

Perdi.

Perdi o avião da minha mãe.

Perdi tudo.

Um assobio alarmante e agudo soou em alerta, sobre o rosnado mais profundo do motor superaquecido do Spitfire, seu coração estava como chumbo em seu peito, Connie aliviou um pouco o acelerador, não havia sentido destruir o avião de Chase, mesmo que em breve, tornasse o avião de Sammy.

Um lampejo chamou sua atenção, na ponta da asa esquerda, Connie girou o pescoço, na esperança de que fosse Chase e viu o Pegasus da cor da meia-noite, quando, de repente passou sobre ela como a ira de um deus, presumivelmente, perseguindo o Wyvern.

Durante toda a corrida, estava com medo por ele, apegou-se ao pensamento de que, enquanto voasse sem a interferência do Wyvern, ele *estava* bem, mas era um pequeno conforto, porque se o Wyvern não a atacava, era apenas porque estava *atacando-o*.

Agora, no entanto, essa forma incrivelmente alada e gloriosa alinhou-se com ela, o Pegasus estava claramente exausto, mas ainda assim, voava com o avião.

— Chase. — Connie disse aliviada.

Ela não podia ver feridas nele, embora, pela maneira rígida como se movia, suspeitava que foi ferido na luta e podia assumir que o Wyvern estava pior. Chase deve tê-lo matado ou expulsado.

Ao encontrar seus olhos, o Pegasus acenou uma orelha para ela, então esticou o pescoço, suas asas aceleraram, de modo que avançou um pouco à frente, olhou para ela, a cauda alta e desafiadora.

Ela podia entender sua comunicação corporal tão claramente, como se estivesse falando diretamente em seu ouvido: *Bem? O que você está esperando?*

Connie apertou a boca com determinação. Se perdesse, pelo menos, perderia lutando, apenas podia rezar para que, *literalmente* não desmaiasse, enquanto voltava a acelerar o avião.

Podia sentir o estresse do motor, em cada vibração sob ela, mas desta vez, controlou seus nervos, o Spitfire uivou com fúria, quando disparou através do céu, atrás dos dois líderes, diminuindo a distância.

Pelo canto do olho, podia ver Chase se esforçando para se manter, mas não tinha tempo para prestar atenção nele agora, todo seu foco

estava em manter o avião estável e no curso certo. A essa velocidade, o menor erro poderia fazê-la perder o controle e colocá-la para fora da corrida.

Na frente, os dois Mudrys chegaram ao ponto final, o avião amarelo ainda estava um pouco à frente do azul, como suspeitava, o piloto experiente do avião amarelo começou a volta, fazendo um círculo largo, o avião azul, mais atrevido, aproveitou a oportunidade para avançar, ele ficou à margem esquerda com tanta força, que as asas eram quase verticais, tentando completar a volta frente a frente com o outro avião.

Mesmo antes que o avião azul começasse a volta, Connie sabia que o piloto entrou com muita força e rápido demais, o avião azul parou, espiralando no ar. Para seu alívio, conseguiu retroceder de forma segura, mas caiu muito além dos limites da corrida. Ele estava fora.

O avião amarelo completou a volta, Connie estava quase para iniciar a volta, mas ainda precisava completar seu próprio loop, senão, quando estivesse de frente para a linha de chegada, o avião amarelo já teria atravessado.

A menos que eu tente a curva fechada de gancho.

Connie mordeu o lábio com força suficiente para cortar, tinha apenas alguns batimentos cardíacos, para tomar a decisão.

Não posso, é muito perigoso, se der errado, partirá o avião.

O tempo parecia esticar-se, os segundos diminuindo a velocidade, olhou para trás para Chase, ainda se esforçando severamente no voo, seus olhos encontraram os dele, apesar da crescente distância entre os dois, naquele momento, pode sentir sua confiança nela, seu encorajamento e apoio.

Se der errado...

Ela sabia, interiormente, que ele a pegaria.

Connie moveu o controle.

O Spitfire inclinou-se sobre a ponta de uma asa, a outra apontando para o céu, o metal gritando com o estresse, Connie sentiu seu estômago apertar, a visão ameaçando ficar preta, quando a incrível força da gravidade atingiu o banco do piloto e ela se preparou com os pés. Cada músculo, em seu corpo, esforçando-se, enquanto lutava para manter o controle do avião.

O Spitfire chicoteou como um cometa, as asas do avião amarelo foram atingidas pelo golpe de ar do avião de Connie, enquanto passava a meros metros da frente de seu nariz.

O trecho da corrida abriu-se diante de Connie, o céu azul claro e acolhedor.

Ela não poderia ter diminuído a velocidade do Spitfire, mesmo que quisesse e em pouco minutos estava de volta à terra, avançando para o aeródromo, o outro avião era apenas um ponto amarelo à distância, mesmo Chase ficou para trás, a multidão embaixo era apenas um borrão de cor, quando passou sobre suas cabeças.

Através da linha de chegada.

Capítulo Dezoito

— Nós ganhamos. — disse Connie novamente, olhando a taça Copa Rydon. Ela não soltou o enorme troféu de prata nenhuma vez, desde que Sammy foi forçado a entregá-lo de má vontade.

— Nós *ganhamos*.

— Você ganhou. — Chase corrigiu, enquanto procurava algo em sua geladeira e não deixava de sorrir.

— Foi você que fez o trabalho árduo, nós apenas garantimos que o Wyvern não inteferisse. Certo, Killian?

— Hum? — Killian olhou para o telefone, estava muito distraído, durante a cerimônia de premiação.

— Oh. Sim. Definitivamente.

— Vamos, deixe esta coisa. Você não pode ter acumulado muitos e-mails empresariais urgentes, em uma única tarde. — Chase tirou a rolha da garrafa de champanhe, movendo-a.

— Nós temos uma festa para fazer!

Connie piscou para a enorme garrafa.

— Quando você a colocou aqui? Melhor, como chegou até a minha geladeira?

— Há algo que sou bom... — Disse Chase, enquanto tirava a rolha.... E é colocar coisas grandes, em lugares apertados. Como você sabe.

Chase foi recompensado pelo fraco rubor que cobriu as bochechas de Connie.

— Não, se há uma coisa que você é bom, é pular para longe da morte. O que teria feito com essa coisa, se não tivéssemos ganhado?

Chase ergueu o champanhe, balançando-o animado.

— Bem, suponho que poderia bater em Sammy até a morte, com a garrafa vazia, depois de termos afogado nossas tristezas, mas realmente não pensei nisso, sabia que você ganharia.

Connie revirou os olhos, embora um sorriso esticasse seus lábios cheios.

— Você é *impossível*. Não agite assim, seu idiota ou não poderá verter na taça.

— Oh, este não é para beber. — Chase disse alegremente.

Apontando a garrafa para ela, explodiu a rolha. Connie gritou, segurando o troféu da Copa Rydon em defesa, enquanto ele a pulverizava alegremente, com champanhe. Para completar, Chase atingiu Killian também, seu primo xingou, apressadamente protegendo seu celular.

—*Chase!* — Rindo, Connie afastou o cabelo escorrendo do rosto, os olhos dela brilhavam finalmente, sem qualquer preocupação e medo, interiormente, Chase prometeu cobri-la com champanhe *todos os dias*, se a fizesse sorrir assim.

Que desperdício de uma boa bebida.

Segurando a garrafa ainda espumando de lado, Chase colocou o outro braço ao redor dela.

— Eu não disse que iria desperdiçá-la.

Independentemente do troféu tocando seu abdômen, ele se aproximou, abaixou a cabeça, para lambe, delicadamente, uma gota de champanhe do pescoço dela, a respiração de Connie acelerou enquanto Chase seguia a trilha fina e perfumada do seu pescoço.

O troféu de prata preso entre os dois aqueceu-se, absorvendo o calor de seus corpos. Ele moveu a língua provocante em seus lábios suaves, que se separaram de bom grado, permitindo que ele explorasse sua boca quente, a doçura de seu beijo era mais intoxicante do que o champanhe.

Killian limpou a garganta com desconforto.

— Você disse que havia outra garrafa?

Chase poderia ter, alegremente, assassinado seu primo, quando Connie se afastou dele, ruborizando.

— Uh, sinto muito. Hum. Sim, todos devemos celebrar. Juntos. — Ela olhou para sua roupa de voo molhada, que estava grudada em seus mamilos eretos e seu rubor aprofundou-se.

— Vou tomar banho e vestir roupas secas.

— *Você não possui algumas planilhas para preencher ou algo assim?*

Chase perguntou, aproximando-se de seu primo, quando Connie desapareceu no quarto.

Killian estendeu as mãos em desculpa. — *Sinto muito, mas não acho que seja uma boa ideia deixá-lo sozinho agora. Sammy, provavelmente, está em um frenesi de fúria nesta noite e o Wyvern ainda está lá fora. Quero cobrir suas costas, até sabermos que tudo acabou.*

Chase sabia que seu primo apenas estava agindo por preocupação com sua segurança. Seu Pegasus começou a relinchar, para matar Killian. — *Killian, da maneira mais legal possível... foda-se. Ficarei bem, confie em mim.*

Um som alto de toque fez com que ambos se afastassem. Killian olhou confuso para seu telefone silencioso, por um momento, então encolheu os ombros.

— Não é meu. Seu?

Chase esqueceu que estava carregando seu celular de trabalho, estava tão acostumado a ficar de plantão, que naquela manhã, distraidamente, pegou o telefone, mesmo que tivesse renunciado a ser um bombeiro. Procurou no bolso, puxando-o para fora.

— Griff? Está tudo bem?

— Estamos com um incidente no Falmer. — A voz forte de Griff traía sua preocupação.

— Um bloco de apartamentos abandonados, bem à beira da cidade, pensamos que invasores devem ter incendiado acidentalmente o lugar. Quem fez a ligação disse que estava presa no interior, mas Ash e Dai estão lá há dez minutos e ainda não a encontraram. Está uma verdadeira confusão.

Merda. Em segundo plano, Chase podia ouvir o grito familiar da escada de incêndio.

— Espere, o que você está fazendo no local ,em vez de estar na sala de controle?

— Fingindo ser você. — Griff disse, com um tom ácido.

— Eu sei que você disse que está saindo, mas o Comandante Ash ainda não apresentou a documentação, esperando que mudasse de idéia. Eu me ofereci para cobrir seu turno.

— Você está em serviço ativo novamente? — Chase sentia falta da sólida e confiável presença de Griff no time. Nunca mais foi o mesmo sem ele.

— Não oficialmente. É apenas um dos meus dias bons, posso dirigir um caminhão, pelo menos, mas não consigo encontrar pessoas, não como você pode. Chase, nós, realmente, precisamos de você.

O primeiro instinto de Chase foi saltar pela janela, mudar e dirigir-se para a cena a toda velocidade, no entanto, hesitou, olhando a porta do quarto de Connie, podia ouvir o chuveiro ligado no banheiro.

— *Vá.* — Killian enviou para ele, obviamente, ouvindo a conversa graças a seus ouvidos agudos. — *Você é necessário. Não se preocupe com Connie. Direi a ela para onde foi. E se houver algum sinal de perigo, eu a mantereí segura.*

Chase decidiu, embora o incomodasse sair, havia uma vida em risco. Connie entenderia.

— Estou a caminho. — Ele disse para o telefone.

Capítulo Dezenove

— Onde está Chase? — Connie perguntou, quando voltou para a sala de estar.

Killian estava no telefone novamente, enviando uma mensagem de texto.

— Ele precisou sair. — Disse, colocando-o de volta no bolso. — Apenas saltou pela janela e voou para fora.

— Oh. — Connie abriu a geladeira, para procurar a segunda garrafa de champanhe, escondendo sua expressão.

Ele, provavelmente, teve uma ideia ridícula e precisava agir imediatamente, ela disse a si mesma, tentando superar o sentimento de decepção no estômago. Ele é tão impulsivo. Sem dúvida, não podia esperar um minuto.

... Nem mesmo para me dizer por que estava saindo?

— Ele disse quando voltaria? — Connie perguntou, tentando manter a voz clara.

— Não. — Killian tocou seu braço, fazendo-a pular, Connie não o ouviu chegar por trás.

— Connie, posso perguntar algo?

— Claro. — Ela lhe entregou o champanhe e começou a procurar taças de vinho.

— O que está pensando? Você tem estado quieta desde a corrida.

Killian virou a garrafa nas mãos fortes e dedos longos, tão semelhantes aos de Chase. Era estranho como duas pessoas tão fisicamente parecidas, fossem tão diferentes.

— Você quer ficar com meu primo?

Connie fez uma pausa, abrindo um armário.

A corrida terminou, meu avião está seguro.

Eu poderia ir a qualquer lugar.

— Quer dizer, você ganhou a aposta. — Disse Killian, quando ela não respondeu.

— Você não precisa mais dele, eu o amo muito, mas até mesmo eu tenho que admitir que é uma pessoa desafiadora para lidar, é imprudente, ridículo e geralmente... — Killian se afastou, aparentemente procurando o adjetivo certo.

— Irritante? — Sugeriu Connie.

— Sim. — Killian fez um careta simpática.

—E Deus sabe, ele já a feriu o suficiente no passado. Qualquer pessoa sensata não iria querer ficar mais com ele.

—Sim. — Connie disse lentamente, recostando-se contra a bancada ao lado dele, não podia negar a verdade, em qualquer coisa que Killian disse.

— Acho que uma pessoa sensata não faria isso.

Killian gesticulou para ela com a garrafa.

— Acho que você é a pessoa mais sensata que já conheci, Connie, é basicamente o seu completo oposto, para ser franco, ainda não posso acreditar que vocês dois são, realmente, companheiros, então ficará com ele? Apesar de tudo?

Ficarei?

Connie procurou em seu coração de forma cautelosa e íntima, do fundo de sua alma... E sabia a resposta.

— Sabe. — Ela disse suavemente. — Desde que minha mãe morreu, sempre *precisei* ser sensata. Tive que aprender a ser cautelosa, a equilibrar meu pai, ele podia se dar ao luxo de ser selvagem e ousado, porque sempre estava lá para consertar as coisas, se tudo desse errado. Mas, se *eu* fosse imprudente e não funcionasse... não haveria ninguém para *me* segurar.

— Mas você foi imprudente hoje. — Disse Killian.

— Porque sabia que ele estaria lá, se eu caísse. — Um sorriso lento espalhou por seu rosto.

— E acho que, finalmente, estou pronta para assumir outro risco.

Killian olhou para ela, sua expressão ilegível.

— Então ficará com ele.

— Sim. — Connie deu um tapinha em seu braço tenso. — Não se preocupe, Killian. Você não recolherá os pedaços de seu coração partido desta vez.

Killian soltou a respiração, com um longo suspiro.

— Era isso que eu temia.

— O que? — Connie olhou para ele surpresa. — Pensei que você gostasse de mim!

— Eu gosto de você. — Disse Killian. Havia uma expressão estranhamente arrependida em seu rosto bonito.

— Eu realmente gosto. Você é inteligente, responsável e boa demais para meu primo tolo, por favor, reconsidere ficar com ele, tem certeza que não consigo persuadi-la a simplesmente desaparecer? Posso dar-lhe dinheiro o suficiente para ir onde quiser, tudo o que precisa fazer é prometer nunca mais deixar Chase encontrá-la.

— Não entendo. — Connie disse confusa. — Por que você quer que deixe Chase?

— Porque você é uma boa influência para ele. — Killian colocou a garrafa de champanhe na bancada, endireitando-se, como se tivesse tomado uma decisão.

— Boa demais. Eu amo Chase, realmente amo... mas preciso que ele esteja em seu pior, selvagem, irresponsável e completamente desinteressado no negócio.

— Isto é sobre *trabalho*? — Connie ainda não podia acreditar no que estava acontecendo.

— Eu trabalhei muito, por muito tempo, para perder meu lugar para Chase agora. — Os olhos cinzas de Killian endureceram como gelo.

— *Eu serei o próximo CEO das Empresas Tiernach, não ele.*

Estou em perigo.

O pensamento, finalmente, passou através de sua mente atordoadada. Acelerando seu coração, Connie tentou correr para porta, mas Killian era muito rápido, segurou seu pulso com força desumana, sujeitando-a facilmente.

— Realmente, sinto muito por isso. — Disse Killian, parecendo arrependido.

— Gostaria de levá-la para longe novamente, como fiz três anos atrás e quero que saiba, Chase nunca a enganou, eu o droguei, deixei-o inconsciente e contratei strippers, para fingir que ele dormiu com elas. Encenei tudo, para lhe dar a pior impressão possível, quando o encontrasse. Precisava fazer o necessário para que fosse embora. Agora, temo que precisarei garantir que vá novamente. Para sempre, desta vez.

Alguém bateu na porta.

— Ajude-me! — Connie gritou, rezando para que fosse Chase.

Não era.

— Ora. — Disse Sammy, passando pela porta, não havia nada amigável ou humano em seu sorriso largo e branco. — É muito bom vê-la novamente, Srta. West.

Capítulo Vinte

As asas de Chase ainda estavam doloridas de lutar contra o Wyvern. Levou um tempo embaraçoso para encontrar o local do fogo. Realmente, precisava começar a usar seus sentidos de Pegasus para guiar sua equipe. O brilho alaranjado do fogo iluminou o horizonte, sendo visível por quilômetros.

Uma grossa coluna de fumaça subia de um bloco de apartamentos abandonados, chamas alaranjadas rugindo para fora de suas janelas quebradas. O ar quente, que se erguia do inferno, aquecia suas pernas, enquanto descia em espiral.

Griff estava de pé junto ao carro de bombeiros, bem atrás do incêndio. Em seu rosto robusto havia uma expressão mal contida de dor. Seus punhos ainda estavam apertados, enquanto olhava para o fogo, mostrando sua frustração. Olhou para cima, quando Chase pousou, desligando o rádio.

— Estou feliz em vê-lo. — Disse ele. — Você consegue sentir alguém?

Voltando rapidamente para forma humana, Chase se concentrou. Imediatamente, sentiu o Comandante Ash e Dai, procurando no primeiro andar do prédio. Ele se concentrou em uma busca mais profunda, para ver se conseguia encontrar mais pessoas.

Ignore. Não há ninguém ali. Seu Pegasus chamou sua atenção, tentando arrastá-lo para um beco nas proximidades. *Rápido! Matar, atacar, apressar-se!*

Confuso com a agitação de seu animal, Chase voltou sua atenção nessa direção... e endureceu.

Não havia ninguém no edifício, mas havia alguém por perto, observando-os. Alguém que ele reconheceu.

— Chase? — Griff disse em confusão, mas já estava correndo, deixando-o para trás. Sem tempo de mudar, correu para o beco tão rápido quanto suas pernas humanas aguentavam.

— *Dai! Ash!* — Chase disse, psiquicamente, para seus colegas. — *Saiam! É o Wyvern!*

Ele viu uma silhueta escura espreitando nas sombras. A figura pequena hesitou, enquanto corria para ela, depois tentou fugir, mas já era tarde demais.

Com uma última explosão de velocidade, Chase se jogou na figura que tentava fugir. Seu ombro se conectou forte com uma forma suave e flexível e o wyvern shifter soltou um grito agudo de dor. O impacto os derrubou. Antes que o outro shifter pudesse se recuperar, Chase se jogou sobre ela. *Ela?*

— Saia de cima de mim! — A mulher contorceu-se debaixo dele, o corpo pequeno e gordo não era páreo para seu corpo muito mais pesado. — Saia de cima de mim! — Ela insistiu.

Ele esperava que ela mudasse para a forma Wyvern, mas, em vez disso, apenas segurou seus pulsos com as mãos nuas. Instantaneamente, uma dor ardente atingiu sua pele. Chase xingou involuntariamente, afastando-se de seu toque ácido.

A Wyvern shifter aproveitou seu recuo instintivo, para se afastar dele, ficando de pé. Ela se virou para fugir. E foi parada por uma

parede carmesim de músculo escamado bloqueando seu caminho. O dragão vermelho resmungou em alerta, o enorme volume encheu o beco.

— Obrigado, Dai. — Chase se levantou. Ele olhou para a shifter Wyvern. — Não pense em mudar. Você não irá a lugar nenhum.

A mulher ergueu o queixo, combinando seu olhar desafiante. Ela estava vestida com uma mistura eclética de couro preto rasgado e vinil. Tinha um corte de cabelo assimétrico, com uma grossa listra verde tingida na frente.

— Morda-me, garoto ponei. — Ela disse para ele. — Nós dois sabemos que posso ultrapassá-lo, em qualquer dia da semana. Se não quisesse estar aqui, já teria ido embora.

Seu Pegasus se irritou, exigindo derrubá-la, mas manteve seu garanhão contido. Apesar de sua atitude agressiva, havia algo vulnerável em seus olhos verde-amarelo e rosto suave e redondo. Ela usava sua roupa punk, como se fosse uma armadura cuidadosamente construída, uma maneira de proteger-se do mundo, em vez de uma expressão de seu verdadeiro eu.

No entanto, Chase ficou nas pontas de seus pés, pronto para agarrá-la, se fizesse movimentos repentinos.

— O que você *está* fazendo aqui? Começou este incêndio?

— O meu empregador ordenou. — A shifter Wyvern dobrou os braços tatuados, flexionando a mandíbula. — Mas ele não sabe que ainda estou aqui. Fiquei, porque quero conversar com seu chefe.

— Bem, você o encontrou. — Disse a voz calma de Ash. — Eu sou o Fênix.

Dai se afastou para o lado, para permitir que seu Comandante se aproximasse. Ash parecia tão composto como sempre, mas seus pés deixavam pegadas escuras e negras em seu rastro. Griff seguiu-o, seus olhos dourados e afiados estreitaram, quando se fixaram na Wyvern.

O Comandante Ash parou na frente da shifter Wyvern, as mãos cruzadas atrás de suas costas.

— Qual é o seu nome?

— Ivy. — Disse a shifter Wyvern, estremeando um pouco, enquanto encontrava o olhar calmo do Comandante. — Ivy Viverna.

— Srta. Viverna, você já cometeu crimes que exigem julgamento perante o Parlamento de Shifters. — Disse Ash. Mesmo a vários metros de distância, Chase podia sentir o calor irradiando da forma imóvel do Comandante. — Mas, se realmente cometeu incêndio criminoso, então está sob minha jurisdição e sujeita ao meu julgamento. Entende?

— Alguns Shifters tubarões tentaram me assustar, para me render a eles, dizendo-me que seria muito pior, se *você* me pegasse. — Ivy abraçou-se, seu corpo uma estranha combinação de medo e determinação. — Eles disseram que você pode queimar tudo. Mesmo o animal interno de um shifter.

O Comandante Ash inclinou a cabeça, em silenciosa confirmação.

O lábio inferior de Ivy começou a tremer.

— Você... pode queimar meu Wyvern?

Ash a considerou por um longo momento. — Poderia. Mas por que você gostaria disso?

— Eu não posso tocar ninguém. — Ivy levantou as mãos. Os próprios pulsos de Chase ainda queimavam em um vermelho irritado, onde ela o agarrou brevemente. — Sou venenosa o tempo todo, mesmo em forma humana. Apenas quero ser normal.

— Queimar seu Wyvern, transformar-lhe-ia em uma humana comum. — Ash disse desapaixonado. — Mas não seria a mesma pessoa.

— Não me importo. — Lágrimas encheram os olhos de Ivy. — Eu prefiro ser qualquer outra pessoa do que *eu*. Não posso ter um emprego regular. Vendo meus venenos no mercado negro, mas, às vezes, até mesmo isso não é suficiente. Então preciso fazer um trabalho sujo para ganhar dinheiro ou minha irmãzinha não come e nunca segurei sua mão! Não quero mais viver desta forma.

— Ela está dizendo a verdade. — Griff disse suavemente, seus olhos dourados compassivos.

— Espere. — Chase disse de repente, algo sobre o que ela disse anteriormente, irritando-o. — O que você quer dizer, alguns shifters tubarões foram atrás de você?

— Eles disseram que seu chefe ficou irritado, porque danifiquei seu avião. — Ivy passou a mão pelos olhos. O vinil sibilou, onde suas lágrimas tocaram, o ácido fazendo buracos no tecido negro brilhante. — Eu não sei nada sobre isso. Meu empregador disse-me para me certificar de matar o piloto. Ele não se preocupava com o avião.

— *Connie*. — Raiva turvou a visão de Chase. Ele teria ido para a Shifter Wyvern, mas Ash moveu um braço para bloqueá-lo. — Você tentou matar *minha companheira*.

— Não sou uma assassina. — Ivy gritou, seus próprios punhos apertados. — Aceitei o dinheiro, mas apenas queria causar o acidente do avião. Tentei fazê-lo da melhor forma, para que o piloto pudesse se salvar com segurança, uma vez que percebesse o que estava acontecendo. Não queria machucar ninguém!

Chase olhou para Griff, que encolheu os ombros.

— Ainda falando a verdade.

Chase olhou fixamente para Ivy.

— Então, se você não está trabalhando para Sammy Smiles, para quem *está* trabalhando?

Ivy balançou a cabeça. — Eu não sei. Trabalho para ele por anos, vendendo venenos para usar contra seus rivais, principalmente. Não para matá-los! Apenas pequenas doses suficientes para tirá-los do negócio, quando precisava deles fora do caminho. — Ela não olhou para nenhum deles, com vergonha clara em seu rosto jovem. — De qualquer forma, ele sempre foi muito cuidadoso para não me deixar descobrir quem é.

— Quem mais poderia querer sua companheira morta? — Griff perguntou a Chase.

— Eu não sei, mas quando descobrir, estarão mortos. — Chase rosnou. — Ivy, se você quer ter alguma *chance* de não passar o restante de sua vida atrás das grades, é melhor me contar tudo o que sabe sobre este empregador. Agora!

Ivy se encolheu um pouco, suas costas ficaram pressionadas contra a parede do beco.

— Eu... eu não sei muito. Normalmente, ele me escreve, dizendo o que quer que faça, mas, ocasionalmente, envia agradinhos, então sei que ele deve ser uma espécie de shifter mítico. Hum. Sei também que ele é rico. Ah e tem uma coisa por shifters Pegasus.

— Você quer dizer que nos odeia? — Chase tentou pensar se alguém poderia querê-lo morto. A lista era, precisava admitir, potencialmente longa.

— Não, o oposto. Falou, claramente, que não deveria prejudicar nenhum shifter Pegasus. — Ivy olhou para ele, esfregando o lado distraído. — Claramente, você não sabia disso, no entanto, deve me agradecer, linha de arco íris. É muito difícil segurar-se, quando alguém está tentando chutar suas costelas.

Chase franziu a testa, tentando fazer as peças se encaixarem. Ele tinha uma sensação irritante de que deveria ser óbvio, que, simplesmente, não estava vendo algo...

— Ivy. — Ele disse lentamente. — Você disse que seu empregador ordenou que começasse este incêndio?

Capítulo Vinte e Um

Connie lutou com todas as forças, mas Killian, facilmente, prendeu-a, quando Sammy entrou na sala. O shifter tubarão era seguido por um homem magro e de olhos gelados, claramente um dos seus homens.

Connie encheu seus pulmões e gritou o mais alto que pode, esperando, desesperadamente, atrair a atenção de alguém, nos apartamentos vizinhos. Apenas conseguiu soltar um grito, antes que o homem de Sammy colocasse uma mão calosa sobre sua boca.

— Sinto que não tenha ninguém perto para ouvi-la. — Disse Killian recuando, enquanto o homem de Sammy assumia o cargo de restringi-la. O Shifter Pegasus se virou para Sammy, franzindo a testa. — Pensei que enviaria alguém. Podem me perguntar se você esteve aqui...

— Agora, por que teriam algum motivo para fazer isso? — Sammy respondeu. Ele manteve as mãos nos bolsos, tendo o cuidado de não tocar em nada. — Apenas queria garantir que o trabalho fosse feito corretamente.

Killian apontou o queixo para o sócio.

— Você está certo que ninguém será capaz de reconhecê-lo?

— Veja, essa coisa é boa em trabalhar com tipos submarinos. — O sorriso afiado de Sammy brilhou. — Muitos de nós quase nunca vimos a terra. Torna, realmente, fácil encontrar alguém para esse tipo de trabalho silencioso.

— Bom. — Killian olhou para o homem. — Diga-me que você é um shifter Wyvern. Alto.

— Eu sou um... shifter Wyvern? — Disse o homem desconcertado.

— Isso servirá. — O Shifter Pegasus tirou uma pequena faca do bolso. — Preciso dizer que pensei que você fosse um. Estamos prontos, então.

Killian desembainhou a faca. Era apenas uma lâmina pequena, mas Killian a tratava com tanta cautela, como se fosse uma arma carregada. A borda do aço parecia corroída e estava revestida com um fluido grosso e oleoso.

Killian segurou o punho nas pontas de seus dedos, oferecendo-o ao homem de Sammy. O homem o olhou, então olhou interrogativamente para Sammy.

O Shifter Tubarão balançou um pouco sobre as pernas.

— Agora, não posso dizer o que fazer, filho. Apenas direi que a pequena senhora aqui tem sido um forte espinho nos pés. Não que queira que alguém a machuque seriamente. — Ele mentiu.

Com um encolher de ombros, o homem pegou a faca oferecida em uma mão, ainda segurando Connie com o outro braço. Ela tentou afastar-se da lâmina, mas mesmo com uma mão, ele, facilmente, manteve-a imóvel.

Com um movimento rápido e praticado, levou a ponta afiada para sua bochecha. Aconteceu tão rápido, que Connie não sentiu nenhuma dor. Então, percebeu que não podia sentir *nada*. O entorpecimento absoluto espalhou-se pelo corte no seu rosto, terrivelmente rápido.

— Espero que não doa. — Disse Killian, com uma preocupação genuína. — Eu, especificamente, disse a minha Wyvern para me fazer um veneno que não lhe faria mal. Não quero que sofra, Connie.

— Você... não vai... escapar. — Connie forçou sua língua entorpecida. — Chase...

— Nunca saberá a verdade. — Killian terminou por ela com calma. Manteve os braços abertos, levantando a cabeça para o homem de Sammy. — Preciso dizer, com sinceridade, que tentei lutar contra você. Por favor, fique bem.

Connie entrou em colapso no chão, enquanto o homem a soltava. Ela apenas podia assistir, a paralisia espalhava-se por cada músculo de seu corpo, quando o homem Sammy deu uma batida rápida e completa em Killian. O seu desesperado pensamento foi para Chase, ela se lembrou de Ash dizendo que os shifters míticos eram telepáticos. Chase era seu companheiro. Ele poderia sentir sua angústia?

— *Chase!* — Ela gritou mentalmente, rezando para que pudesse ouvi-la, rezando que estivesse a caminho.

— Basta. — Killian ofegou, depois de alguns minutos brutais. Ele levantou a mão. — Isso servirá.

O homem olhou para Sammy, que levantou um dedo, coçando o nariz. Girou e ficou de pé, soltando um último golpe, diretamente no rosto de Killian. O Shifter Pegasus gritou, afastando-se.

— Isso foi por enviar meu avião até o fundo do mar. — Sammy disse, seu sorriso cruel e selvagem. — Vai me custar um bom dinheiro

para arrumá-lo. Você está certo que seu primo não notará que ele se foi?

— Eu lido com isso. — Killian endireitou-se novamente, sangue escorrendo de seu nariz quebrado. — Ele ficará muito devastado por perder sua companheira, para se preocupar com qualquer outra coisa.

— Melhor ter certeza. — Sammy olhou para seu homem, seus olhos negros e frios. — Apenas uma última coisa a fazer, então.

— Chefe? — O homem parecia confuso.

Ele não viu os cascos do Pegasus chegando.

— Pronto. — Disse Killian, mudando novamente. — Agora posso dizer que o shifter Wyvern entrou aqui e que o matei, mas não antes que conseguisse chegar à Connie, para o caso de Chase chamar seu amigo para verificar se a história é verdadeira. Você deveria ir agora.

— Ainda não. — Sammy agachou perto de Connie, olhando fixamente no rosto dela — Ninguém fica em meu caminho e vive para se gabar disso. Quero ver a luz sair dos olhos dela.

Chase...

Sua visão estava escurecendo. A última coisa que viu foi o sorriso nítido e triunfante de Sammy.

Capítulo vinte e dois

Chase...

Embora não estivessem totalmente vinculados, Chase podia sentir Connie chamando seu nome. Sua fraca voz mental ficava cada vez mais fraca a cada segundo.

Chase voou como nunca antes. Todas as dores de seu corpo maltratado desapareceram, não sentia nada, em comparação com a necessidade irresistível de chegar a Connie. Atravessou o céu noturno como uma estrela cadente, sem nem mesmo preocupar-se em se tornar invisível. Sua companheira precisava dele agora, *agora!*

...Chase...

Quando se aproximou de seu prédio, seu apelo psíquico desapareceu. Terror encheu seu coração. Não havia tempo para pousar, sem tempo para mudar. Bateu as asas tão forte quanto pôde, apontando para a janela.

Explodiu em um banho de vidro e estilhaços, levando toda a janela e uma boa parte da parede com ele. Mesmo no caos dos restos, Chase sabia exatamente onde Connie estava. Estava caída no chão, mal respirando, Sammy Smiles agachado sobre ela como um abutre.

Chase bateu os cascos, pulando a forma flácida de Connie, enquanto afastava o shifter tubarão. Sammy saiu voando, esmagando a parede distante, mostrou os dentes, seu corpo começou a inchar de forma monstruosa até uma cabeça de tubarão, mas Chase girou,

chutando-o com força no peito com os dois cascos traseiros. Sammy caiu e desta vez, não se levantou novamente.

— Chase. — Killian ofegou. Seu primo cambaleou para frente, a mão estendida, o rosto uma máscara de sangue. — Graças a Deus. Sammy trouxe...

— *Mentiroso!* — Chase bateu nele. Killian ofegou, quando toneladas de equino irritado esmagaram-no contra a parede.

— *Você contratou o Wyvern! Tentou matar minha companheira! VOCÊ!*

— Eu nunca a teria machucado. — Os olhos de Killian giraram, procurando por qualquer maneira de escapar, mas Chase o fez ficar sem espaço para mudar. — Apenas se acalme, para que possa explicar. Você também não quer me machucar, não realmente, eu sou seu primo!

Não somos parentes. O animal de Chase abaixou as orelhas contra o crânio. *Rival!*

Chase foi sobre seu primo, os cascos como ferro, diretamente, sobre a cabeça de Killian. Isso seria tão fácil...

Muito fácil.

Ele moveu a pata dianteira, cortando Killian, cuidadosamente, no lado da cabeça. Seu primo entrou em colapso, nocauteado.

Matar! Insistiu seu garanhão.

Não. Disse a seu Pegasus, afastando-se. *Ele feriu nossa companheira. Deve perder tudo, pois tentou tirar tudo de nós. Nunca mais voará, nunca correrá novamente, nunca mais será livre. Viverá o*

resto de sua vida atrás das grades e todos os dias, cada minuto de sua miserável existência, saberá que perdeu.

Chase ouviu o som de uma sirene, que se aproximava. Os amigos de Griff, da polícia, estavam a caminho. No entanto, não havia tempo para esperá-los. Podia sentir o pulso fraco de Connie, como se seu coração batesse dentro de seu próprio peito.

Chase agarrou a gola do colarinho de Connie com os dentes, de forma desajeitada, tentando envolvê-la em suas costas largas, mas pendia flácida, braços e pernas pendurados. Assim que a segurou, Chase se lançou no buraco da parede tão suavemente quanto pode, subindo de volta para o ar fresco da noite.

— *HUGH!* — Ele o chamou telepaticamente, seus sentidos de Pegasus se aproximando, para encontrar o paramédico. — *Eu preciso de você agora!*

— *Estou em um acidente de trânsito.* — A voz mental de Hugh era tão tensa e fria quanto sua física. — *Estou um pouco ocupado...*

— *Levarei Connie para você.* — Ele se moveu, encontrando a localização do paramédico. — *Acho que ela foi envenenada pelo veneno Wyvern.*

Hugh xingou, a imagem mental brilhante e profana. — *Então é melhor você chegar rápido.*

Chase voou o mais rápido que pôde. Cada leve deslizamento do corpo de Connie, em suas costas, fazia seu coração bater mais rápido. Continuou tentando se contrair de um jeito ou de outro, para evitar que ela deslizesse.

Felizmente, Hugh não estava longe. Em poucos minutos, Chase vislumbrou os cabelos brancos, que distinguiram o paramédico. Hugh estava ao redor de carros fumegantes, esmagados e empilhados ao lado da estrada. John Doe também estava empunhando uma mangueira para conter os veículos flamejantes e, sem dúvida, usando sua habilidade de dragão marinho para controlar a água, auxiliando o processo.

— Você está com sorte. — Hugh disse, enquanto Chase tocava ao lado dele. O paramédico limpava o sangue das mãos nuas com anti-séptico. — Acabei de expulsar a ambulância com as baixas. Vamos vê-la, então.

Chase mudou, pegando Connie em seus braços. Ele a colocou no chão, recuando, para permitir o acesso de Hugh. O paramédico agachou sobre ela, o rosto já mostrando preocupação e focado, quando passou os longos dedos sobre a pele. Sua respiração sibilou entre os dentes.

— Feche os olhos .— Hugh exigiu abruptamente.

— O que? — Chase o encarou surpreso. — Por quê?

— Porque preciso mudar para curá-la. — Hugh lançou um rápido olhar para John Doe, mas o shifter dragão do mar já estava de costas para eles, totalmente ocupado com o fogo do carro. O paramédico olhou de volta para Chase, franzindo o cenho com fúria. — Se você quer que salve sua companheira, então feche seus malditos olhos!

Chase teria arrancado seus próprios olhos, se salvasse Connie. Ele os apertou com a força, rezando desesperadamente, enquanto o fazia.

Por favor. Por favor, deixe isso funcionar...

Uma luz suave e prateada brilhava através de suas pálpebras fechadas. Uma fragrância fraca e evasiva encheu o ar, como lilás depois da chuva. Tudo pareceu ficar quieto e silencioso. Todas suas dores e contusões desapareceram, lavadas por aquele brilho sutil e curativo.

O que é isso? Seu Pegasus moveu as orelhas, as narinas queimavam, como se sentissem um cheiro familiar. *Parente?*

Quieto. Chase manteve os olhos fechados, não se atrevia a arriscar distrair Hugh de sua tarefa. Jurou para si mesmo que nunca mais provocaria Hugh, por suas formas misteriosas, se ele pudesse curar Connie agora.

A luz desapareceu.

— Pronto. — Disse Hugh, soando exausto, mas satisfeito.

— Connie! — Chase ficou ao lado dela. Ele a puxou, enquanto respirava fundo.

— Ela está estável agora, mas ainda precisa de fluidos e descanso.

— Hugh se levantou, puxando suas luvas cirúrgicas de volta. — Chamarei uma ambulância.

Chase afastou o cabelo de Connie de seu rosto branco.

— Estou aqui, Connie. Eu tenho você. Tudo ficará bem.

Seus olhos abriram-se. Olharam para ele, ampliando-se.

— Chase. — Connie disse, alegria e amor brilhando no rosto. Ela se apertou contra seu peito, apoiando-se nele com confiança perfeita. — Sim.

Epílogo

Uma semana depois

— Você está espreitando? — Chase exigiu saber desconfiado.

— Não estou, juro! — A risada de Connie chegou aos seus ouvidos. A venda no rosto fazia cócegas no nariz, com cada passo que Chase dava. — Mas juro que irei, se não me contar em breve. Quando disse que tinha uma surpresa, pensei que quisesse dizer perto!

— Quase lá. — Prometeu Chase, o que ele disse antes há cinco minutos, quando a puxou em seus braços e quinze minutos antes *disso*, durante o passeio de carro do hospital. Connie estava começando a se perguntar se a próxima etapa da misteriosa jornada envolveria um jato. Ela não embarcaria nele.

Desta vez, no entanto, parecia que estavam quase lá. Connie sentiu uma vibração e ouviu um sinal sonoro, seguido de um ruído mais alto, que soava como uma grande porta de garagem deslizando. Depois de um momento, o ruído parou e Chase, finalmente, colocou-a, novamente, em seus pés.

— Eu não consegui encontrar um cartão: *Fico feliz que você está completamente recuperada de ser envenenada por Wyvern*. — Disse Chase, enquanto soltava a venda de seda ao redor de sua cabeça. — Hallmark parece ter negligenciado essa oportunidade, estranhamente. Então, tenho um presente.

Connie piscou, brevemente deslumbrada pelas luzes brilhantes, depois de ficar com os olhos fechados por tanto tempo. Por um

segundo, apenas teve uma impressão vaga de um grande, brilhante, borrão verde-oliva na frente dela...

— Oh. — Ela ofegou, quando sua visão ficou clara. — *Oh.*

O Spitfire estava ali, apoiado por andaimes de um lado, onde a roda esquerda foi arrancada. Havia grandes cortes no baixo ventre do avião, e ambos os cockpits estavam completamente esmagados. A hélice estava dobrada e torcida.

Mas era dela.

Seu Spitfire.

O avião de sua mãe.

— Eu sei que parece uma bagunça. — Chase disse ansioso, enquanto ela vagava em direção ao Spitfire. — Mas John procurou no fundo do mar e jura, pela honra de seu povo, que encontrou todas as partes. Limpei tudo o melhor que pude, mas não sei como consertá-lo e não confiei em mais ninguém para trabalhar, sem a sua aprovação. Juro, vamos restaurá-lo, não importa o que. Pode ter tudo o que precisa ou eu poderia contratar especialistas... Connie?

Suavemente, como se o Spitfire pudesse se afastar como um veado assustado, se ela se movesse muito rápido, Connie colocou a mão na superfície maltratada do avião.

— Olá novamente, querido. — Ela sussurrou.

Chase soltou um suspiro de alívio. — Então ele está bem?

— Perfeito. — Connie acariciou o avião, piscando as lágrimas, para poder tocá-lo novamente. — Levará algum tempo, mas farei com que esteja como novo. Será como... será como trabalhar com minha

mãe. Reparando as mesmas coisas que ela corrigiu, todos esses anos atrás...

Chase ficou atrás dela, suavemente apoiando as mãos em seus ombros.

— Acho que ela gostaria disso. Ficaria muito orgulhosa de você. — Uma nota levemente dolorida entrou em sua voz. — Eu diria que ficaria mais orgulhosa do seu pai, mas não tenho certeza de que seja humanamente possível.

Connie riu, recostando-se contra o amplo peito. — Então, acho que ele deve ter submetido você à história de como ganhei a Copa Rydon com um avião emprestado, do ultimo lugar e de cabeça para baixo.

— Duas vezes. Eu *queria* tentar lembrá-lo que estava realmente lá, mas continuou falando de qualquer maneira. — Chase soou ofendido. — Queria poder dizer o que realmente aconteceu. Minha versão da história é muito melhor.

— Isso é bem pouco para você, ter que segurar sua língua enquanto outra pessoa fala desta vez. — Connie mordeu o lábio. — Um. Enquanto conversamos sobre aviões... tenho uma confissão a fazer. Sobre seu Spitfire.

— É seu Spitfire. — Disse Chase sem hesitação. — Seu outro Spitfire. Não a deixarei devolver.

— Bom, porque não posso. — Connie inclinou a cabeça para olhar para ele. — Troquei com meu pai. Ele pode usar, exhibir, vender, o que quiser, mas estará por conta própria. Cansei de resgatá-lo. Eu o amo, mas não posso passar por isso novamente.

— Você não irá. — Chase disse com ferocidade, seus braços apertando-se ao redor dela. — Juro. Fico feliz que esteja abrindo suas próprias asas por fim. Seu pai também precisa aprender a voar sozinho.

— Falando de pais. — Connie levantou as sobrancelhas para ele. — Você falou com o seu?

— Sim. — Ela sentiu todos os músculos tensos. — Com Killian na prisão, as Empresas Tiernach está um caos. Meu pai precisa estabilizar as coisas o mais rápido possível. Ele tem algumas substituições potenciais alinhadas, mas ainda prefere que eu assuma o cargo de CFO.

Connie colocou a mão sobre as dele, apertando-as.

— Você poderia?

Ele olhou para ela, seus olhos escuros e ilegíveis.

— Você quer que o faça?

— Quero que você seja feliz. — Disse ela. Seu polegar fazia círculos calmantes na parte de trás de sua mão. — E de alguma forma, não acho que ficar sentado atrás de uma mesa o dia todo faria isso.

Ele soltou uma risada breve e afiada.

— Não.

Chase ficou em silêncio por um longo momento, seu rosto sombreado.

— Ele me levou aos bombeiros, eu já lhe contei isso? Killian, quero dizer. Depois que você foi embora anos atrás. Estava decidido a correr cegamente ao redor do mundo, à sua procura, mas ele me convenceu a

deixar isso para detetives profissionais. Precisava de algo para me manter ocupado, então Killian me contou sobre essa equipe shifters da qual ouviu falar. Achou que isso poderia me ajudar.

— Ele o conhecia muito bem. — Disse Connie suavemente.

— E isso me *serviu*. — Admitiu Chase. Gradualmente, a tensão diminuiu de seu corpo, ainda que parecesse subjugado. — Eu gosto de fazer algo real, que exige toda minha mente, força e habilidade. Gosto de usar meus talentos para ajudar pessoas. Você não se importa se ficar? Quer dizer, é um trabalho perigoso. Não gostaria que se preocupasse constantemente comigo.

— Chase, eu voou aviões de guerra vintage WWII para ganhar a vida. — Disse Connie veementemente. — Exatamente, qual de nós deve ficar preocupado com o outro, novamente?

Ele riu e Connie ficou satisfeita por ser uma verdadeira risada desta vez, calorosa e sem restrições.

— Você tem um ponto. — Chase inclinou a cabeça para o lado. — Ei. Disse que trocou seu outro Spitfire com seu pai, mas não disse pelo que. O que conseguiu em troca?

Connie acariciou seu Spitfire novamente. — A outra metade disso. Quando minha mãe morreu, ela deixou ações para mim e meu pai do seu avião, usei seu Spitfire para comprá-lo. Ele é todo meu agora.

— E ninguém será capaz de tirá-lo de você, novamente. — Chase terminou por ela, com grande satisfação.

— Bem... isso não é estritamente verdadeiro. — Connie se virou em seus braços, recuando um pouco, para que pudesse encontrar seus olhos corretamente. — Porque estou dando metade dele para você.

A boca de Chase se abriu.

— Connie...

Ela colocou um dedo em seus lábios, silenciando-o.

— Eu sei que você não precisa de dinheiro. Mas também não quero começar a ter dívidas com você também. Então insisto. Ele é metade seu e metade meu, é isso.

Seu rosto ficou sério, seus olhos arregalados e escuros, enquanto olhava para ela.

— Nossas vidas juntas?

Connie ficou nos dedos dos pés para beijá-lo, em resposta. Sua boca era leve e gentil na dela, como se mal ousasse respirar.

Então, suas mãos aproximaram-se de forma suave de seu rosto. Seus dedos longos e ágeis a acariciaram enquanto Chase aprofundava o beijo. A doçura dele percorreu o corpo de Connie, até que ela sentiu como se suas mãos fossem a única coisa que a impedia de flutuar até o céu.

— Nesse caso. — Chase murmurou em seus lábios. — Eu tenho uma pergunta para você.

Mesmo que Connie, realmente, estivesse acostumada a isso, seu coração acelerou, enquanto ele ficou de joelho.

— Constance West. — Chase segurou sua mão. — Você quer ser minha companheira?

Connie piscou para ele.

— Tudo bem, tenho que admitir, não era isso que esperava. Pensei que já fosse sua companheira.

— Você é. Mas não estamos *acasalados*. É... diferente. — Ele parecia lutar, tentando encontrar palavras para explicar. — Existe uma espécie de ritual que fazemos. Depois, seremos verdadeiros companheiros.

— Como Virginia e Dai? — Connie perguntou. Lembrou-se da conexão profunda e poderosa entre o shifter dragão e sua companheira, tão forte que era quase visível.

Chase assentiu.

— Poderemos conversar telepaticamente, como faço com os outros shifters míticos. Saberemos o que o outro sente, compartilharemos nossos desejos e necessidades mais profundas. Ficaremos verdadeiramente unidos. Para sempre.

Connie prendeu o folego.

— Ah sim. *Sim*. Vamos fazer isso.

Ela podia ver claramente a alegria de Chase brilhando em seus olhos, era como se suas almas já estivessem juntas. — Agora?

Connie riu, sentindo-se maravilhosamente selvagem e imprudente.

— Sim agora! *Podemos*? O que devemos fazer?

— Há alguns passos para nos aproximar. — Chase se levantou, segurando as duas mãos nas dele. — Primeiro, voamos de volta ao meu apartamento.

— Suponho que não será voando em um avião. — O pulso de Connie acelerou, com a perspectiva de montar novamente no Pegasus, em parte com entusiasmo, mas também com nervosismo.

Connie nunca montou. Quando criança, enquanto a maioria de seus amigos ficavam loucos, ela estava em seu quarto, com cartazes de aviões de guerra vintage.

Chase não me deixaria cair.

— O que acontece, depois que voltarmos para seu apartamento? — Ela perguntou a ele.

Um sorriso lento e perverso espalhou-se pelo rosto de Chase, acendendo um calor de resposta em seu ventre. — Para descobrir isso, terá que me montar.

Chase recuou alguns passos. Sua forma alta e forte brilhou. Em um piscar de olhos, o Pegasus preto estava diante dela.

Toda a respiração saiu dos pulmões de Connie. Ela não teve a chance de vê-lo assim antes. O arco elegante de seu pescoço forte teria deixado com vergonha o melhor garanhão árabe. Mas, enquanto ele tinha a graciosa e magra construção de um cavalo de corrida de raça pura, suas costas eram mais altas que o topo da cabeça. Ele era o maior cavalo que já viu.

Impressionada, rodeou-o. Ele ficou parado para deixá-la olhar, embora suas orelhas alertas girassem para segui-la. As luzes reluziam brilhantes e azuis, em suas asas dobradas. Seu elegante casco preto tinha a mesma iridescência, mas mais sutil. Ele brilhava, como se fosse esculpido a partir de uma opala negra.

Chase se ajoelhou, esticando uma asa. Em um milésimo de segundo, Connie subiu nas costas dele. Precisou subir seu vestido um pouco para montá-lo, sua pele quente e suave, contra suas coxas nuas. Ele permaneceu firme, enquanto colocava as pernas sob as asas dobradas.

— Tudo bem. — Disse ela, quando se sentiu tão segura quanto pode. Para se sentir mais tranquila, apertou um pouco seus lados com as pernas. — Estou pronta.

Chase deu um único e delicado avanço e parou.

— Eu disse que estou pronta. — Ela o cutucou novamente, um pouco mais forte. — Vamos!

Chase curvou o pescoço para olhá-la, os olhos negros sérios e inocentes. Então começou a se aproximar da porta a um ritmo tão tranquilo, que poderia ser ultrapassado por uma tartaruga.

Connie revirou os olhos. — Não pense que não sei o que você está fazendo. Mas se insiste...

Ela o chutou forte nas costelas com os calcanhares, como um cowboy em um filme. — *Aiô, Silver! Vamos!*

Chase bufou. Connie, instintivamente, agarrou sua crina sedosa, enquanto os grandes músculos moviam-se sob sua pele macia e escura.

Então, ele *correu*.

Connie gritou, lançando-se contra seu pescoço, quando Chase passou de parado para um galope pleno, em poucos segundos. No instante em que ficaram livres, suas asas se abriram, cada uma

cobrindo o braço inteiro de Connie. Ele bateu suas asas, impulsionando-se com o cascos traseiros, enquanto deixavam o chão.

Não era como voar em um avião. O vento rugiu ao redor dela, chicoteando a longa crina negra de Chase em seu rosto, enquanto subia para o céu. O chão se afastou em uma velocidade vertiginosa. Connie se agarrou a ele, seus braços ao redor do pescoço dele tão apertado, que se preocupou que pudesse sufocá-lo.

No entanto, mesmo com toda a velocidade aterradora e a falta de qualquer tipo de equipamento de segurança, ele a carregou tão suavemente, quanto seu próprio avião. Connie podia sentir o movimento constante de seus músculos, ajustando-se, para combinar cada pequena mudança em seu próprio corpo.

Gradualmente, o corpo de Connie foi se acalmando, assim como as batidas de seu coração. Ela ousou sentar-se um pouco, apertando os olhos contra o vento. Brighton se espalhava por baixo deles, o pôr do sol transformando seus antigos e majestosos edifícios em ouro. Connie nunca conseguiu olhar para baixo, enquanto voava antes. O mundo inteiro espalhava-se aos seus pés, intrincado e convidativo.

Ela riu alto de pura alegria. Chase subiu no ar, mostrando seu prazer.

Muito ousada, Connie soltou sua crina. Chase ficou firme como uma pedra debaixo dela. Ao fechar os olhos, abriu os braços. O vento atravessava seus dedos estendidos. Pela primeira vez, em sua vida, realmente soube o que era *voar* como um pássaro, nas suas próprias asas.

Chase inclinou uma asa para baixo. Connie deslocou seu peso, percebendo os sutis movimentos de seus músculos sob suas coxas nuas, o que ele faria, mesmo antes de começar a descer em espiral. Ela podia ver o jardim do telhado de Chase abaixo deles. As luzes minúsculas e cintilantes marcavam suas bordas, guiando para o gramado de pouso.

Os cascos de Chase tocaram suavemente. Ele se ajoelhou novamente, para permitir que descesse. Connie deslizou de suas costas, sentindo-se um pouco saudosa de seu voo. Deixando a bochecha contra sua pele brilhante, ela abraçou seu pescoço com força.

— Isso foi incrível. Parte de mim deseja que possamos ficar no céu para sempre.

A pele lisa e lustrosa do Pegasus se dissolveu, sob suas mãos e ficou a quente pele humana. Os braços de Chase se moveram ao redor dela.

— Então, é melhor fazer valer o seu tempo para descer.

Connie ofegou, sentindo a ereção pressionando contra seu estômago macio, enquanto ele a afastava. Seus olhos eram piscinas escuras de desejo. Apesar de sua clara necessidade, beijou-a, levemente. Connie fechou os olhos, derretendo contra ele, enquanto Chase, suavemente, explorava e saboreava sua boca. A língua enviava prazer por suas veias e uma onda de umidade, entre suas coxas.

Com fome por mais, Connie tentou aprofundar o beijo, mas suas mãos fecharam-se sobre seus ombros, segurando suas costas. —

Lentamente. — Ele disse com voz rouca. — Desta vez, nós levaremos as coisas lentamente. Quero explorar cada centímetro seu..

Connie passou as mãos sobre o peito, sentindo a força de seus músculos sob a suave camisa de algodão. Deixou os dedos moverem-se para baixo, abrindo o botão do jeans.

— Eu digo o mesmo.

Chase recuperou o fôlego, enquanto tocava levemente a protuberância de seu pau firme.

— Sim. Oh, *Deus* sim. — Ele segurou seu pulso. — Embora, talvez você não devesse começar.

Retrocedendo um pouco, ele puxou a camisa por cima da cabeça. Connie suspirou. O pôr do sol destacava os belos planos de seu torax, cada músculo definido. Emoldurado por luxuriantes roseiras que atravessavam o jardim, ele parecia uma estátua clássica, trazida à vida.

Ao segurar as mãos nas dele, Chase colocou as palmas das mãos contra os ombros, incentivando-a explorar. Ela moveu sobre sua pele quente, quase incapaz de acreditar que este deus grego era, realmente, seu.

Seu peito se levantou bruscamente, enquanto ela roçava os duros mamilos. De alguma forma, podia sentir o choque de prazer que o atravessava, como se sentisse em seu próprio corpo. Podia sentir como sua pele ansiava cada toque, como o leve arranhão de suas unhas, que fazia com que seu desejo aumentasse, quente e urgente.

Querendo vê-lo, Connie empurrou o jeans e a cueca sobre seus quadris magros. Chase apertou os punhos e os músculos abdominais,

quando ela se ajoelhou para tirar o restante de suas roupas. Podia sentir o quanto era difícil para ele se segurar, e quanto queria tocá-la.

Seu pau duro esticou-se acima dela, grosso e cheio. Mesmo sabendo que queria ir com calma, Connie não conseguiu resistir em prová-lo apenas um pouco. A respiração dele explodiu, enquanto ela passava a língua pelo grosso eixo. Chase a puxou para cima, tão forte e rápido, que ela quase cambaleou.

— Minha vez agora. — Ele disse, um calor feroz queimando em seus olhos.

Como se não pudesse se segurar por mais tempo, suas mãos fortes soltaram, rapidamente, os botões da frente de seu vestido. Ele empurrou o tecido sedoso de seus ombros e Connie se contorceu um pouco, de modo que o vestido caiu aos seus pés.

— Tão linda. — A mão de Chase tremia, enquanto tocava as curvas de seu ombro, movendo a alça do sutiã. — Minha bela companheira. Deixe-me vê-la. Adorá-la.

O toque aqueceu sua pele, enquanto ele tirava o sutiã. Os dedos leves e provocantes percorriam suas curvas, movendo-se para baixo, para ficar sob a calcinha. Lentamente, ainda olhando para ela, Chase se ajoelhou, puxando a calcinha para baixo. Seu toque nas coxas era uma tortura requintada, deixando-a sem fôlego e com vontade de mais.

— Connie. — Chase disse em um tom rouco, a voz traindo seu próprio desejo. Ele a puxou para baixo, segurando-a em seus braços e a inclinando na grama macia. As mãos percorreram as pernas, abrindo-as, para que ele pudesse se ajoelhar entre elas. — Minha companheira.

Totalmente exposta, diante de seu olhar faminto, a suave brisa acariciando sua pele nua, Connie nunca se sentiu mais bonita. Ele a olhava como se fosse um milagre, uma deusa, tudo o que poderia desejar.

Chase abaixou a cabeça, deixando uma trilha de beijos na sua sensível coxa interna. Connie gemeu, colocando os dedos nos seus cabelos, tentando impulsioná-lo, para ir mais rápido. Ainda assim, ele se conteve, tomando seu tempo, fazendo-a tremer frustrada, enquanto lentamente a acariciava.

Quando sua língua, finalmente, passou por suas dobras molhadas, os quadris de Connie se moveram e ela sentiu um choque elétrico percorrendo seu corpo. Abrindo-a com os dedos, ele a lambeu com firmeza, cada toque fazendo-a se contorcer e soluçar com prazer desamparado. Essa crescente conexão entre eles mostrava, exatamente, como tocá-la e o que ela precisava para atingir o limite. Ela se arqueou, quando o orgasmo percorreu-a.

— *Por favor, mais, agora!*

— Sim. — Chase ofegou.

Afastando-se, ele se virou. As mãos fortes, em seus quadris, empurraram-na e colocou em seus joelhos, puxando-a contra ele. Seu tronco pressionou contra suas costas, enquanto Chase a elevava, sem esforço, para a posição que queria. A antecipação percorreu o corpo de Connie, enquanto o pau duro esfregava-se contra sua boceta ansiosa, os sucos escorriam na cabeça inchada. Ela nunca se sentiu tão pronta, tão desesperada.

Com um único impulso forte, ele entrou, completamente, nela. Era como se fundisse sua mente, sua própria alma, ao mesmo tempo. Seu amor por Connie a envolveu, enquanto seu corpo envolvia o dele. Ela gritou, presa na sensação, tudo sumiu ao seu redor, exceto Chase. Combinou com ele os impulsos, juntos e chegaram ao orgasmo em uma perfeita união.

— *Meu companheiro!*

Chase mordeu a base de seu pescoço, quando empurrou uma última vez. A pontada de dor intensificou seu êxtase, levando ao orgasmo novamente. Sua satisfação feroz em marcá-la encheu-s tanto, quanto sua semente.

Ela era sua agora, como ele era dela.

Para sempre.

Eles caíram na grama juntos, respirando tão forte, como se tivessem acabado de correr uma maratona. Connie sentiu-se deliciosamente exausta, os músculos pareciam gelatina. Ela se aconchegou a Chase novamente, prendendo os dedos entre os dele.

— Então... estamos acasalados agora?

— *Oh sim.* — Sua voz não soou em seus ouvidos, mas dentro de sua cabeça. Connie se virou surpresa e Chase riu. — *Muito bem acasalado.*

— *Bom!* — Ela pensou e soube que a ouviu, devido a surpresa que demonstrou, ao olhá-la. Contorceu em seus braços, para encará-lo. — *Nesse caso, tenho uma pergunta para você.*

Fim

Avisos

AVISO 1

Por favor, não publicar o arquivo do livro em comunidade de redes sociais, principalmente no facebook! Quer baixar livros do PL? Entre no grupo de bate-papo, entre no fórum, no blog, lá você encontrará toda a biblioteca do PL ou envie por email a quem pedir.

Postagens de livros no facebook podem acarretar problemas ao PL!

Ajude-nos a preservar o grupo!

AVISO 2

Gostou do livro e quer conversar com sua autora favorita? Evite informá-la que seus livros em inglês foram traduzidos e distribuídos pelos grupos de revisão! Se quiser conversar com ela, informe que leu os arquivos no idioma original, mas, por favor, evite tocar no nome do PL para autores e editoras!

Ajude a preservar o seu grupo de romance!

A equipe do PL agradece!

AVISO 3

Cuidado com comunidades/fóruns que solicitam dinheiro para ler romances que são trabalhados e distribuídos gratuitamente!

Nós do PL somos contra e distribuímos livros de forma gratuita, sem nenhum ganho financeiro, de modo a incentivar a cultura e a divulgar romances que possivelmente nunca serão publicados no Brasil.

Solicitar dinheiro por romance é crime, é pirataria!

Seja esperta (o).